

Os Padrões Evangélicos

Paulo Alves Godoy
Federação Espírita do Estado de São Paulo

LIGEIRAS PALAVRAS DO AUTOR

“Os Padrões Evangélicos” são o terceiro livro de crônicas que estamos lançando. Ele foi antecedido por “Crônicas Evangélicas” e “O Evangelho Pede Licença”.

Ao publicarmos mais este repositório de crônicas já divulgadas através dos órgãos “O Semeador”, “Unificação” e “O Clarim”, move-nos tão-somente o intuito de contribuir na ingente e impostergável tarefa de difundir os ensinamentos contidos nos Evangelhos de Jesus Cristo, esclarecidos pelas luzes da Doutrina Espírita.

A época em que vivemos, no dizer de muitos, é verdadeiramente apocalíptica. A violência campeia à solta em quase todos os países. Os preconceitos religiosos imperam no seio de muitos povos. Lutas fratricidas com copioso derramamento de sangue se desenrolam em nações de profundas raízes religiosas, entre dois grupos dissidentes, ambos portando a bandeira cristã. Há evidente ingerência da política em religião e vice-versa, As religiões chamadas majoritárias, sentem-se impotentes para equacionar as indagações de seus adeptos. A figura exponencial do Cristo de Deus é apresentada, por muitos, sem a auréola de respeito que sempre a caracterizou. Tudo isso indica que muitos homens estão divorciados da religião, o que significa a decadência espiritual de. apreciável parcela do gênero humano.

Enfim, toda uma gama de problemas surge aos olhos atônitos dos que estão animados do verdadeiro espírito religioso, problemas esses que em alguns aspectos parecem insolúveis. Por isso, mais do que nunca se faz necessária a presença do Cristo no cenário do mundo, presença essa que não precisa ser da forma física como o foi da última vez, mas, sim, pela implantação sistemática dos seus ensinamentos, os quais devem constituir os alicerces da nova civilização do porvir.

Dizia o grande escritor Coelho Neto, referindo-se aos Evangelhos: “É dele que tiro a água para a minha sede de verdade; é dele que tiro o pão para a minha fome de consolo; é dele que tiro o bálsamo para as dores das minhas agonias. É o vaso em que, semeando a Caridade, vejo sempre verde a Esperança, abrindo-se na flor celestial que é a Fé”.

A Humanidade, mais do que nunca, precisa dos consoladores ensinamentos evangélicos, pois eles estancam todas as lágrimas, curam todas as chagas; são a verdade que nos encoraja na grande caminhada pela estrada da vida, lançando luzes sobre a nossa senda, permitindo-nos evitar as quedas, prever os obstáculos, enxergar os despenhadeiros, evitar a prática do mal e assimilar as primícias do bem.

Alicerçando-se, pois, sobre a excelência dos ensinamentos do Meigo Rabi da Galiléia, “Os Padrões Evangélicos” representam mais uma tentativa no sentido de prestar um contributo, embora bastante singelo, na gigantesca tarefa de fazer com que

os homens relembrem tudo aquilo que, há pouco menos de vinte séculos, foi espargido às margens do Lago de Genesaré, nos montes e nas planícies da velha Palestina, ensinosa que até os dias presentes continuam a empolgar as almas de todos nós.

OS PADRÕES EVANGÉLICOS

“Vós sereis meus amigos se fizerdes o que eu vos mando.”

(João, 16:14)

“Porque tudo quanto ouvi de meu Pai vos tenho feito conhecer.”

(João, 16:15)

Quase tudo na Terra é regido por padrões. No campo da Física, da Química, da Mecânica, da Arquitetura, da Arte, os padrões são necessários, e, quando devidamente aplicados, resultam em segurança e em perfeição.

Esses padrões são elaborados através de profundos trabalhos de pesquisa, e, de um modo geral, representam o esforço de grupos de estudo, que os estabelecem após experiências práticas e comprovadas.

No que tange aos assuntos evangélicos, também existem padrões estabelecidos pelo Cristo, dos quais não podemos nos furtar, a menos que ocorra um desequilíbrio em nossa vida, ou que, pelo menos, retardemos a nossa caminhada para Deus. Em outras palavras, da exata aplicação desses padrões, resultam melhores ou piores conseqüências para a nossa alma, em seu processo de reajustamento para com a justiça divina.

Os padrões estabelecidos pelo Cristo são normas que devem ser obedecidas em nossas provações terrenas. Da inobservância delas, surgem as expiações, muitas vezes danosas e as quais acarretam um retardamento sensível em nosso processo evolutivo.

Jesus Cristo estabeleceu vários padrões e, para esclarecer-nos, ilustrou os Evangelhos com fatos ou parábolas que melhor conseguiram refletir esses parâmetros.

O primeiro e principal padrão é o do amor a Deus sobre todas as coisas. Nesse particular, ele próprio nos ensinou o exemplo, enaltecendo sempre a paternidade de Deus e demonstrando a sua submissão em relação ao Pai. No colóquio com a Mulher Samaritana (João, 4:1-30), ele revelou o Deus verdadeiro, que quer ser venerado pelos verdadeiros adoradores, os quais executam a sua soberana vontade, demonstrando assim que o amam acima de todas as coisas.

Outro padrão de suma importância é o do amor ao próximo como a si mesmo. Para nos ensinar como praticá-lo, nos legou a Parábola do Bom Samaritano (Lucas, 10:25-37), na qual deparamos com um homem samaritano dando a mais insofismável demonstração de amor incondicional e irrestrito para com o seu próximo.

Um outro padrão bastante significativo é o da prática do perdão. Nesse caso o Mestre apelou para a Parábola do Credor Incompassivo (Mateus, 18:23-35), onde

deparamos com um rei que deliberou perdoar os débitos de uma pessoa que lhe devia grande quantia e, a fim de consolidar melhor a fórmula adequada para a aplicação desse padrão, ele asseverou a Pedro que deveríamos perdoar o nosso irmão não sete vezes, mas setenta vezes sete.

A fim de nos ensinar o padrão do resguardo da avareza e do egoísmo, ele nos ensinou a Parábola do Rico e de Lázaro, dando uma mostra das agruras que aguardam aqueles que não observam os padrões que regem a posse transitória dos bens terrenos e o mau uso das riquezas terrenas.

Dentre os padrões estabelecidos pelo Cristo, existe um que diz respeito ao orgulho, e, para elucidá-lo melhor aos seus discípulos, ele lembrou a Parábola do Fariseu e do Publicano (Lucas, 18:9-14), em cuja passagem evangélica o fariseu deixou transparecer todo o seu orgulho, e absoluta falta de tolerância para com o publicano arrependido.

O padrão que diz respeito à necessidade de não escondermos os benefícios recebidos do Alto, fazendo com que eles se tornem úteis apenas para nós, evitando que eles produzam frutos em abundância, nos é revelado na Parábola dos Talentos (Mateus, 25: 14-30).

Muitos outros padrões foram estabelecidos pelo Cristo:

— Para nos facultar uma compreensão sobre o padrão da fé, ele nos propiciou a descrição da cura do servo do Centurião de Cafarnaum (Lucas, 7:1-10).

— Para entendermos o padrão da lealdade, o Mestre nos ensinou o episódio da traição, no qual Judas Escarlotes abandonou sua carreira apostólica a troco de trinta moedas de prata (Marcos. 14:43-51).

— A fim de amalharos um tesouro nos Céus, o Mestre ensinou-nos conhecer os padrões da responsabilidade, ensinando-nos a Parábola das Dez Virgens (Mateus, 25: 1-13) .

Os que não seguem os padrões do Cristo são, obviamente, os que negligenciam com seus deveres na Terra, menosprezando os benefícios que os Céus, por excesso de misericórdia lhes concede. Entre estes últimos situam-se os que não usam de misericórdia, de fraternidade, de compreensão e de amor para com seus semelhantes; não se enquadram também nesses padrões os que são tardios na aplicação da justiça, os que tergiversam com os menores deveres de Humanidade e de tolerância para com seus semelhantes.

Somente estão perfeitamente enquadrados nesses padrões os que conhecem a vontade de Deus e a executam.

NO ALTAR DA CONSCIÊNCIA

“Se trouxeres a tua oferta ao altar e aí te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa ali a tua oferta e vai reconciliar-te primeiro com teu irmão.”

(Mateus, 5:23-24)

O dizer de Jesus Cristo, transmitido pelo apóstolo Mateus, sem dúvida alguma não se refere aos altares das igrejas e, tampouco, a oferenda consiste em qualquer coisa que representa valor de ordem material.

A nossa consciência é um altar e somente quando ela estiver suficientemente limpa, poderemos oferecer oblatas a Deus, porém estas devem ser de ordem bem diversa. Na realidade, a melhor oferta que poderemos fazer ao Pai é enveredarmos pelo caminho da reforma íntima, com a consciência retilínea e isenta de quaisquer gravames.

Maria Madalena ofereceu-nos a melhor exemplificação dessa assertiva, pois, melhor do que ninguém, ela assimilou a admoestação de Jesus Cristo. Defrontando-se com o Mestre, ela deixou para trás todas as suas viciações e dessa forma ofereceu a Deus, no altar de sua consciência, um coração predisposto à conquista da reforma interior, o que ela conseguiu fazer de forma ampla, reencontrando-se a si mesma.

No passado, era costume entre os judeus oferecer a Deus sacrifícios de cordeiros, pombos e produtos da terra. No seio dos povos politeístas ofereciam-se aos deuses sacrifícios de crianças, escravos e prisioneiros. Na Idade Média era conceito generalizado que Deus se comprazia com o cheiro de carne assada dos hereges, e quem conseguia levar um apóstata à fogueira julgava que, no altar de sua consciência, estava prestando um serviço a Deus.

Para se estar com a consciência livre, a ponto de poder conduzir-se dentro dos parâmetros estabelecidos por Jesus Cristo, e que se traduzem na fidelidade às recomendações evangélicas, toma-se imperioso que as pessoas apliquem, a si próprias, tudo aquilo que está contido nas leis morais, e que o Mestre sintetizou no “amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”.

É óbvio, pois, que, amando a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo, o homem não mata, não furta, não comete adultério, não cobiça as coisas alheias e nada faz daquilo que lhe é vedado fazer pelos dez mandamentos. O melhor meio de se saber o que não é bom para o nosso próximo, é aquilatar se isso é bom ou não para nós.

Desta forma, para se poder oferecer a Deus uma consciência isenta de pecados, é necessário ao ofertante lembrar-se de que, se existe qualquer animosidade para com o seu próximo, deverá primeiramente sacrificar o seu orgulho, perdoando a sua falha, harmonizando-se com seu irmão. Desta maneira, o Pai, vendo a sua boa vontade em acertar e reformar-se, aceitará a sua oferenda de fraternidade e de amor, no altar de sua consciência.

Jesus Cristo esteve na Terra durante trinta e três anos, entretanto a sua missão pública foi desenvolvida em apenas três curtos anos. Nesse lapso de tempo, poucos foram os que realmente assimilaram os seus ensinamentos no tocante à prática dos padrões por ele estabelecidos.

Se pesquisarmos o contingente de pessoas que, de um modo ou de outro, teve contato com o Mestre, poderemos indicar bem poucos que realmente se enquadraram nesses padrões, podendo-se, dentre eles, destacar as personalidades inconfundíveis de Maria Madalena e de Paulo de Tarso.

Para se tornar uma criatura que realmente rege sua vida pelas normas instituídas por Jesus Cristo, é imperioso seguir a sua ordenação no sentido de “tomar

de sua cruz e segui-lo”; entretanto, quem tomar essa decisão deverá se despir de uma série de preconceitos, tradições e facilidades que a vida humana oferece, devendo nesse caso lembrar a recomendação por ele formulada: “Buscai antes o reino de Deus e sua justiça, e todas as demais coisas vos serão acrescentadas”.

NÃO ESTÁS LONGE DO REINO DE DEUS

“E Jesus, vendo que havia respondido sabiamente, disse-lhe: Não estás longe do reino de Deus.”

(Marcos. 12:34)

Narrou o evangelista Marcos (12:28-34) que um escriba, aproximando-se de Jesus Cristo, perguntou-lhe: *Qual é o primeiro mandamento? O Mestre respondeu-lhe: O primeiro de todos os mandamentos é: ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor. Amarás, pois, ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, e de todas as tuas forças: este é o primeiro mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não há outros mandamentos maiores do que estes.*

O escriba, tomando a palavra, lhe disse: *Muito bem, Mestre, e como verdade disseste que há um só Deus, e que não há outro além dele. E que amá-lo de todo o coração, e de todo o entendimento, e de toda a alma, e de todas as forças, e amar o próximo como a si mesmo, é mais do que todos os holocaustos e sacrificios.*

Vendo Jesus que o escriba havia respondido sabiamente, lhe disse: *Não estás longe do reino de Deus.*

O evangelista Mateus, discorrendo sobre o mesmo ensinamento, afirmou que o Mestre aditou: *Destes dois mandamentos depende toda a lei e os profetas* (Mateus, 22: 34-40). Isso implica em dizer que todas as leis estabelecidas anteriormente, e todas as prescrições estipuladas pelos profetas, giravam em torno destes dois mandamentos básicos: *Amar a Deus sobre todas as coisas e Amar ao próximo como a si mesmo.*

A Humanidade já recebeu três revelações: a primeira simbolizada em Moisés, quando recebeu as Tábuas da Lei, revelação essa que se constituiu na base para a segunda. A segunda, trazida por Jesus Cristo, consagrou toda a parte moral e imutável da primeira, derogando tudo aquilo que tinha caráter transitório e que já havia feito a sua época, destacando como ponto capital que nenhuma instituição religiosa poderá prevalecer se não estiver alicerçada sobre as leis do Amor. A terceira revelação, cumprida com o advento do Espiritismo, consubstancia todos os ensinamentos de Jesus Cristo, sobre cuja base granítica se assentou, com o objetivo primário de levar a Humanidade a seus nobilitantes objetivos, através do aprimoramento moral, da reforma íntima e da assimilação das leis de amor, sem limitações.

Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo, eis a súpula de tudo aquilo que constituía a preocupação máxima dos antigos profetas e que Jesus Cristo, por sua vez, deixou bem caracterizado em seus Evangelhos, estando hoje solidamente incorporado aos postulados sustentados pela Doutrina dos Espíritos.

Na passagem evangélica acima descrita, observamos que o escriba expressou um conceito frontalmente contrário ao esposado pela maioria dos doutores da lei: *Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo, vale mais que todos os holocaustos e sacrifícios*. Vendo nele um homem de mente arejada, liberta dos preconceitos e das tradições inócuas, o Mestre não hesitou, e lhe disse: *Não estás longe do reino de Deus*.

O Espiritismo consagra o princípio de que os atos de adoração exteriores são inconsistentes, e que somente o ato bom, praticado com desprendimento e com verdadeira compenetração, tendo por fundamento a caridade em sua mais sublimada expressão, poderá dinamizar uma religião, fazendo com que ela realmente oriente os seus seguidores na senda verdadeira da auto-reforma, predispondo-se, assim, para a caminhada que todos devem encetar rumo ao Criador de todas as coisas.

Como se pode aquilatar quando se está próximo ou longe do reino de Deus? Tudo indica que portar um rótulo religioso não é o bastante. Crer em Deus ou depositar fé em seu poder, também não é indicação segura de se estar aproximando dele!

A parábola do Bom Samaritano, em nosso modo de ver, é a melhor ilustração para se aquilatar a distância que determinada criatura está do seu Criador. Nela vislumbramos um quadro dos mais relevantes e elucidativos: um sacerdote, que é a figura exponencial da religião, passou pelo moribundo que jazia à margem do caminho, condeu-se intimamente, mas nada fez de prático em seu benefício. O levita, também religioso, agiu do mesmo modo. O samaritano, considerado herege e apóstata, tido na conta de criatura desprezível, foi quem, descendo de sua cavalgadura, socorreu o ferido, levou-o a um alojamento, propiciou-lhe alimentação e prontificou-se a indenizar o hospedeiro por todos os gastos que viesse a ter.

Diante de um exemplo vivo dessa natureza, qualquer pessoa poderá facilmente ver que o samaritano, mais do que os outros dois, se aproximava de Deus. Quem não souber agir com tamanha espontaneidade, dispensando a caridade sem limitação, obviamente está ainda bastante distanciado do reino de Deus.

Tem sido e é tarefa difícil conseguir fazer com que os homens se desvencilhem de velhas e enraizadas tradições e preconceitos. Ao tempo de Moisés, os judeus julgavam que o mero cumprimento de determinada formalidade religiosa era suscetível de manter aplacada a *fúria* divina. Por ocasião do advento de Jesus Cristo, vemos o Mestre se defrontar com uma quantidade apreciável de criaturas que se mantinha apegada às tradições e muito pouco fazia em favor da reforma íntima. Muitos chegaram a recusar generoso convite que o Mestre lhes fazia, para que o seguissem.

O Espiritismo surge agora como movimento renovador, tendo por objetivo fundamental fazer com que os homens se compenetrem de sua responsabilidade, no sentido de se reformarem através da vivência dos preceitos evangélicos, dando pouca ou nenhuma atenção aos formalismos que sempre constituíram o apanágio daqueles que preferem uma religião fácil, capaz de conduzi-los ao seu céu, com o dispêndio de pouco esforço, e sem os pesados encargos oriundos de uma vida bafejada pelos vivificantes ensinamentos evangélicos, os quais, muitas vezes, nos impõem longa caminhada através da *porta estreita e do caminho escabroso*.

Quando o homem tiver assimilado tudo aquilo que o Mestre deixou exarado nas páginas do Livro da Vida, pode ter a certeza de que “*não está longe do reino de Deus*”.

MAIOR QUE SALOMÃO. . .

“E eis aqui está quem é maior do que Salomão.”

(Lucas, 11:31)

Nínive era uma cidade cuja população vivia subvertida pela imoralidade e desregramentos de toda a sorte.

Um Espírito do Senhor apresentou-se ao médium Jonas e ordenou-lhe que fosse lançar uma advertência à sua população.

Jonas obedeceu, e, visando a cidade, conclamou os seus habitantes a interromperem a prática daqueles atos escândalos, sugerindo que todos elevassem rogativas a Deus, suplicando-lhe que poupasse Nínive de uma eventual destruição. Dizia então o médium: “Quem sabe se Deus mudará os seus designios e desistirá de destruir a cidade”.

O povo de Nínive aceitou a admoestação de Jonas e se penitenciou, segundo os costumes da época, vestindo-se com sacos e assentando-se na cinza, prometendo não mais reincidirem no erro.

Em face dessa atitude da população, Deus poupou a cidade, uma vez que ele está sempre pronto a dar novas oportunidades a seus filhos.

O médium Jonas, vendo que a cidade não fora destruída, ficou ressentido. Segundo o seu modo de pensar passaria aos olhos da população de Nínive como autêntico falso profeta. Essa situação levou-o a lastimar-se amargamente de ter assumido aquela incumbência.

Retirando-se, edificou uma cabana e abrigou-se nela, na expectativa de uma reconsideração dos Céus. Pensava ele que, devido ao seu modo de pensar e ao seu protesto, Deus voltaria atrás em seus propósitos e destruiria a cidade, dando autenticidade às suas palavras e evitando que passasse aos olhos dos ninivitas como embusteiro e mentiroso.

Os Espíritos do Senhor, diante desse mesquinho capricho de Jonas, resolveram propiciar-lhe um edificante ensinamento: fizeram brotar perto da cabana de Jonas uma aboboreira, a qual, crescendo, cobriu-a, produzindo agradável sombra.

Esse fato causou grande satisfação a Jonas, o qual passou a nutrir afeição pela planta. Entretanto, logo surgiu um bichinho que cortou a aboboreira perto da raiz e ela secou-se.

Logo surgiu um sol causticamente que fez com que Jonas desmaiasse. O profeta insurgiu-se contra os Céus, protestando contra aquele ato de fazer secar a planta que o resguardava do sol.

Nisso os Espíritos do Senhor lhe ponderaram: “Tiveste compaixão da aboboreira, que surgiu sem lhe dar qualquer trabalho e para cuja efêmera vida nada fizeste. E acha razoável que Deus não tenha compaixão da grande cidade de Nínive, cuja população soma cento e vinte mil almas, sem contar os animais, e cujos habitantes não sabem discernir entre a sua mão direita e a sua esquerda?”

O ponto alto desta passagem do Velho Testamento foi o fato de ter o povo de Nínive aceitado a advertência de Jonas e se encaminhado para a reforma, a ponto de evitar a destruição da cidade. Aproveitou Jesus essa ocorrência a fim de pôr em confronto a maleabilidade do povo de Nínive e o endurecimento do povo de Israel.

Os israelitas esperavam um Messias, entretanto o queriam nos moldes vaticinados por Moisés — “Um profeta igual a mim”. Um Cristo guerreiro e conquistador igual a Moisés e a Davi. Um Cristo que levasse a dor e a destruição a todos os povos que não comungassem com os ideais monopolistas dos escribas e fariseus.

Quando surgiu um Cristo dócil, meigo, amoroso, fraternal, combatendo a guerra e o ódio, os israelitas o repeliram. Passaram a exigir comprovações! Queriam sinais. Aquele não era o Messias que eles aguardavam.

Mas o Mestre não quis dar-lhes outros sinais senão os que estava dando. Por isso exclamou: “Maligna é esta geração, ela pede um sinal; e não lhe será dado outro sinal, senão o sinal do profeta Jonas”.

O endurecimento do povo de Israel foi posto em confronto com o do povo de Nínive. Os ninivitas aceitaram Jonas e ali estava quem era maior do que Jonas.

O coração empedernido do povo de Israel repeliu o Cristo e o levou ao Calvário, apesar de ter dado ele a mais patente demonstração da sua autoridade, a despeito de enquadrar-se perfeitamente nos vaticínios de todos os antigos profetas e de estar produzindo fatos espantosos de curas de todos os matizes, de pleno conhecimento de toda a cidade de Jerusalém.

O Mestre, por si só, era um sinal. Preenchia tudo aquilo que dele estava escrito. Expulsava maus Espíritos, curava cegos, limpava leprosos e fazia levantar os paralíticos, e, além disso, discorria sobre a excelência do Reino de Deus. Nem assim conseguiu abalar o preconceito e o falso zelo religioso dos escribas, dos fariseus e do sumo sacerdote.

Na atualidade os homens ainda persistem na recalcitrância, não aceitando os sinais propiciados pelos Evangelhos, continuando a aguardar o advento de um Cristo moldado segundo os figurinos das velhas teologias: um Cristo intolerante, unilateral e eivado de imperfeições.

O Consolador prometido, novo sinal dos Céus, já está entre nós, personificado no Espiritismo, e com a missão primária de restabelecer todos os ensinamentos de Jesus Cristo em seus devidos lugares.

A mensagem do Espírito de Verdade está em pleno processo de implantação na Terra e assim como “o Espírito sopra onde quer e nós não sabemos de onde vem e nem para onde vai”, segundo o dizer judicioso de Jesus a Nicodemos, essa mensagem fará com que a Humanidade descortine novos horizontes, fato novo que fará com que ele se liberte do jugo do fanatismo, dos dogmas e dos formalismos da letra que mata.

E, assim como: “a rainha de Sabá veio dos confins da Terra para apreciar a sabedoria de Salomão”, e a população de Nínive ouviu a advertência do profeta Jonas, torna-se imperioso que demos guarida aos ensinamentos de Jesus, que é muito maior do que Jonas e que Salomão.

Não aconteça que “os homens de Nínive” se levantem para também julgar esta geração, pela sua inépcia e falta de assimilação dos preceitos evangélicos, contidos as verdades reveladas há quase vinte séculos.

A LETRA QUE MATA

“Para que sirvamos em novidade de Espírito e não na velhice da letra.”
(Romanos, 7:6)

Em sua famosa Epístola aos Romanos, afirmou Paulo de Tarso: “Morremos para aquilo em que estamos retidos”, acrescentando logo a seguir: “Para que sirvamos em novidade de Espírito, e não na velhice da letra”.

Esta afirmação do apóstolo equivale a esta outra, também exarada no livro dos Atos dos Apóstolos: “A letra mata e o Espírito vivifica”, com a significação de que, tanto nos livros dos profetas como nos Evangelhos, devemos deixar de lado a interpretação segundo a letra, para nos atermos tão-somente ao significado segundo o Espírito.

Ao contrário do que sucedeu com os apóstolos diretos de Jesus, Paulo de Tarso, assim que travou conhecimento com os ensinamentos da Boa Nova, deixou para trás todos os preconceitos e o apego às vãs tradições, para abraçar incondicionalmente os imorredouros preceitos legados por Jesus Cristo.

Enquanto alguns dos apóstolos praticavam o batismo da água, Paulo proclamava que *não veio para batizar, mas sim para evangelizar*. Enquanto os apóstolos, ainda apegados às tradições da circuncisão, alimentavam sentimentos favoráveis à continuidade dessa prática, ele combatia frontalmente tudo aquilo que viesse a favorecê-la, não hesitando mesmo em enfrentar o Apóstolo Pedro, na cidade de Antióquia, refutando os ensinamentos do velho apóstolo e dizendo que eles eram preceitos de homens e não de Deus.

Na realidade, não se pode apegar ao formalismo das letras, mas é necessário extrair delas o Espírito que vivifica. É imperioso que assim suceda, pois, do contrário, cairemos nos mesmos erros dos nossos antepassados.

Quando Jesus Cristo afirmou: “eu e o Pai somos um”, ele não pretendeu dizer que isso implicava numa aberrante trindade, onde ele, como filho, era parte integrante do Pai. O sentido de suas palavras foi de dizer que entre ele e o Pai existe perfeita identidade, tendo por isso se convertido num seu autêntico mensageiro na Terra. Ele executou a vontade do Pai, mas deixou bem clara a sua dependência dele, e mesmo a sua submissão. Para ilustração mencionemos apenas a sua oração no Horto das Oliveiras, quando disse: “Meu Pai, seja feita a tua vontade e não a minha”.

Aqui também cabe um esclarecimento sobre as palavras que abrem o Evangelho de João: “Deus nunca foi visto por alguém. O Filho Unigênito que está no seu seio, esse o fez conhecer” (João, 1:18).

Ora, não se pode conceber a idéia de ser Jesus o Unigênito de Deus, uma vez que isso implicaria na crença de ser ele o Filho único, o único gerado por Deus.

O próprio Cristo desmente esse conceito quando, em Espírito, disse a Madalena, segundo o que está explícito no próprio Evangelho de João: “Não me detendas porque ainda não subi para meu Pai, mas vai para meus irmãos, e dize-lhes que eu subo para meu Pai e *vosso Pai*, meu Deus e vosso Deus.” (João, 20:17).

Neste último trecho evangélico ficou bem evidenciado que Deus é Pai de todos, que todos são seus filhos, desde os mais bondosos, que são denominados *santos*, até os mais maldosos, que são chamados *demônios*.

“Morremos para aquilo em que estamos retidos” significa dizer que, devido ao excessivo apego ao formalismo da letra, fica retida a evolução do Espírito vivificante; por isso é necessário morrer para aquilo que retém o nosso progresso espiritual, a fim de viver para as coisas novas e retumbantes, que na realidade alçam os nossos Espíritos para Deus, enquadrando-os na célebre sentença de Jesus Cristo: “Conheça a verdade e ela vos fará livres”.

A PRUDÊNCIA

“Eis que eu vos envio como ovelhas para ó meio de lobos; sede, portanto, prudentes como as serpentes e simples como as pombas.”
(Mateus. 10:16)

Não foram poucas as passagens evangélicas nas quais Jesus definiu a necessidade de agirmos com prudência no trato das coisas de conseqüências espirituais.

Na parábola das Dez Virgens, o Mestre deixou transparecer claramente a necessidade de se ter prudência na solução dos problemas que surgem no decurso da nossa vida terrena, tudo fazendo no sentido de acumularmos os dons imperecíveis do Espírito, a fim de sairmos triunfantes das encarnações que nos são propiciadas pela Justiça Divina. As virgens prudentes acumularam um acervo de boas obras que lhes garantiram o acesso aos planos espirituais mais elevados, foram prudentes no decurso da vida terrena e, como decorrência, lograram receber, no plano da vida, a recompensa reservada aos que cumprem seus deveres na Terra.

Nos sublimes ensinamentos contidos nas entrelinhas dessa parábola, o Cristo procurou demonstrar a necessidade imperiosa da vivência dos evangelhos, o que nos propiciará meios de amearhar aquisições santificantes, imprescindíveis para a conquista paulatina da sublimação espiritual.

Noutro trecho do Evangelho, Jesus Cristo assevera que o homem prudente constrói sua casa sobre a rocha, e a impetuosidade da borrasca nada pode contra ela, que a tudo resiste.

Aqui também o Mestre prescreve a necessidade da prudência no processo de consolidação da vida verdadeira. O objetivo primacial do ensinamento contido nessa parábola é de fazer evidenciar a importância de embasarmos a nossa vida sobre o fundamento sólido do amor e da moralidade, única forma de nos garantirmos contra

as adversidades e contra as investidas que sofremos de parte das entidades trevosas, encarnadas e desencarnadas.

Se tivermos a sensatez de edificar a nossa vida sobre a rocha da fé, da paciência, da integridade moral e do amor ao próximo, jamais deveremos temer os vendavais das tribulações inerentes à vida humana.

Nas palavras que encimam esta divagação evangélica, o Messias prescreve a necessidade inadiável de sermos mansos como os pombos, porém prudentes como as serpentes. É óbvio que devemos ser mansos, resignados, tolerantes, entretanto devemos fazer tudo isso com a mesma prudência com que age uma serpente. Não se pode, sob a alegação de humildade e desprendimento, abdicar da nobreza que deve aureolar as nossas almas, resvalando assim para o desequilíbrio e para a anulação dos princípios que norteiam uma vida íntegra perante Deus.

“Os filhos do mundo são mais hábeis na sua geração de que os filhos da luz.”

No versículo 8 do capítulo 6 do Evangelho de Lucas, o Mestre nos conclama a haurirmos o maior proveito possível do nosso aprendizado neste mundo. Os filhos do mundo que tratam exclusivamente das coisas da Terra, muitas vezes sabem ser prudentes, fazendo com que dos recursos materiais advenham benefícios de ordem espiritual. Foi no tocante a essa necessidade que o Mestre preceituou: “Granjeai amigos com as riquezas da injustiça; para que, quando estas faltarem, vos recebam eles nos tabernáculos eternos.” (Lucas, 16:9).

Os filhos da luz, aqueles que na Terra porfiam em cuidar somente das coisas do Espírito, nem sempre sabem tirar o devido proveito dos “talentos” preciosos que Deus, em sua Infinita Misericórdia, coloca ao alcance de suas mãos.

A prudência é, pois, um atributo relevante em nossa vida.

Devemos usá-la do melhor modo possível, pois, sem ela, dificilmente poderemos equacionar os problemas agudos que fustigam as nossas almas e que se nos deparam no decurso do nosso aprendizado terreno.

Se formos prudentes, não alimentaremos ódio, inveja, orgulho ou ciúme, contra os nossos irmãos, jamais chafurdaremos nossas almas no lodaçal dos vícios, da intemperança e do descalabro moral.

Agindo de modo prudente, nunca perderemos os frutos que devem advir de uma vida pautada nas normas sadias prescritas pelos Evangelhos de Jesus.

As regras de prudência nos indicam que devemos viver os Evangelhos de Jesus, manancial de vida eterna, que contribuirá de modo decisivo para impulsionar as nossas almas para o Meigo Rabi.

COM A MEDIDA COM QUE MEDIRDES

“Não julgueis para que não sejais julgados, Porque com o juízo com que julgardes sereis julgados. e com a medida com que tiverdes medido vos hão de medir a vós.”

(Mateus, 7:1-2)

A citação evangélica que encima esta crônica, por si só, revela toda a amplitude do ensinamento que Jesus pretendeu transmitir. .

Certa vez, fazendo as suas costumeiras pregações, o Mestre defrontou-se com um homem que lhe suplicou: *Senhor, dize a meu irmão que reparta comigo a herança.* Mas ele lhe respondeu: *Homem, quem me instituiu a mim por juiz ou repartidor entre vós?* (Lucas, 12:13-14).

O Meigo Nazareno — a despeito da grandiosidade do seu Espírito — relutou e não concordou em exercer o papel de juiz. Esse exemplo nos leva a pensar duas vezes antes de querer exercer um papel dessa natureza, pois, indubitavelmente, somos ainda criaturas imperfeitas e eivadas de parcialidade, de paixões, de egoísmo, e jamais poderíamos julgar alguém de forma reta e irrepreensível.

A máxima: *Com a medida com que tiverdes medido vos hão de medir a vós,* além de ser incisiva e endereçada a todos nós, encerra os esclarecimentos mais sérios, no tocante à aplicação do nosso juízo, quando nos defrontamos com problemas alheios.

No âmbito da lei de causas e efeitos, o preceito exarado por Jesus não invalida outro mais ou menos semelhante: *Quem com ferro fere, com ferro será ferido,* o que significa dizer que, no âmbito da justiça divina seremos bitolados com o mesmo gabarito que empregarmos no trato dos nossos irmãos, no desenrolar do nosso aprendizado terreno.

Se o nosso juízo for unilateral quando julgarmos as atitudes e os atos do nosso próximo, como pretender um julgamento equitativo e reto para com as nossas próprias ações? O nosso falso juízo, prejudicando alguém, faz com que surja a necessidade de um reajuste, do qual o nosso Espírito passa a ser réu, uma vez que não existe causa que não conduza a um efeito.

Os preceitos de Jesus Cristo não se aplicam apenas aos indivíduos, mas também abrangem as instituições e as coletividades. A História nos tem ensinado os duros reveses experimentados por grandes e poderosas nações, porque o orgulho fez com que seus governantes não aplicassem o critério de uma justiça reta aos olhos de Deus.

O antigo povo de Israel nos serve de paradigma para uma demonstração clara e positiva: Apesar de se considerar um *povo eleito* e se julgar preferido por Deus para colimar os objetivos mais relevantes, essa comunidade alimentava sentimentos de conquista e julgava os demais povos pelo limite acanhado de suas leis religiosas. Por isso a justiça divina fez com que experimentasse dolorosos resgates, através de duros e prolongado! cativos, nas mãos dos babilônicos, dos caldeus, dos egípcios e dos romanos. Os seus homens e mulheres foram perseguidos, escravizados, aprisionados, mortos e dispersos. A velha e orgulhosa Jerusalém, que matava os profetas e os sábios que lhe eram enviados pelo Alto, que foi palco de um dos mais incríveis julgamentos da História, assistindo impassível à crucificação do Ungido de Deus, teve suas casas destruídas, seus filhos massacrados e o seu precioso templo destruído, dele não restando pedra sobre pedra.

O profeta Elias usou a medida da violência, ordenando a decapitação de centenas de sacerdotes de Baal. Reencarnado na pessoa de João Batista, também foi degolado por ordem de Herodes.

Os espíritas sabem, melhor do que ninguém, as conseqüências funestas dos juízos apressados e dos atos maldosos. A lei da reencarnação é inexorável, e, através dela, os Espíritos pecaminosos experimentam duros ciclos expiatórios.

Pôncio Pilatos mediu Jesus Cristo pelo gabarito dos seus interesses políticos, permitindo que um justo fosse crucificado por temer desconfiar de tentar um poder terreno transitório.

Judas Escariotes mediu Jesus pelos seus interesses financeiros, denunciando um missionário a troco de trinta moedas de prata. Por isso o remorso, o suicídio e as terríveis expiações na vida espiritual foram o corolário de sofrimento que experimentou.

Os homens sempre julgam de modo unilateral, colocando em primeiro plano as suas conveniências mais imediatas, conseqüentemente, assim como a justiça divina caiu pesadamente sobre os Espíritos de Pilatos, de Judas e de muitos outros homens do passado, ela cairá também sobre todos aqueles que não sabem usar um sentimento retilíneo no trato com os interesses de seus semelhantes.

Esse foi o motivo primário que levou Jesus Cristo a sentenciar o *Amai ao vosso próximo como a vós mesmos*, pois todo aquele que assim proceder, jamais usará de juízo apressado e iníquo para com o seu irmão.

Por isso disse o Mestre: *Se alguém vos obrigar a caminhar mil quilômetros, caminhe com ele mais mil*, pois é provável que, nessa segunda caminhada, o seu próximo será visto com mais amor, com menos ódio, e então o seu julgamento será muito mais equitativo.

A TORRE DE SILOÉ

“E aqueles dezoito sobre os quais
caiu a Torre de Siloé e os matou, cuidais
que foram mais culpados do que todos
quantos homens habitam em
Jerusalém!”

(Lucas, 13:4)

Numa conversa com Jesus Cristo, alguns judeus discorreram sobre o fato de ter Pilatos ordenado que o sangue de alguns adoradores de deuses fosse misturado com o dos sacrifícios.

O Mestre, no entanto, disse-lhes: *Cuidais vós que esses homens galileus foram mais pecadores de que todos os galileus, pelo fato de terem padecido tais coisas? Ao que logo acrescentou: Eu vos digo, antes, se vós não arrependerdes, todos de igual modo perecereis.*

E a fim de ilustrar mais as suas palavras, aditou ainda: *E aqueles dezoito sobre os quais caiu a Torre de Siloé e os matou, cuidais que foram mais culpados de que todos quantos homens habitam em Jerusalém?*

Sempre que sucede qualquer coisa de mal para determinada pessoa, costuma-se dizer que a mão de Deus estava sobre ela, pelo fato de ser criminosa ou perversa.

Diante de um cataclisma ou um acidente, todos passam a lamentar que junto com os maus também perecem homens bons, moralizados e dotados de virtudes.

Uma passagem evangélica narrada por Mateus (26:25), contribuiu para a formação dessa crença: *vendo que o Mestre ia ser preso, o apóstolo Pedro puxou da espada e feriu a orelha do servo do sumo sacerdote. Diante desse gesto de violência, o Senhor retrucou: Mete no seu lugar a tua espada, porque todos os que lançarem mão da espada, à espada morrerão.*

Essa assertiva de Jesus, no entanto, não pode ser tomada em seu sentido absoluto, pois são incontáveis os criminosos que passaram pelo mundo, que empregaram os mais abomináveis métodos de tortura ou de morte contra os seus semelhantes, e não pereceram do mesmo modo, pelo menos naquela encarnação terrena.

A lei das vidas sucessivas é a única que equaciona o problema e à luz das reencarnações passamos a compreender que, mesmo os grandes missionários, se incorreram no caminho do crime, devem também saldar seus débitos para com a justiça divina, haja vista o caso de João Batista, que, ao ser decapitado, resgatou o crime que havia cometido muitos séculos antes, quando, habitando o corpo do profeta Elias, ordenou a decapitação de várias centenas de sacerdotes do deus Baal.

Afirma o livro dos “Atos dos Apóstolos” (28:4) que Paulo de Tarso, escapando do naufrágio de um navio que o levava a Roma, chegou a uma ilha chamada Melita, onde foi mordido por uma serpente. Os nativos logo disseram: *Certamente este homem é homicida, visto como, escapando do mar, a justiça divina não o deixou viver.* Quando viram que nada sucedeu ao apóstolo, passaram a alimentar a crença de que ele era um deus, tal o conceito que tinham sobre o castigo que Deus reserva aos criminosos.

Diante da catástrofe ocorrida com a Torre de Siloé, que havia caído sobre dezoito homens, os judeus passaram a proclamar que as vítimas eram pecadores ou criminosos. Jesus Cristo, no entanto, esclareceu: “Cuidais que eles foram mais culpados do que todos quantos homens habitam Jerusalém?”

Pilatos havia ordenado o massacre de alguns galileus que faziam sacrifício de animais a seus deuses. Os judeus também passaram a crer que esses homens eram pecadores relapsos, por isso mereceram tal gênero de morte. O Mestre teve que prestar o mesmo esclarecimento: “Cuidais que eles eram mais pecadores que os demais?”

Entre os homens que alimentavam essa crença, estavam muitos daqueles que, alguns dias mais tarde, diante do Pretório, pediriam a condenação de Jesus Cristo e a libertação de Barrabás. Com a montanha de iniquidade dentro dos corações, e com o ódio brutal que alimentavam, é óbvio que eles nada ficavam a dever aos que foram atingidos pela matança ordenada por Pilatos, ou que ficaram sob os escombros da torre de Siloé. Eram também pecadores do mesmo porte, e é notório que muitos deles não desencarnaram de morte violenta naquela vida, pois, se a justiça Divina fosse submeter à morte desse gênero todos os chamados pecadores, não restaria ninguém para sucumbir de morte natural.

Aqui cumpre ressaltar que o simples fato de se habitar este planeta de expiação e de dor é indício seguro de imperfeição moral e espiritual.

Um grupo de anciãos de Israel não chegou a matar a pedradas a mulher adúltera, porque houve a intervenção de Jesus com a célebre sentença: “aquele que estiver sem pecado atire primeira pedra”. De modo algum aqueles homens eram inocentes do que a mulher que pretendiam lapidar. Diante das palavras sábias e ponderadas do Mestre, eles sentiram a montanha de pecados que dormitava em seus corações e deliberaram abandonar a idéia de massacrar a pobre criatura.

“Se vós não vos arrependerdes, todos de igual modo perecereis”. Arrependimento, nesse caso, equivale a resgate, de reencarnações depuradoras e expiatórias. Para o reajustamento da alma não basta o arrependimento, torna-se necessária a expiação. O arrependimento, por si só, não é suficiente para isentar a Criatura das conseqüências oriundas dos transviamentos ou dos crimes. É imperioso que o indivíduo se redima através dos embates de vidas múltiplas do Espírito na carne, como conseqüência inevitável da lei de causas e efeitos.

Não poderemos jamais julgar que apenas os que desencarnam vítimas de acidentes ou submetidos a mortes violentas, sejam pecadores em débito perante a Justiça Divina. Todos quantos padecem enfermidades incuráveis, cegos de nascem crianças que nascem deformadas, aleijados de toda a sorte, surdos-mudos, mutilados ou portadores de outras enfermidades agudas, e mesmo a maior parte daqueles que nada sofrem na Terra, que gozam saúde e abundância, têm contas a serem ajustadas no quadro da lei divina, através das vidas múltiplas. Muitos homens bons que perecem de modo violento, vítimas de acidentes ou de catástrofes, não são também inocentes, e simplesmente passam por uma fase de reajustamento perante a justiça do Alto.

O MUNDO NÃO O VÊ NEM O CONHECE

“O Espírito de Verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê, nem o conhece.”

(João, 14: 17)

Afiçam os porta-vozes de algumas religiões que o Espírito de Verdade, ou o Consolador, veio ao mundo no chamado dia de Pentecostes, e que, como decorrência, nada há mais a esperar.

Entretanto, se a evolução humana é tão vagarosa, não dá saltos e se processa harmoniosamente, por que razão em poucos meses teria operado transformação tão brusca? Na Terra ainda estavam os mesmos homens, dentre eles os acerbos inimigos do Cristo, os mesmos que o levaram ao cimo do Calvário.

O Mestre afirmou aos apóstolos que eles conheciam o Espírito de Verdade, mas o mesmo não acontecia com o mundo. Este não o conhecia e nem o podia receber, porque não estava suficientemente preparado para isso.

Alguns poderão redargüir, dizendo: o Espírito de Verdade veio somente aos apóstolos, no dia de Pentecostes. Isso também não tem lógica, pois a promessa feita por Jesus não abrangia somente os apóstolos, mas toda a Humanidade.

Os apóstolos de Jesus eram evoluídos espiritualmente, e, dada essa circunstância, antes de nascerem na Terra, teriam forçosamente de saber quem era o Espírito de Verdade.

A segunda revelação foi trazida à Terra por Jesus Cristo, dois mil anos após a primeira, trazida por Moisés. O Espírito de Verdade trouxe à Humanidade a Terceira Revelação, quase dois mil anos após o advento do Mestre Nazareno.

O Espírito de Verdade, ou o Consolador prometido por Jesus Cristo, veio ao mundo na segunda metade do século passado, quando foram lançadas as bases fundamentais do Espiritismo. É patente aos olhos de todos que a Humanidade não está suficientemente preparada para o receber, mas existe melhor adequação espiritual do que no tempo do advento da doutrina cristã.

As reformas que se concretizarão na Terra com o advento do Consolador, dentre outras, serão as seguintes:

— Implantação dos postulados da reencarnação e da multiplicidade dos mundos habitados;

— Demonstração da incoerência das doutrinas das penas eternas, do pecado original e da existência do inferno e do céu como lugares circunscritos de penalidades e de gozos;

— Comprovação da imortalidade da alma, da preexistência e persistência do Espírito e da sua evolução incessante rumo a Deus;

— Abolição de falsas teorias como as da Trindade, que nos apresenta um Deus trino; da crença num unigênito de Deus e outras doutrinas aberrantes.

Essas alterações far-se-ão com base nos próprios Evangelhos de Jesus. As maravilhosas parábolas ensinadas pelo Mestre, dentre elas a do Filho Pródigo, da Ovelha Perdida, encarregar-se-ão de destruir as teorias das penas eternas e do pecado original; o colóquio com Nicodemos e as palavras de Jesus alusivas a João Batista terão o mérito de destruir as teorias sobre a uni cidade das existências; as palavras do Senhor, sobre *as muitas moradas da Casa do Pai*, serão decisivas para a destruição da crença na existência de um só mundo habitado.

Destruindo as tendências humanas das encenações e da prática exterior do culto, combatidas pelo Cristo na passagem evangélica sobre a Mulher Samaritana, serão também decisivas para que o homem compreenda em toda a sua extensão a afirmação do Mestre, quando disse: “Deus é Espírito e deve em Espírito ser adorado, pelos verdadeiros adoradores”.

Já dizia o profeta Ezequiel: “Deus não quer a morte do ímpio, mas que ele se redima e viva”. Conseqüentemente, o papel a ser desempenhado pelo Espírito de Verdade terá por finalidade básica situar a criatura em seu verdadeiro lugar, face ao Criador de todas as coisas.

ÁGUA VIVA

“Mas aquele que beber da água eu lhe der nunca mais terá sede.”

(João, 4:14)

No célebre colóquio mantido com a mulher samaritana narrado pelo apóstolo João, no capítulo 4 do seu Evangelho Jesus Cristo disse que, se ela bebesse da água do poço, tom a ter sede, mas se, por outro lado, bebesse da água que desse, nunca mais a teria.

A água viva de que o Cristo falava eram os seus consoladores e edificantes ensinamentos, pois, na verdade, quem dessedentar na fonte que jorra para a vida eterna, que são os Evangelhos, jamais terá sede de outros conhecimentos, uma que passará a descortinar novos horizontes e estará capacitado a operar dentro de si profunda reforma interior.

No desenvolvimento do seu colóquio, disse-lhe Jesus: *Mulher, crê-me que a hora vem, em que nem neste monte, nem Jerusalém, adorareis o Pai. Vós adorais o que não sabeis; nós adoramos o que sabemos porque a salvação vem dos judeus. Mas a hora vem, e agora é, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em Espírito e verdade: porque o Pai procura a tais que assim o adorem. Deus é Espírito e importa que os que o adoram o adorem em Espírito e verdade.*

Enquanto não tivermos bebido da água viva, estaremos na situação daqueles que não sabem nem como e nem a quem adorar. Não é possível se adorar a Deus com ritualismos, com encenações exteriores, com holocaustos, com incensos ou com o cheiro de carne assada. Não se pode também adorar ao Pai com prolongadas ladainhas e intermináveis orações, principalmente quando elas apenas saem dos lábios e delas não participam os corações.

Os adoradores verdadeiros adorarão o Pai em Espírito e verdade. A adoração em Espírito e verdade jamais poderá ser colimada pela inação contemplativa ou com rasgos de manifestações exteriores, entretanto é conseguida com o desprendimento, com a prática do amor e com ações beneméritas em favor dos aflitos e sofredores. A adoração em Espírito e verdade se traduz pelo desabrochamento dos sutis sentimentos de solidariedade humana, de fraternidade e dedicação, consubstanciados no “amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”.

Foi com relação a essa assertiva que o Mestre afirmou que o *Reino de Deus virá sem qualquer demonstração exterior*. Portanto, estão enganados aqueles que aguardam o advento do reino de Deus como recompensa pela sua assiduidade na prática do culto externo, na prática da adoração sem as correspondentes boas obras. O reino de Deus virá somente para os trabalhadores animosos, para os que se esforçam e vibram, para os que vivem com os corações inundados de profundos sentimentos cristãos, para os que fazem com que o amor impere em todos os seus atos. Para estes a vinda do reino de Deus não precisa ser prenunciada de relâmpagos e trovões, pois a semente do bem já está germinando em boa terra e logo dela espargirá frondosa árvore, com os frutos sazonados do amor.

O colóquio de Jesus Cristo com a mulher samaritana teve o mérito de destruir, pela base, os tradicionais erros que presidem a ação de algumas ramificações religiosas, que julgam que a adoração a Deus deve ser feita em lugares determinados, nesta ou naquela postura, virado para o oriente ou para o ocidente, nesta ou naquela hora, neste ou naquele idioma, com encenações e ostentações. A verdadeira adoração a Deus é praticada, pelos verdadeiros adoradores, em qualquer lugar, a qualquer hora,

em qualquer circunstância, uma vez que da adoração deve participar o coração e não os olhos.

Cumpra, porém, salientar que a adoração que mais agrada a Deus é aquela representada pela prática das boas obras, pelo socorro fraterno, pelas lágrimas enxugadas, pela fome saciada, pela nudez vestida.

E A LUZ SE FEZ...

“Então entenderam os discípulos
que lhes falara de João Batista.”
(Mateus, 17:13)

No “Livro de Malaquias” (4:5), está contida a profecia: “E eis que vos envio o profeta Elias antes que venha o dia grande e terrível do Senhor”.

Alicerçados nessa predição os antigos judeus e, entre eles, os apóstolos de Jesus, compartilhavam da crença de que Elias seria o precursor da vinda do tão esperado Messias.

Por conformismo com os ditames da religião oficial, ou por desconhecem o mecanismo das vidas sucessivas, eles não souberam ver em João Batista a reencarnação do profeta Elias, não se compenetraram de que o Precursor já estava entre eles e, por extensão, não perceberam que na inconfundível personalidade do Mestre estava o prometido e aguardado Messias.

No desenvolvimento da majestosa manifestação espiritual ocorrida no Monte Tabor, narrada em Mateus, 17:10-13, os apóstolos tiveram a oportunidade de presenciar a transfiguração de Jesus Cristo, viram o seu rosto resplandecer como o sol e os seus vestidos se tomarem brancos como a luz. Não obstante tudo isso, ouviram ainda a produção de um fenômeno de voz direta, ressoando no espaço a sentença: “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo, escutai-o”, o que propiciou a todos uma inequívoca comprovação da identidade do Mestre.

No entanto, descendo do Tabor, a dúvida começou a solapar a convicção íntima dos apóstolos:

- Se ele é o Messias, Elias deveria estar encarnado!
- Como se explica vir o Espírito de Elias confabular com ele?
- Não dizem os escribas que na dianteira do Messias viria Elias?
- Se Elias é Espírito, somente podem persistir duas alternativas: ou este não é o Cristo ou as Escrituras falharam!
- Poderão falhar as Escrituras em coisas tão transcendentais?

E o bichinho roedor da dúvida começou a solapar a fé dos assessores mais imediatos do Cristo.

O Mestre, no entanto, não se preocupou com as idéias conflitantes dos seus discípulos. A luz se fazia dentro em breve.

E, na realidade, a revelação de toda a verdade não tardou.

Timidamente, os seus apóstolos o interrogaram, dizendo: “Por que dizem então os escribas que é mister que Elias venha primeiro?”

E o Messias, lançando o seu olhar fraternal, sentenciou:

“Mas, digo-vos que Elias já veio, e não o conheceram, mas fizeram-lhe tudo o que quiseram. Assim farão eles também padecer o Filho do homem.”

Nisso eles entenderam que lhes falara de João Batista, iluminando-se suas mentes como uma luz que brilha nas trevas.

Indubitavelmente, até mesmo os Espíritos mais elevados, quando em missão na Terra, sob o império da carne, hesitam, muitas vezes, diante dos fatos mais convincentes. E não foi outra coisa o que sucedeu com os apóstolos.

Todos os fenômenos operados através de Jesus Cristo, todas as curas por ele produzidas, todos os transcendentais ensinamentos emanados de sua boca, não haviam sido suficientes para provar aos apóstolos que ali estava na realidade o Messias prometido. A despeito de tantos sinais operados diante de todos, os seus contemporâneos duvidaram de sua autenticidade.

O apego ao formalismo da letra das Escrituras falou mais alto, a ponto de ofuscar a convicção de que, na verdade, estavam diante do Cristo de Deus.

Confirmando que João Batista era a reencarnação do Elias que havia de vir, o Mestre legou à Humanidade a mais inequívoca e robusta prova sobre a lei da reencarnação. A lei das vidas sucessivas ficou demonstrada de forma irretorquível, propiciando também a seus discípulos a comprovação de que as verdades contidas nas Escrituras jamais podem ser interpretadas sem o bafejo do Espírito que vivifica.

Aos que se apegam à letra que mata dirigimos esta afirmação: se o Mestre Nazareno não tivesse elucidado ser João Batista a reencarnação do Espírito do profeta Elias, seus pósteros passariam a esposar uma falsa opinião sobre a ocorrência. Com base nessa assertiva, não é possível alimentar apego às letras que matam, sem se defrontar com a dura contingência de caminhar por uma senda escusa que conduzirá, inapelavelmente, a situações embaraçosas e a conceituações eivadas de erros.

O próprio João Batista, que no dizer do Cristo “foi o maior dentre os nascidos de mulher”, enquadrou-se entre os que viram os sinais e não se compenetraram da sua veracidade.

Na realidade, o Precursor, quando viu Jesus Cristo pela primeira vez, nas margens do rio Jordão, afirmou ser ele o Cordeiro de Deus, aditando que não era digno de desatar as correias de suas sandálias. Ouviu o fenômeno da comprovação da identidade do Messias, quando ressoou a voz: “Este é meu Filho amado em quem me comprazo, ouvi-o”.

Não obstante, apesar de todas essas manifestações, que corroboraram a personalidade e a identidade do grande Enviado, quando estava recolhido às masmorras de Herodes, João enviou seus discípulos a fim de se certificarem “se Jesus era realmente o Cristo ou se ele deveria aguardar algum outro”.

O ESTRATAGEMA DOS FARISEUS

“E Jesus disse-lhes: Adverti. e
acautelai-vos do fermento dos fariseus e
saduceus.”

(Mateus, 16:6)

O sacrifício de Jesus, no cimo do Calvário, foi o desfecho de vasta conspiração, iniciada nos porões do Templo de Jerusalém, transplantada para o Sinédrio e para as ruas e levada posteriormente até os governantes da época, os quais a homologaram, como foi o caso de Anás e Herodes, ou se tomaram omissos, como foi o caso de Pilatos.

Os expoentes do farisaísmo, seita que se sentia mais frontalmente solapada pelos ensinamentos do Cristo, empregaram os mais variados ardis, no sentido de apanharem o Mestre atentando contra os preceitos da lei mosaica.

O episódio da Mulher Adúltera representou o primeiro desses ardis, pois houve evidente propósito de obrigar o Senhor a dar um veredicto que contrariasse os ditames da lei vigente, que prescrevia a morte para as mulheres que fossem apanhadas em flagrante adultério. Se o Mestre recomendasse que a mulher deveria ser perdoada, é evidente que o caso seria levado às autoridades como patente afronta à lei. Se ele emitisse parecer favorável à sua morte, estaria negando até o próprio caráter da sua missão. Por isso ele disse: “aquele que estiver sem pecado, atire a primeira pedra”, o que anulou por completo a possibilidade de uma acusação: a mulher ficou livre sem que os princípios da lei fossem feridos.

Houve também várias outras tentativas de apanhar o Mestre ou seus apóstolos atentando contra a recomendação de ser observado o dia de sábado, o que também representava deslize contra a lei. Em todos esses casos Jesus conseguiu propiciar edificantes ensinamentos, sem ferir a letra da lei e sem dar qualquer ensejo de acusação às autoridades judaicas. Na cura de um homem que tinha uma das mãos seca, ele asseverou: “Qual será de vós o que, caindo-lhe num poço, em dia de sábado, uma ovelha, não a tira logo? Ou aquele que não desamarra o seu jumento para lhe dar água num dia de sábado?”. Quando os seus discípulos foram repreendidos pelo fato de colherem espigas num dia de sábado, preceituou o Senhor: “O sábado foi feito para o homem, e não o homem para o sábado”, o que implica em dizer que o sábado foi feito para o homem descansar e não para se tornar dele um escravo.

Quando os apóstolos foram advertidos pelos fariseus, pelo fato de não lavarem as mãos antes das refeições, o que também contrariava um preceito da lei mosaica, não tardou a resposta de Jesus: “O que contamina o homem não é o que lhe entra pela boca, mas, sim, o que dela sai, pois é pela boca que se soltam os impropérios, quando o coração está cheio deles”.

No caso do pagamento do tributo ao Império Romano, que poderia levar o Mestre a palmilhar perigoso terreno e ser também acusado às autoridades de Roma, a tentativa foi mais arguta: “Dize-nos, pois, que te parece? É lícito pagar o tributo a César, ou não?”. A essa indagação capciosa o Senhor retrucou: “Por que me experimentais, hipócritas? Mostrai-me a moeda do tributo. E eles apresentaram um dinheiro. E ele disse-lhes: De quem é esta efigie e esta inscrição? Disseram-lhe: de César. Então ele lhes disse: Daí, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus”.

Contemplando o Mestre suspenso no madeiro, os fariseus suspiraram, julgando ter colimado a tão esperada e decisiva vitória. Restava tão-somente a implantação de um regime de terror entre os discípulos e os novos conversos da Boa-Nova para que a nova idéia se retraísse.

Circunscritos ao âmbito acanhado de seus interesses mais imediatos, e fanatizados por um princípio religioso fundamentado sobre dogmas e vãs tradições, os fariseus não perceberam que o Cristo viera, num momento psicológico, para inaugurar um novo e inadiável ciclo espiritual para a Humanidade, sob a égide de Deus, Pai de incomensurável amor e desvelo.

Com o holocausto do tão esperado Messias, iniciava-se, nas cidades judaicas, persistente e surda campanha contra a nova Doutrina, e os apóstolos foram os alvos mais atingidos.

O sumo sacerdote insuflava guerra sem quartel aos cristãos e, para a execução da tarefa, podia contar com o concurso de uma plêiade de fanáticos, que tinham no jovem Saulo de Tarso um dos seus mais destacados e proeminentes elementos de combate.

As portas das humildes choupanas onde os discípulos de Jesus se reuniam, eram constantemente violentadas pelos grupos fanatizados. Tomou-se necessário o uso de senha para melhor identificação daqueles que procuravam entrar em contato com os discípulos e para reduzir ao mínimo os efeitos da insidiosa campanha movida contra os ideais cristãos.

Comandando um grupo de fanáticos, Saulo de Tarso espalhava a dor e a morte. Estevão, provedor de uma instituição assistencial fundada pelos apóstolos, foi levado à praça pública e ali apedrejado. Posteriormente, a despeito de ter Saulo se transformado no valoroso Paulo de Tarso, os próprios apóstolos experimentaram prisão, flagelo e morte.

Transplantada para outras nações, a nova doutrina continuou a ser perseguida e o próprio Paulo pagou com a vida, na cidade de Roma, a ousadia de ter difundido as idéias monoteístas do Cristianismo num mundo grotesco, onde imperava a todopoderosa religião pagã.

Indubitavelmente, qualquer idéia emanada do Mundo Maior, para poder ser implantada vitoriosamente entre os homens, tem que ser regada com o sangue de mártires; do contrário, bem pouco apreço se lhe empresta. O sacrifício de inúmeros mártires do Cristianismo, desde Jesus Cristo até o mais humilde cristão atirado às feras famintas, foi o segredo da vitória dos ideais cristãos em tão pouco tempo.

O “fermento dos fariseus”, mencionado por Jesus, contaminou todos os Espíritos reacionários da época e, mesmo nos dias atuais, ainda oferece tremendo obstáculo à marcha ascensional da Doutrina legada pelo Cristo. O paganismo dos romanos e dos gregos foi substituído por uma nova modalidade de materialismo, entretanto o triunfo do Cristianismo é inegável, e o Espiritismo vem secundá-la na tarefa de fazer prevalecer na Terra os altamente consoladores ensinamentos proferidos há quase vinte séculos, pelo humilde filho de um carpinteiro de Nazaré.

A CONVERSÃO DE PAULO

“E Saulo, respirando ainda ameaças e mortes contra os discípulos do Senhor, dirigiu-se ao sumo sacerdote.”

A conversão de Paulo de Tarso tem a mais relevante significação no processo histórico de implantação do Cristianismo.

Se houve a necessidade de um Precursor, do porte de João Batista, para a preparação do advento de Jesus Cristo, tornou-se também relevante a vinda de um Consolidador, a fim de alicerçar em bases sólidas tudo aquilo que o Mestre, através dos seus ensinamentos, legou à Humanidade.

Para essa tarefa gloriosa, o Mundo Maior fez suscitar um gigante na coragem e no desprendimento, com vistas a fazer com que a doutrina cristã ultrapassasse as fronteiras que limitavam o povo hebreu, atingindo os chamados povos da gentilidade, tendo, para tanto, que passar por cima de dogmas, de preconceitos e de um amontoado de tradições inócuas.

A deslumbrante manifestação ocorrida na Estrada de Damasco, descrita em Atos (9:1-6), subtraiu, ao sumo sacerdote e aos fariseus, um dos seus mais vibrantes e eficientes elementos de perseguição, tendo, ao mesmo tempo, transmutado esse perseguidor persistente num dos mais denodados propagadores da Boa-Nova.

Enquanto os apóstolos de Jesus, pela influência do meio e por fatores circunstanciais, tiveram que limitar a sua ação a uma área restrita, a obra de Paulo de Tarso foi mais ampla, dado que ele não se deixou influenciar por prejuízos de ordem tradicional ou sentimental, nem por dogmas ou tradições, fazendo com isso que os novos profetas do Cristianismo não perdessem tempo com jejuns e circuncisões, passando a descortinar novos horizontes, sem limitações de qualquer natureza.

O início da missão de Paulo ocorreu logo após haver, por intermédio de Barnabé, tomado conhecimento mais amplo sobre o que Jesus Cristo havia ensinado.

É importante notar-se que muitos dos ensinamentos legados por Paulo nada ficam devendo aos atuais ensinamentos do Espiritismo, dentre eles um contido na Primeira Epístola aos Coríntios (1^a: 4-10): *Mas a manifestação do Espírito é dada a cada um para o que for útil. Porque a um, pelo Espírito, é dada a palavra da sabedoria; e a outro, pelo mesmo Espírito, a palavra da Ciência. E a outro, pelo mesmo Espírito, a fé; e a outro, pelo mesmo Espírito, os dons de curar. E a outros a operação de maravilhas; e a outro a profecia; e a outro o dom de discernir os Espíritos; e a outro a variedade de línguas; e a outro a interpretação das línguas.*

Nessa transcrição vemos patenteado, de modo inconfundível, o juízo de Paulo de Tarso sobre as várias modalidades de Mediunidade, relacionadas por Allan Kardec em “O Livro dos Médiuns”.

“Porque Cristo enviou-me, não para batizar, mas para evangelizar.” (1^a Epístola aos Coríntios, 1:17.)

“E ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse caridade, nada seria.” (1^a Epístola aos Coríntios, 13:2.)

Se o apóstolo Pedro foi o coração do Cristianismo, Paulo foi o cérebro pensante.

Se o Cristo foi o fundamento principal, Paulo de Tarso foi uma das colunas da Boa-Nova.

Dentre os grandes missionários vindos à Terra, Paulo foi um dos que mais sofreram no desempenho da sua obra, por isso ele deve sempre constituir-se em paradigma para todos quantos pretendam levar avante missões nobilitantes. Pela sua perseverança e vontade inquebrantáveis, conseguiu o antigo Saulo, rancoroso e vingativo, eivado de ódio e transpirando morte, transmutar-se no valoroso Paulo, um dos mais destacados consolidadores da obra cristã. Para isso ele teve que ultrapassar obstáculos inúmeros, mesmo alguns aparentemente intransponíveis, lançando as sementes generosas que foram regadas por Apolo e às quais o Cristo deu o crescimento.

Podemos mesmo afirmar que Paulo de Tarso foi uma verdadeira cabeça de ponte, que serviu para a crescente difusão do Cristianismo, para a divulgação da consoladora doutrina revelada pelo maior dos missionários que já surgiram na Terra.

LEIS TRANSITÓRIAS

“Eu sou a luz que vim ao mundo,
para que todo aquele que crê em mim
não permaneça nas trevas.”

(João, 12:46)

Os antigos escribas e fariseus eram inimigos ferozes dos inovadores, por isso, quando Jesus Cristo veio trazer a sua mensagem, com o objetivo de revolucionar o mundo, ele encontrou pela frente o ódio e a resistência desses homens.

Na realidade eles não podiam aceitar a revelação cristã, uma vez que ela vinha deitar por terra todo um sistema fundamentado sobre a mentira e a hipocrisia.

Os judeus contemporâneos de Jesus Cristo viviam subjugados por uma série de tradições inócuas, que os mentores religiosos do povo impingiam como sendo de origem divina; por isso o Mestre deparou com tremendo obscurantismo, no qual algumas leis legisladas por Moisés quase vinte séculos antes ainda desfrutavam de plena validade.

Na realidade, Moisés havia estabelecido uma série de leis transitórias que deveriam ter servido apenas para a sua época, legisladas com o objetivo de disciplinar o povo embrutecido que ele havia libertado do Egito. Obviamente, com a evolução do povo, aquelas leis deveriam ter sofrido um aprimoramento, cedendo lugar a uma legislação mais compatível com o progresso registrado. Isso, entretanto, não ocorreu, porque quase todas as leis emanadas daquele grande legislador levavam o nome de Deus, e os seus sucessores hesitavam em alterar normas que tinham por intróito o célebre “Deus ordenou” ou “Deus não terá por inocente aquele que não a observar”.

Como decorrência, quando Jesus Cristo veio à Terra, ainda se apedrejavam mulheres adúlteras, sacrificavam-se animais e observavam-se com verdadeiro zelo religioso várias ordenações já obsoletas e aberrantes, que representavam verdadeiros empecilhos à evolução dos homens, acobertados por um sistema impregnado de superstições e de fanatismo.

A observância das leis mosaicas era tão estrita que até homens esclarecidos, como Paulo de Tarso, se achavam a elas subjugados, tendo este último consentido na

morte de homens idealistas e inovadores, como foi o caso de Estevão, o jovem cristão que foi apedrejado sob o olhar zeloso e fanatizado do futuro apóstolo dos gentios.

Todos os ensinamentos legados pelos grandes reformadores da Humanidade foram ministrados segundo a linguagem da época, levando-se em consideração os costumes e o ambiente no qual foram proferidos.

Tomemos um exemplo propiciado pelo próprio Jesus Cristo: quando se referia aos planos inferiores que os homens denominam *inferno*, ele tomava como referência a *Geena*, um lugar existente nas adjacências de Jerusalém, onde se cremavam cadáveres de animais e todo o detrito proveniente da cidade. Era um lugar terrível, onde “os vermes jamais deixavam de corroer e o fogo de arder”. Era, portanto, um perfeito simbolismo para o ensinamento que desejava propiciar sobre os “lugares onde há choros e ranger de dentes, onde o fogo jamais se extingue e os vermes jamais deixam de corroer.”

Com o decorrer dos tempos os homens deveriam passar a compreender que tendo Deus por Pai e sendo ele a expressão máxima do amor e da bondade, jamais poderia condenar qualquer de seus filhos sem possibilidades de remissão. Isso não ocorreu, entretanto. Os homens agravaram mais a situação criando um lendário inferno eterno com todo um exército de demônios, sempre disposto a atormentar as criaturas de Deus.

É óbvio que, para falar dos planos espirituais inferiores, o Mestre não precisava apelar para a figura da Geena, que passou a ser sinônimo de Hades e de Inferno; entretanto, se ele tivesse empregado outra linguagem, talvez não fosse compreendido.

A evolução humana não comporta leis inflexíveis. Somente as leis emanadas de Deus são eternas e imutáveis.

Moisés recebeu no Monte Sinai um conjunto de leis morais que são eternas e que foram sintetizadas por Jesus Cristo numa só: “Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”.

No entanto, as leis estabelecidas por Moisés, de sua própria concepção, deveriam ter uma duração relativa, deveriam sofrer alterações com o decorrer do tempo, o que não aconteceu, tendo elas contribuído poderosamente para que o próprio Jesus Cristo, ao pretender destruí-las, fosse condenado a levar pesado madeiro até o Calvário, onde foi crucificado.

MUITO MAIS QUE PROFETA

“Convém que ele cresça e que eu diminua.”

(João, 3:30)

Foi João Batista um dos mais destacados médiuns do passado. Sua atuação foi das mais marcantes, principalmente pela circunstância de ter sido o precursor do advento de Jesus Cristo.

O Mestre corroborou esta assertiva quando disse: “*entre os nascidos de mulher, ninguém é maior do que João*” (Lucas, 7: 28), deixando transparecer a importância da vinda do Batista à Terra e o caráter singular da sua missão.

O filho de Zacarias, a exemplo de Jesus, era manso e tolerante para com os humildes e os desajustados, e enérgico e incisivo para com os orgulhosos e hipócritas.

Os escribas e fariseus eram, no dizer do Cristo, “os cegos que não queriam ver e os surdos que não queriam ouvir”. Palavras de brandura certamente não lhes tocavam os corações, Estas tinham que ser fortes, severas e veementes.

Exclamou João, quando alguns escribas e fariseus foram atraídos às margens do Rio Jordão, buscando as vantagens espirituais que ele oferecia: *Raça de víboras, quem vos induziu a fugir da ira porvindoura? Produzi, pois, frutos dignos do arrependimento, e não comeceis a dizer entre vós mesmos: Temos por pai a Abraão: porque eu vos afirmo que destas pedras Deus pode suscitar filhos a Abraão.*

Os escribas e fariseus procuravam João mais por temor da influência espiritual que o Batista pudesse exercer do que propriamente porque estivessem contagiados pelas verdades por ele apregoadas.

A prisão de João foi também motivada pelo seu extremado zelo em salvaguardar os bons princípios de moral. Verberando publicamente o procedimento do rei Herodes, o seu arrojo lhe valeu a prisão e conseqüentemente a degolação. Em todos os tempos, todos os grandes missionários que ousaram atacar frontalmente a mentira e os interesses mais imediatos dos potentados, tiveram como resposta a espada, a cruz ou a fogueira.

A mais apoteótica afirmação do valor e da importância da missão desempenhada pelo Batista, partiu do próprio Jesus, quando obtemperou: *Que saístes a ver no deserto? Um caniço agitado pelo vento? Que saístes a ver? Um homem vestido de roupas finas? Os que se vestem bem e vivem no luxo assistem nos palácios dos reis. Sim, que saístes a ver? Um profeta? Sim, eu vos digo, e muito mais que profeta.*

João não era um caniço agitado pelo vento dos interesses humanos, curvando para um lado ou para outro, ao sabor das conveniências dos grandes da Terra.

Ele foi mais que profeta, porque foi o precursor da vinda de Jesus Cristo. As antigas profecias já rezavam, no tocante à sua missão: *Eis aí envio diante da tua face o meu mensageiro, o qual preparará o teu caminho diante de ti. — Voz do que clama no deserto; Endireitai o caminho do Senhor. — Eis que eu vos envio o profeta Elias, antes que venha o dia grande e terrível do Senhor (Malaquias, 4:6).*

As profecias asseveravam que um anjo viria na frente do Mestre, com as virtudes de Elias. Como a virtude não se transfere, mas é inerente a quem a tenha conquistado, é óbvio que João foi a reencarnação de Elias, o que é confirmado por Jesus quando descia do Monte Tabor: *De fato Elias virá e restaurará todas as coisas. Eu, porém, vos declaro que Elias já veio, e não o reconheceram, antes fizeram com ele tudo quanto quiseram. Assim também o Filho do homem há de padecer nas mãos deles. Então os discípulos entenderam que lhes falara a respeito de João Batista (Mateus, 17:9).*

A missão de João foi algo mais que um roteiro de profecias, pois, conforme assevera Lucas, no Capítulo 3, versículo 9, do seu evangelho: *E também já está posto o machado à raiz das árvores; toda árvore, pois, que não produz bom fruto, é cortada e lançada ao fogo.* O Batista veio para colocar o machado na raiz da árvore

de um sistema religioso impregnado de imperfeições e tradições inócuas, sistema esse representado pela velha religião judaica.

Dizia Jesus: *Na cadeira de Moisés se assentaram os escribas e os fariseus. Fazei e guardai, pois, tudo quanto eles vos disserem, porém não os imiteis nas suas obras; porque dizem e não fazem.* Se os escribas e fariseus não praticavam as boas obras é lógico que o machado do qual falava o Batista estava colocado de modo a derrubar “essas árvores”, para que em seu lugar fosse lançada a semente da Boa Nova revelada pelo Nazareno.

Foi João o primeiro profeta (médium) do Cristianismo, e o seu advento entre os homens traduz bem a extensão do amor de Deus para com todas as criaturas. Tanto o precursor que foi João, como o próprio Cristo, pagaram com a vida, pela espada ou pela cruz, a ousadia de trazerem ao gênero humano uma mensagem de amor e luz.

O VASO DE VINAGRE

“Embeberam de vinagre uma esponja e, fixando-a num caniço de hissopo, lha chegaram à boca.”

(João, 19:30)

Afirma João, em seu Evangelho, que pouco antes de desencarnar, no cimo do Calvário, Jesus Cristo exclamou: “Tenho sede”. Estando ali um vaso cheio de vinagre, os que estavam presentes embeberam nele uma esponja e fixando-a na haste de um hissopo, lha chegaram à boca. Após tragar o vinagre, o Mestre deu um grande brado e disse: “Tudo está consumado”, após o que rendeu o Espírito.

É estranho que, tendo sede, os que o haviam crucificado ofereceram-lhe vinagre. Ele, que havia afirmado “ser uma fonte de água viva jorrando para a vida eterna”, não teve, no momento supremo da sua agonia, quem lhe saciasse a sede. O Mestre, que havia prometido à Mulher Samaritana que aquele que bebesse da água viva que ele oferecia, seria dessedentado permanentemente, não pôde tragar um pouco de água no instante mais cruciante do seu sacrifício.

Em retribuição ao esforço dispendido no sentido de trazer ao mundo uma Nova Revelação, ele recebeu um trago de vinagre, pois isso era tudo o que o mundo lhe podia oferecer.

O Mestre generoso, que havia descido das culminâncias espirituais para legar aos homens um manancial de luz e de verdade, recebeu como paga uma esponja cheia de vinagre, do qual o mundo está cheio.

Assim tem acontecido com quase todos os grandes missionários que têm descido à Terra, em todos os campos de atividades. Com raras exceções, eles têm tragado a taça da amargura ou bebido o vinagre da incompreensão dos homens.

Seria fastidioso enumerá-los a todos, entretanto relacionemos alguns deles:

Jesus Cristo tragou a taça amarga do sacrifício no Gólgota;

Sócrates, de forma idêntica, pelo fato de tentar acender uma luz nos horizontes do mundo trevosos, foi coagido a beber uma taça de veneno;

Paulo de Tarso trouxe o vinagre amargo, diante da incompreensão dos seus pares, a quem desejou transmitir a mensagem evangélica;

Maria de Nazaré também experimentou esse vinagre ao ver o seu filho amado imolado na cruz;

Todos os apóstolos de Jesus também trouxeram esse vinagre, em maior ou menor proporção.

Desta forma, o mundo apenas tem a oferecer vinagre aos que contribuem com seu suor, com seu sangue e com sua vida, no afã de ajudar o progresso do mundo ou o aprimoramento dos Espíritos.

E o vaso ainda não se esgotou. Continua cheio para ser ofertado a todos os que procuram iluminar os horizontes do mundo, a todos os que atentam contra as trevas do obscurantismo e da superstição.

TODOS SERÃO TRANSFORMADOS

“Eis que vos digo um mistério:
nem todos dormiremos, mas
transformados seremos todos.”
(I Cor., 15:50)

Em sua I Epístola aos Coríntios, o apóstolo Paulo afirmou, de forma categórica, que “semeia-se o corpo na corrupção, ressuscita na incorrupção. Semeia-se em desonra, ressuscita em glória”, para logo dizer: “O primeiro homem, Adão, foi feito ser vivente. O último Adão, porém, é Espírito vivificante. E, assim como trouxemos a imagem do que é terreno, devemos trazer também a imagem do celestial”.

E a fim de melhor complementar o seu ensino, diz: “Isto afirmo, irmãos, que carne e sangue não podem herdar o reino de Deus, nem a corrupção herdar a incorrupção. Eis que vos digo um mistério: nem todos dormiremos, mas transformados seremos todos”.

O apóstolo Paulo foi indubitavelmente quem melhor do que ninguém esboçou, há quase; vinte séculos, os mesmos ensinamentos que o Espiritismo proclama agora como seus postulados fundamentais.

As suas Epístolas aos Coríntios encerram, de modo ostensivo e mesmo em suas entrelinhas, tudo aquilo que a Doutrina Espírita proclama nos dias atuais, fazendo mais uma vez evidenciar que a Terceira Revelação não é uma verdade nova, mas a restauração pura e simples dos preceitos basilares do Cristianismo.

Analisando-se os versículos que encimam esta crônica, veremos em primeiro lugar que o Apóstolo dos Gentios destacou a veracidade dos postulados das vidas sucessivas, uma das bases angulares sobre a qual se alicerça o Espiritismo.

“Semeia-se o corpo na desonra, ressuscita em glória”. Substituindo-se a palavra *ressurreição*, comumente empregada entre os antigos judeus, pelo termo *reencarnação*, empregado pelo Espiritismo, estaremos face a uma verdade incontestável: Todos os que enveredam pelo caminho tenebroso do erro, tornando-se criminosos dos mais variados matizes, e aqueles que se tornam avaros, egoístas, invejosos ou

portadores de outros vícios desencarnam em desonra, reintegrando-se nos planos espirituais sob as condições mais deploráveis; entretanto, a justiça divina facultar-lhes a oportunidade da reencarnação em novos corpos, completamente esquecidos de suas antigas faltas e, na glória de nova vida, iniciam outro aprendizado, caminhando pela vereda do reajuste, rumo às elevadas conquistas espirituais.

“O primeiro homem, Adão, foi feito ser vivente. O último Adão, porém, é Espírito vivificante.” O lendário Adão bíblico é aqui tomado por Paulo como figura representativa das populações mais primitivas e atrasadas da Terra, as quais serão, um dia, com as experiências seculares através das vidas sucessivas — após várias vidas de provações e expiações — Espíritos vivificantes. O Espírito, ainda que seja o menos evoluído, será um dia, após o desenrolar de muitos séculos e de muitas reencarnações, um Espírito vivificante.

O Converso de Damasco salienta neste importante ensinamento que ninguém se perde e todos aqueles que tenham pecado ou tergiversado com as leis divinas, serão um dia Espíritos vivificantes. O mérito deste trecho da I Epístola aos Coríntios é de destruir pela base a crença absurda nas penas eternas como conseqüência de um utópico pecado original, apresentando Deus como Pai de justiça e de amor, e não mais como um vingativo déspota, irado e eivado de parcialidade.

Como querendo completar este versículo, Paulo acrescenta: “E assim como trouxemos a imagem do que é terreno, devemos trazer também a imagem do celestial”. Assim como temos atualmente todas as características do homem imperfeito e todos os prejuízos inerentes às criaturas terrenas, mergulhadas na incompreensão e nos vícios, teremos um dia, após o decurso de alguns séculos, todas as características e imagem dos elevados mentores espirituais.

“Isto afirmo, irmãos, que carne e sangue não podem herdar o reino de Deus, nem a corrupção herdar a incorrupção.” Aqui o grande apóstolo anula os dogmas já superados das ascensões ou assunções de corpos carnis aos páramos transcendentais, pois muitos ainda acreditam na ascensão de Jesus e na assunção de Maria de Nazaré, em corpo e alma, rumo às regiões celestiais.

Paulo não compartilha dessa idéia e proclama solenemente que “carne e sangue não podem herdar o reino de Deus”. Corpos gerados nos moldes terrenos, obedecendo a todas as leis que regem o seu nascimento, e que apenas servem para os Espíritos desempenharem suas tarefas na Terra, jamais poderiam ascender às regiões onde os corpos espirituais se salientam e brilham pela glória e primam pela perfeição. Ressalta-se das entrelinhas desses versículos que um corpo humano, mesmo que nele tenha habitado um Espírito santificado, jamais poderá herdar o reino dos Céus, pois o lídimo herdeiro das conquistas espirituais é sempre a alma e nunca o corpo perecível. Apreciado sob outro ângulo, deriva-se desse ensinamento que uma única vida do Espírito na carne está longe de permitir que uma alma corrupta, embora tenha feito algo de bom na Terra, possa gravitar para os planos superiores, onde a corrupção é desconhecida; entretanto, para isso é necessária uma multiplicidade imensa de vidas do Espírito na carne.

Sustenta ainda o insigne Paulo de Tarso que “nem todos dormiremos, mas transformados seremos todos”. Muitos homens vivem esperando o descanso eterno ou um repouso prolongado após os curtos anos de vida que passam pela Terra.

Alguns chegam mesmo a mandar gravar nas lápides dos túmulos dos seus familiares o famoso “descansa em paz”.

Somente aqueles que realmente foram cumpridores do seu dever na Terra, terão uma transição suave para o plano espiritual. A morte do corpo se lhes assemelha a um sono, em que nós morremos todos os dias, entretanto a morte, para aqueles que viveram mergulhados nos vícios, nas torpezas e na maldade, representa tremendo pesadelo. O ingresso nos planos espirituais mais inferiores é para eles verdadeira tormenta.

Nem todos terão a paz dos justos ao transporem o limiar do túmulo. Apenas diminuta parcela, composta daqueles que foram bons entre os homens, conseguirá esse equilíbrio e essa serenidade ao se reintegrarem nos planos espirituais após a chamada morte. A esmagadora maioria não dormirá ou descansará em paz, pois o fantasma do remorso e as conseqüências funestas resultantes do malbaratamento dos talentos que Deus concede a todos os seus filhos, farão com que a paz e o descanso eterno sejam temporariamente ignorados. Sendo misericordioso e Pai de amor e perdão, Deus propiciará a todos novas experiências terrenas e, um dia, todos serão transformados. Todos atingirão a meta comum, pois “o Pai não quer a morte do ímpio, mas que ele se redima e viva”.

UM TESTEMUNHO EVANGÉ.LICO

“E disse Herodes: João, o que batizava, ressuscitou dos mortos.”

(Marcos, 6:14)

Após haver ordenado a seus discípulos que fossem, de dois em dois, percorrer as cidades da Judéia, Jesus Cristo fez muitas curas e operou fatos prodigiosos, o que levou o próprio rei Herodes a surpreender-se e dizer: *João, o que batizava, ressuscitou dos mortos.*

Outros, porém, diziam: e Elias, ou um dos profetas, ou como um profeta.

Esta passagem evangélica revela, uma vez mais, que os judeus contemporâneos de Jesus Cristo acreditavam na reencarnação, embora com o nome de ressurreição, pois, do contrário, Herodes não iria supor que João Batista tivesse voltado após a decapitação, nem o povo acreditar que o Mestre representava o ressurgimento de Elias ou de um dos profetas.

O próprio Jesus, em várias passagens evangélicas, dentre elas o colóquio com Nicodemos e a confirmação, por mais de uma vez, de que João Batista era a reencarnação do profeta Elias, deu testemunho que significa a consagração da multiplicidade das existências do Espírito na carne.

No início da era cristã, muitos homens, dentre eles Orígenes, um dos mais famosos doutores da Igreja, compartilhavam da crença na reencarnação, tendo havido, por isso, acerbos discussões no seio da comunidade religiosa, prevalecendo finalmente a absurda teoria da unicidade das existências.

A Igreja não poderia incorporar à sua estrutura a teoria da reencarnação, porque ela conflitava com vários dogmas, dentre eles o das penas eternas, do pecado

original e da crença no inferno como lugar circunscrito de penalidades para as almas. Não poderia também negar as teorias por ela consagradas da existência dos Limbos e do Purgatório.

Somente a unicidade das vidas poderia coexistir com esses dogmas. Com a reencarnação e a evolução incessante das almas, eles tomavam-se autênticas aberrações.

Por isso os doutores da Igreja não hesitaram em combater as teorias de Orígenes, catalogando como heresia as idéias por ele defendidas a despeito da insofismável autoridade dos Evangelhos, nos quais, obviamente, se apoiava o famoso doutor, a fim de defender as verdades contidas em suas idéias.

Somente a lei da reencarnação é compatível com a justiça divina, pois, à sua luz, é possível elucidar-se as desigualdades sociais e outros problemas correlatos, dentre eles:

— Por que uma pessoa nasce desfrutando de saúde e outra portando doenças incuráveis?

— Por que um nasce na abundância e outro mendigo?

— Qual a razão por que um vive oito meses e outro oitenta anos?

— Por que um é mau e outro bom?

Indubitavelmente à luz da teoria da vida única todas essas anomalias se tornam incongruentes e atentatórias contra a justiça do Criador de todas as coisas.

CURAS PELA FÉ

“Digo-vos que nem ainda em Israel tenho achado tanta fé.”

(Lucas, 7:9)

Dentre outras, constam dos Evangelhos duas passagens que ressaltam o poder da fé. Uma delas nos foi propiciada pelo Centurião de Cafarnaum (Mateus, 8:5-13) e a outra pela mulher que sofria de um fluxo sangüíneo (Lucas, 8:43-48).

O Centurião de Cafarnaum tinha um servo a quem muito prezava, o qual estava moribundo. Sabendo que o Mestre estava em sua cidade, enviou-lhe uns anciãos dos judeus, suplicando-lhe que fosse à sua casa a fim de curá-lo. Entretanto, quando o Senhor estava próximo de sua residência, ele foi ao seu encontro e disse-lhe: *Senhor, não sou digno de que entres debaixo do meu telhado, mas dize somente uma palavra, e o meu criado sarará. Pois também sou homem sob autoridade, e tenho soldados às minhas ordens; e digo a este: vai, e ele vai; e a outro: vem, e ele vem.* Diante da portentosa fé do Centurião, o Senhor exclamou: *Vai, e seja feito como acreditas*, e virando-se para os apóstolos, exclamou: *Em verdade vos digo que nem mesmo em Israel encontrei tamanha fé.*

A outra cura surpreendente aconteceu com uma mulher que sofria há doze anos de penosa hemorragia, havendo gasto todos os seus bens com os médicos, estando débil e esgotada no fundo de uma cama.

Sabendo que o Mestre visitava a sua cidade, ela reuniu o restante de forças que ainda lhe sobejava, foi, e, entrando no meio da multidão, tocou em suas vestes, com a

certeza plena de que bastava isso para que ficasse curada. Logo que tocou a orla da túnica de Jesus, estancou-lhe o fluxo de sangue. E ele perguntou: *Quem foi que me tocou?* ao que os apóstolos retrucaram: *Mestre, a multidão te aperta e te comprime, e dizes: Quem é que me tocou?* Diante dessas ponderações dos discípulos ele aditou: *Eu senti que de mim saiu uma virtude.* Ele havia sentido que dele haviam emanado fluidos que beneficiaram aquela sofredora, por isso, dirigindo-se a ela, que permanecia receosa, asseverou: *Tem bom ânimo, filha, a tua fé te salvou; vai em paz.*

Estas duas curas operadas por Jesus Cristo, como muitas outras, passaram aos olhos do povo como autênticos fatos miraculosos, no entanto elas meramente tiveram o objetivo de revelar o poder da fé, uma vez que o próprio Jesus havia ensinado que *se alguém tiver fé do tamanho de um grão de mostarda, basta dizer a um monte: passa-te daqui para acolá, e, se fizer isso sem hesitar, ele passará.*

É sumamente difícil conceber que uma montanha possa transpor-se de um lugar para outro, mediante uma simples ordenação, não obstante o que o Mestre pretendeu demonstrar é que a fé é poderosa alavanca em nossas mãos; com ela poderemos vencer os maiores óbices, mesmo que eles sejam agigantados como uma montanha. O que é sumamente difícil é o homem dotar-se dessa fortaleza de ânimo, dessa fé robusta suscetível de remover do seu caminho todos os obstáculos, mesmo aqueles aparentemente mais intransponíveis.

Por outro lado, nos Evangelhos também deparamos com casos que foram diametralmente opostos aos dois acima citados, nos quais a fé não foi espontânea, tendo que ser motivada pelo Mestre.

No caso da cura do Cego de Siloé, Jesus Cristo teve que praticar um ato material: na falta de um meio mais eficiente para despertar a fé em seu paciente, o Senhor tomou de um pouco de terra, colocou-o em suas mãos, cuspiu, fez uma espécie de massa, a qual aplicou nos olhos do cego, ordenando-lhe em seguida que fosse banhar-se no Tanque de Siloé, onde a cura se completou.

Houve também um segundo caso, no qual o Mestre teve que aplicar saliva nos lábios de um mudo, pronunciando, em tom imperativo, a palavra: *abra-te*, o que serviu naturalmente para despertar a fé naquele moço.

Em todos os quatro casos, a cura processou-se em toda a sua plenitude, graças à fé espontânea dos dois primeiros, e a fé induzida por Jesus Cristo, nos dois últimos.

No caso específico do moço de Cafarnaum, observamos que o próprio Mestre surpreendeu-se com a fé esposada pelo Centurião, tendo por isso exclamado: *Digo-vos que nem ainda em Israel tenho achado tanta fé.* Isso nos traz um ensinamento relevante; embora Jesus tenha sido enviado particularmente *às ovelhas desgarradas da Casa de Israel*, nem os seus compatriotas e nem mesmo os apóstolos demonstraram fé tão relevante, o que foi feito por um gentio, por um cidadão romano.

O SINAL DO PROFETA JONAS

“Maligna é esta geração; ela pede um sinal e não lhe será dado outro sinal, senão o sinal de Tonas.”

(Lucas. 11 :29)

Nínive, capital da antiga Assíria, situada à margem do Rio Tigre, era uma cidade muito importante, na qual havia mais de 120.000 habitantes. Como acontecia com a maior parte das grandes cidades do passado, ela vivia mergulhada na corrupção e, entre os seus habitantes, reinavam costumes dissolutos e várias formas de desregramentos.

O profeta Jonas, instruído por Espíritos, dirigiu-se àquela cidade e ali fez com que seus habitantes se compenstrassem do erro em que estavam incorrendo. A palavra do profeta foi ouvida e, desde o próprio rei até o mais singelo servidor, todos se decidiram a acatar as suas admoestações, entrando em sacos de cinza, conforme costume da época, penitenciando-se dos seus erros e, desta forma, conseguiram fazer com que a cidade fosse poupada de uma destruição que se avizinhava.

Quando Jesus Cristo esteve entre nós, ele foi procurado por um grupo de fariseus e, entre eles, alguns gregos, os quais pediram-lhe um sinal dos Céus, para que vissem e acreditassem. A resposta do Mestre foi enfática: “Maligna é esta geração; ela pede um sinal, e não lhe será dado outro sinal senão o de Jonas”.

O Mestre proferiu estas palavras angustiado pela incompreensão e dureza dos corações humanos. Ele viera à Terra em cumprimento à promessa sobre o advento do Messias. Sua missão consistia em propiciar a todos os mais autênticos sinais: curando leprosos, restaurando a vista aos cegos, levantando paralíticos e, sobretudo, trazendo uma verdade nova que vinha iluminar os horizontes sombrios do mundo. Não obstante tudo isso, ali estava um povo que se considerava “eleito”, mas era profundamente empedernido, duro de cerviz e incircunciso de coração.

Conseqüentemente, quando os escribas, os fariseus e dentre eles alguns gentios foram pedir-lhe um sinal dos Céus, e os sinais estavam sendo dados todos os dias, a sua resposta foi peremptória: “Nenhum sinal será dado a esta geração maligna e infiel”.

Diante da personalidade de Jesus Cristo, Jonas não passava de um profeta relativamente pequeno. No entanto, dirigindo-se à população de Nínive, apregoou que a cidade seria destruída por Deus se o seu povo não mudasse de roteiro. Todos receberam as palavras do profeta e, receosos da provável destruição, mudaram radicalmente o modo de vida.

Jesus Cristo, que foi o maior Espírito que já baixou à Terra, corporificou-se e fez profusa pregação entre os judeus, mostrando-lhes como seus corações estavam endurecidos; desmascarou a hipocrisia dos escribas e dos fariseus, mostrando-lhes a sua recalcitrância em obedecerem aos mandamentos. Não obstante, suas palavras não foram aceitas e ele foi coagido a levar pesado madeiro até o cimo do Calvário, onde foi crucificado. Como conseqüência, decorridos pouco mais de trinta anos, foi destruída a Jerusalém que matava os profetas e que apedrejava todos aqueles que lhe eram enviados.

Quando o Mestre asseverou que nenhum sinal seria dado àquela geração adúltera senão o sinal de Jonas, ele pretendeu dizer que, se o povo fosse mais dócil, mais humilde, mais razoável, teria recebido as suas advertências, assim como o fez o povo de Nínive.

Na realidade o sinal de Jonas era do conhecimento de todos, pois os escribas liam para o povo o livro de Jonas, e obviamente a atitude do povo da Capital da Assíria, acatando as suas palavras, era notória para todos.

Amargurado diante da incompreensão do seu povo, proclamou Jesus Cristo:

“A rainha do sul se levantará no juízo com os homens desta geração, e os condenará, pois até dos confins da Terra veio ouvir a sabedoria de Salomão; e eis aqui quem é maior do que Salomão.”

“Os homens de Nínive se levantarão no juízo com esta geração e a condenarão, pois se converteram com a pregação de Jonas; e aqui está quem é maior do que Jonas.”

O apego dos escribas e fariseus aos preceitos das leis antigas era apenas aparente. Eles não aceitavam o sinal de Jonas e muito menos o de Jesus. Não se preocupavam com os sinais dados pelos antigos profetas, o que levou o Senhor a ponderar muito judiciosamente: “Não cuideis que eu vos hei de acusar para com o Pai. Há um que vos acusa: Moisés, em quem vós esperais. Porque se vós crêsseis em Moisés, creríeis em mim, escreveu ele. Mas se não credes nos seus escritos, como creereis nas minhas palavras.” (João, 5:45-47).

Moisés havia dado vários sinais ao povo de Israel, porém todos eles entrecortados de violência, de morte, de ameaças, de conquistas, de rudeza, e o povo, pelo menos aparentemente, os aceitava.

A pregação de Jesus Cristo foi feita de uma forma aureolada pela brandura, pela persuasão, e dizia: “Já vos não chamarei servos, porque o servo não sabe o que faz o Senhor, mas tenho-vos chamado amigos, porque tudo quanto ouvi de meu Pai vos tenho feito conhecer.” (João, 15:15). Não obstante tudo isso, ele não era aceito nem na aparência e nem na realidade pelos mentores do povo de Israel.

A corroboração desta nossa assertiva, vemo-la em João, 12:37-38: “E ainda que tivesse feito tantos sinais diante deles, não criam nele, para que se cumprisse a palavra do profeta Isaías, que diz: “Senhor, quem creu na vossa pregação? e a quem foi revelado o braço do Senhor?”

REVOGANDO DOGMAS

“Caríssimos, não creiais a todo o Espírito, mas provai se os Espíritos são de Deus; porque são muitos os falsos profetas que se levantarão no mundo.”

(I Epístola de João, 4:1)

O trecho acima, da Primeira Epístola de João, representa tremenda barreira contra as afirmações de algumas religiões terrenas, de que os Espíritos dos chamados mortos não se comunicam com os chamados vivos ou, em outras palavras, que é interdita a comunicação entre os Espíritos encarnados e desencarnados.

No decorrer de todos os tempos e no seio de todos os povos, sempre houve as provas mais irretorquíveis de que os Espíritos que já passaram para o plano espiritual,

entram em contato com os homens, amparando-os, inspirando-os e cooperando na tarefa ingente de minorar os seus sofrimentos.

Qualquer pessoa que estudar pacientemente os Evangelhos, deparará em suas páginas com as demonstrações mais inequívocas sobre essa assertiva:

- os avisos de um Espírito a Maria e José sobre o nascimento de Jesus Cristo;
- a aparição de um Espírito a Zacarias e Isabel, predizendo que seriam pais de João Batista;
- a comunicação de Jesus Cristo com os Espíritos de Moisés e Elias, no monte Tabor;
- as comunicações do Espírito de Jesus com os seus apóstolos, após a crucificação;
- as aparições de Espíritos a Paulo, a Cornélio, a Ananias e a muitos outros;
- a libertação de Pedro, que estava recolhido à prisão, por interferência de Espíritos;
- a conversão de Paulo, na Estrada de Damasco;
- as continuadas consultas formuladas pela comunidade dos apóstolos aos Espíritos, sem falar nos fatos anteriores acontecidos com todos os profetas, e nos casos posteriores, ocorridos com Francisco de Assis e Joana D' Arc, sem mencionar outros.

Não fora possível a comunicação dos Espíritos, seria incoerente o ensinamento transmitido na Epístola de João. Seria uma aberração o apóstolo escrever sobre coisas inverossímeis. Seria ilógica uma recomendação aos participantes das primitivas igrejas cristãs, que se precatassem contra os Espíritos que não fossem de Deus, e que aceitassem apenas os Espíritos bons, se a comunicação desses últimos não pudesse ocorrer.

Um outro libelo contra a proibição das igrejas, no tocante à comunicação dos Espíritos, nos é dado por Paulo de Tarso, em sua Primeira Epístola aos Coríntios (2:12-13): “Ora, nós não recebemos o Espírito deste mundo, mas sim o Espírito que vem de Deus, para sabermos as coisas que por Deus nos foram dadas. O que também anunciamos, não com doudas palavras de humana sabedoria, mas com a doutrina do Espírito, acomodando o espiritual ao espiritual”.

A linguagem do Apóstolo dos Gentios, tanto neste trecho como em outro da mesma Epístola: “E a cada um é dada a manifestação do Espírito para proveito.” (12:7) não deixa a menor dúvida sobre a comunicabilidade dos Espíritos com os homens e tem profundo parentesco com os ensinamentos atuais ministrados pelo Espiritismo.

O Evangelista João já previa em sua Epístola que muitos Espíritos mistificadores (falsos profetas) surgiriam naquela época e continuariam a se manifestar no futuro, impingindo falsos ensinamentos e ministrando idéias controvertidas. Foram esses falsos profetas que inspiraram a trama de se adulterarem os Evangelhos; foram eles que implantaram na Terra, durante muitos séculos, o obscurantismo, o ódio, as perseguições, os dramas calamitosos da Inquisição, os morticínios horríveis, como aquele ocorrido na chamada noite de S. Bartolomeu.

A falta de observância da advertência de João deu origem à criação de dogmas absurdos, como aqueles do pecado original, das penas eternas, da proibição da

comunicação com os chamados mortos, e muitos outros, tendo sido a causa primária do desvirtuamento dos cristalinos ensinamentos legados pelo Meigo Rabi da Galiléia.

Com essas deturpações passaram a prevalecer os ensinamentos do “Espírito deste mundo”, relegando-se para plano secundário os prudentes ensinamentos do “Espírito que vem de Deus”. Tudo isso deu origem a que, nesses dois milênios que estamos acabando de viver, verdadeiras portas largas fossem abertas aos Espíritos mistificadores para a semeadura de falsas doutrinas e a criação de dogmas de concepção profundamente humana.

Os ensinamentos do Evangelista João e do Apóstolo Paulo objetivam, pois, revogar dogmas obsoletos e atentatórios à justiça de Deus.

São chegados, pois, os tempos quando os preceitos altamente consoladores de Jesus devem prevalecer, causando a derrocada da obra dos falsos profetas de todos os tempos.

AMIGO DOS PECADORES

“Veio o Filho do homem que come e bebe e dizeis: Eis aí um homem comilão, e bebedor de vinho, amigo dos publicanos e pecadores.”

(Lucas.7:34)

Face à incompreensão daqueles que ouviam as suas palavras, Jesus Cristo exclamou: “A quem compararei os homens desta geração, e a quem são semelhantes?”, acrescentando logo a seguir: “São semelhantes aos meninos que, assentados nas praças, clamam uns aos outros, e dizem: Tocamo-vos flauta e não dançastes; cantamo-vos lamentações e não chorastes. Veio João Batista que não comia pão nem bebia vinho, e dizeis: Tem demônio. Veio o Filho do homem que come e bebe, e dizeis: Eis aí um homem comilão, e bebedor de vinho, amigo dos publicanos e dos pecadores”.

Através dessa comparação, o Mestre quis definir que os homens nunca aceitam os inovadores, pondo-lhes logo algum defeito: Um porque não comia pão e não bebia vinho, tinha parte com o demônio; o outro que comia pão e bebia vinho, era amigo dos publicanos e dos pecadores. Deste modo procuram justificar-se, perante si próprios, do endurecimento e recalcitrância que residiam no recesso dos seus corações.

O maior inimigo da libertação espiritual dos homens, em todos os tempos, tem sido o medo da verdade. Vivendo dela divorciados, passam a viver sob o jugo do fanatismo e da superstição, prejuízos esses que geram a cegueira espiritual e a petrificação dos sentimentos mais nobres.

Afirmou ainda o Mestre que os homens temem a luz porque suas obras são más; isso porque a presença dos emissários dos Céus sempre foi motivo de estorvo, principalmente para aqueles que habituaram-se a cometer desmandos e desatinos no plano religioso, pois estes temem que quaisquer admoestações provindas do plano espiritual venham a embaraçar seus planos.

Os emissários de Deus objetivavam principalmente executar a vontade daquele que os enviou, pouco se preocupando em agradar ou não aos homens, mormente se estes, conforme preconizam os Evangelhos: *são incircuncisos de coração e duros de cerviz*.

No decorrer de sua missão terrena, o Senhor propiciou a todos os mais autênticos sinais, no entanto aqueles que instruíam o povo ou que sobre ele exerciam influência, permaneciam como surdos que não queriam ouvir, ou cegos que não queriam ver. Encastelados em seu orgulho nada queriam ver nem ouvir.

Quando Jesus Cristo expulsava maus Espíritos ou fazia curas retumbantes, logo surgiam os seus detratores, proclamando: “ele faz isso por engenho e arte do príncipe dos demônios”. Essa acusação gratuita levou-o a retrucar: “Se eu expulso os maus Espíritos por intermédio do príncipe dos demônios, por quem os expulsaram vossos pais?”

Na realidade, se perlustrarmos as páginas dos livros que compõem o chamado Velho Testamento, depararemos com inúmeras curas e expulsões de Espíritos das trevas, operadas pela ação dos antigos profetas e emissários dos Céus. O próprio Davi, um dos mais abalizados membros da comunidade israelita, que chegou a ser proclamado rei, e de cuja linhagem seria suscitado o Cristo, por várias vezes conseguiu expulsar um Espírito obsessivo que atormentava o rei Saul (I Samuel, 16:23).

Se o Mestre Nazareno expulsava os maus Espíritos por intermédio do chamado *príncipe dos demônios*, por quem os expulsaram esses grandes missionários, muitos deles homens de notória ascendência no seio do povo hebreu?

Tudo isso demonstra de sobejo a incongruência dos doutores da lei que, qualificando o Cristo como agente dos Espíritos trevosos, esqueciam-se de que os seus gloriosos antepassados agiram de modo idêntico, expulsando numerosos Espíritos possessores e demonstrando o poder e a glória de Deus.

Proclamou ainda o Mestre: “Um reino subdividido não poderá subsistir”. Se o *príncipe dos demônios* está fazendo o bem, produzindo curas e ensinando aos homens o caminho da reforma íntima, é isso indício seguro de que o seu remado está periclitante por falta de unidade.

As curas que atualmente são produzidas por médiuns espíritas, são freqüentemente catalogadas como obras dos Espíritos das trevas, a exemplo do que sucedia com o próprio Jesus Cristo; entretanto, essa falsa interpretação não tem qualquer consistência, pois, segundo o dizer do profeta Joel: “o Espírito está sendo derramado sobre toda a carne, os velhos começam a ter sonhos e os moços a ter visões”, atestando que os tempos são chegados e que a era do fanatismo, do obscurantismo, do entorpecimento espiritual e da crença na existência do chamado *príncipe dos demônios* já fez a sua época.

O Mestre, na realidade, era amigo dos publicanos e dos pecadores. Para essa finalidade ele veio à Terra, pois são os doentes e não os sãos que precisam de médicos. Médico das almas, por excelência, o Senhor nos revelou um manancial de ensinamentos que levam todos os que dele tomarem conhecimento, à reforma íntima, necessária para que através dela se processe a reforma do mundo.

O VASO ESCOLHIDO

“Este é para mim um vaso escolhido, para levar o meu nome diante dos gentios, e dos filhos de Israel.”

(Atos, 9: 15)

“Este é para mim um vaso escolhido” foram as palavras com as quais o Espírito de Jesus esboçou o papel que estava reservado a Paulo de Tarso desempenhar, no processo de revelação e implantação do Cristianismo.

“Vaso escolhido” significa médium escolhido, pois o médium é um vaso adequado à recepção da vontade divina — um receptáculo das divinas mensagens e um elo de ligação entre a Terra e o Céu.

A comprovação desta assertiva está contida no fato de haver Jesus Cristo, reiteradas vezes, surgido em Espírito aos olhos de Paulo, dando-lhe as devidas instruções à respeito do roteiro a seguir para melhor êxito no processo de divulgação da Boa Nova entre os homens. Em Atos (16:7), observamos que ao defrontar-se com a cidade de Mísia, Paulo e seus companheiros pretendiam dirigir-se para a Bitínia, mas o Espírito de Jesus, interferindo, não o permitiu. No mesmo livro (23:11), vimos também que o Espírito do Mestre, pondo-se ao seu lado, disse a Paulo: “Coragem! Pois, do mesmo modo que deste testemunho a meu respeito em Jerusalém, assim importa que também o faças em Roma.”

Nas Epístolas de Paulo, dirigi das às várias comunidades da época, sentimos o sabor dos ensinamentos do Cristo, inspirados a seu intermediário escolhido.

O Cristianismo representou um processo revolucionário de revelação no campo religioso da época, alterando profundamente toda a ortodoxia secularmente montada pelo sacerdócio hebreu. A sua implantação no seio dos povos politeístas da época não poderia ficar na dependência apenas de alguns cristãos novos que até então não haviam conseguido se desvencilhar dos preconceitos e tradições arquetizadas no decorrer de muitos séculos de obscurantismo; por essa razão básica, Jesus teve que convocar um missionário de fibra, extremamente arrojado, a fim de que a grande tarefa encetada não viesse a sofrer o impacto de interesses de grupos ou de pessoas, interessados na manutenção do estado de coisas até então prevalecente.

Lançando as bases de uma nova Doutrina, Jesus Cristo definiu o seu rumo e a sua essência; entretanto, havia necessidade de um missionário que viesse consolidar os ensinamentos evangélicos, através de diretrizes seguras e acessíveis às várias comunidades que povoavam a Terra, desde as regiões habitadas pelos filhos de Israel, até os povos mais esclarecidos da Terra.

Podemos dizer então que João Batista, que foi o Precursor de Jesus, preparou o terreno, o Mestre Nazareno lançou as sementes em profusão, e Paulo de Tarso cuidou das insipientes plantinhas para que não viessem a ser sufocadas pelo joio do complicado sistema religioso mantido pela ortodoxia do Templo de Jerusalém, que ainda empolgava muita gente.

Enquanto os apóstolos de Jesus se dedicavam de corpo e alma à tarefa de conversão dos judeus, evitando, entretanto, ultrapassarem os limites acanhados das

províncias judaicas, Paulo de Tarso, sob a égide espiritual de Jesus, escrevia as suas epístolas dirigidas a todas as comunidades, nas quais tinha a oportunidade de abordar os problemas que lhe eram peculiares, mas sempre apresentando em primeiro plano a mensagem imorredoura do Evangelho.

No caso da conversão do Centurião Cornélio, os Espíritos do Senhor tiveram que produzir retumbante manifestação espiritual, a fim de convencer o apóstolo Pedro a sair da sua ortodoxia e receber os emissários daquele gentio, que necessitava urgentemente travar conhecimento com os novos ensinamentos; no caso de Paulo de Tarso as coisas se passavam de modo diferente: o Converso de Damasco era quem procurava os gentios a fim de esclarecê-los e trazê-los para a Nova Fé.

Paulo de Tarso foi o médium escolhido que teve a incumbência de levar as palavras do Cristo a todo o mundo conhecido e, para a consecução dessa tarefa, teve que tragar o cálice amargo das perseguições, das prisões, das violências e da própria morte, simbolizadas naquelas palavras dirigidas pelo Espírito de Jesus ao velho Ananias: “E eu lhe mostrarei quanto deve padecer pelo meu nome”.

FILHOS DE ABRAÃO

“Eu vos digo que mesmo destas pedras Deus pode suscitar filhos a Abraão.”

(Mateus, 3:9)

No passado muitos judeus se arrogavam ao qualificativo de “filhos de Abraão” e, como tais, pouco se importunavam com o cumprimento das leis morais. Em outras palavras, pensavam que a qualidade de “filho de Abraão” significava uma imunidade que lhes garantia uma situação privilegiada, tanto entre os homens, como perante Jeová, deidade tribal dos hebreus, que eles acreditavam ser o próprio Deus.

Quando João Batista, na qualidade de Precursor de Jesus Cristo, fez uma das suas prédicas às margens do Rio Jordão, conseguiu abalar as consciências de muitos judeus, pois, devido à veemência de suas palavras, os que o ouviam ficaram temerosos das conseqüências que lhes poderiam advir pela não observância dos mandamentos da Lei. Por isso foram, em massa, em busca do inovador, uma vez que acreditavam que o batismo da água, um ato puramente simbólico, seria o suficiente para isentá-los dos pecados cometidos até então.

Segundo o modo de pensar desses homens, bastava que se desse o dízimo de tudo o que possuíam, que fizessem jejuns periódicos, que observassem vãs tradições, e tudo estaria bem com Deus. Por isso, ao praticarem essas coisas de fundo puramente material, descuravam-se da prática de coisas mais importantes, que levariam à reforma interior. Deste modo, eles se enquadravam perfeitamente no judicioso julgamento de Jesus: “coavam um mosquito e engoliam um camelo”.

Os judeus contemporâneos de Jesus tinham em alta conta o qualificativo de “filhos de Abraão”, por isso, quando o Mestre advertia o povo pela não observância dos mandamentos, dizia: “quando virdes Abraão, Isaac e Jacó no Reino de Deus e vós permanecerdes do lado de fora, então lastimareis e chorareis”.

O profeta João Batista, percebendo a hipocrisia que imperava nos corações de muitos daqueles que o buscavam, exclamou: “Raça de Víboras! Quem vos ensinou a fugir da ira que há de vir? Não comeceis a dizer entre vós que sois filhos de Abraão, porque eu vos digo que destas pedras Deus pode suscitar filhos a Abraão”. Deste modo o Precursor deixava bem claro que a qualidade de que eles tanto se ufanavam tinha valor muito relativo aos olhos de Deus.

A religião prevalecente na época fazia com que os antigos hebreus se preocupassem mais com a Terra de Canaã, prometida por Jeová a Abraão em eterna possessão, do que realmente com as coisas do Espírito. Como decorrência davam mais valor ao precário qualificativo de “filho de Abraão” do que aos edificantes ensinamentos que levavam à prática da parte moral das leis estabelecidas por Moisés. Julgavam deste modo que, sendo reconhecidos como filhos daquele grande patriarca dos hebreus, estavam desobrigados de outros compromissos mais relevantes.

Mostrou-lhes João Batista que até daquelas pedras que estavam esparsas às margens do Rio Jordão, Deus poderia suscitar filhos a Abraão, uma vez que, tão endurecidos como elas, eles tinham os corações.

Afirmou Jesus Cristo, por outro lado, que se eles não amoldassem suas almas, aceitando as mensagens imorredouras que vinham dos Céus, eles poderiam vir a deparar com a dura contingência de se demorarem no envolvimento das coisas da Terra, protelando a caminhada rumo aos lugares sublimados da Espiritualidade superior, adquirindo as qualidades espirituais colimadas pelos grandes Espíritos que foram Abraão, Isaac, Jacó e outros tantos missionários que executaram a vontade de Deus na Terra.

A Humanidade recebeu através de Jesus Cristo uma religião altamente espiritualizante. Com a assimilação dos ensinamentos preceituados por essa nova revelação, os homens deixariam de ficar preocupados com uma pequena nesga de terra, prometida por Jeová ao grande patriarca e seu povo, passando a se empolgar com a idéia de todo o universo, onde existem muitas moradas, todas elas regidas por um Pai de Justiça e de Amor.

A promessa de Jesus, que não era feita apenas a um homem ou a um povo, mas a toda a Humanidade, não abrangia apenas o território de uma pequena nação, mas toda a Terra e até as múltiplas moradas da Casa do Pai. Em contraprestação, o Mestre Nazareno apenas pediu aos homens que buscassem o reino de Deus e sua justiça, preocupando-se em se tomarem perfeitos, como perfeito é o Pai Celestial.

QUE É A VERDADE?

“Disse-lhe Pilatos: Que é a verdade?”

(João, 18:38)

Afirma o Evangelho de João que, ao entrar Pilatos na audiência, após um ligeiro colóquio com Jesus Cristo, perguntou-lhe: “Logo tu és rei?”, indagação que mereceu do Mestre a seguinte resposta: “Tu dizes que eu sou rei. Eu para isso nasci,

e para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade. Todo aquele que é da verdade ouve a minha voz.”

Face a uma resposta de tamanha grandeza, Pilatos limitou-se a perguntar-lhe: “Que coisa é a Verdade?”

Entretanto, como o obscurantismo e os interesses mundanos sempre foram os maiores inimigos da verdade, houve naquela hora um início de tumulto no pátio do Pretório, provocado pelos fanáticos que ali estavam sob a égide dos escribas, dos fariseus e daqueles que tinham nas mãos os poderes religiosos, todos eles interessados na crucificação do tão esperado Messias.

A pergunta ficou, portanto, sem resposta, uma vez que as trevas se fazem sentir sempre, nos momentos psicológicos, em todos os lugares onde a luz do esclarecimento ameaça brilhar.

Talvez o Mestre não quisesse discorrer sobre a verdade com um homem que não a podia compreender, pois, minutos após, apesar de não ver em Jesus qualquer crime, não trepidou em entregá-lo nas mãos dos seus detratores para que o levassem ao sacrifício. Qualquer elucidação sobre a verdade também não interessava aos Espíritos trevosos, interessados na consumação do hediondo sacrifício da cruz.

Evidentemente, Pilatos não tinha qualquer noção sobre o que fosse a verdade. A verdade apregoada pelos judeus não calava bem aos olhos do procônsul romano. O representante do Império não podia aceitar como expressão da verdade os seguintes ensinamentos ministrados pelos escribas:

- Teria o mundo sido criado em seis dias?
- Teriam Adão e Eva sido os primeiros habitantes da Terra?
- Teria realmente Josué conseguido parar o movimento do sol para poder completar um morticínio?
- Como poderia Moisés receber do Alto um mandamento que ordenava o “não matarás”, e ele mesmo ordenava verdadeiras matanças de criaturas humanas?
- Se Caim matou Abel e saiu pelo mundo, não existindo qualquer outra mulher, como poderia ele constituir família e ter descendentes?
- Teria realmente Jonas vivido três dias e três noites no ventre de uma baleia?
- Poderia a mulher de Lot transformar-se numa estátua de sal?
- Com que técnica poderia Noé ter construído uma arca tão descomunal que pudesse abrigar em seu interior um casal de cada espécie vivente na Terra? Como poderia ele conciliar dentro dela animais tradicionalmente inimigos bem como alimentá-los durante quarenta dias?

Desconhecendo Pilatos a interpretação dessas narrativas sob o bafejo do Espírito, é evidente que não podia também aceitá-las como verdadeiras.

De forma idêntica, não podia o procônsul entender como poderia ser “eleita” de Deus uma casta sacerdotal eivada de sentimentos felinos e de interesses profundamente políticos e mundanos.

Como conciliar os atos maus e cheios de rapinagem desses homens, com os resplendores da verdade? Uma religião que se baseava nas tradições inócuas, nos atos exteriores do culto, no ódio e na vingança, jamais poderia ter qualquer parentesco com o que é apregoado como verdade. Se Jesus chamou os escribas e fariseus de hipócritas, como poderiam eles ser lídimas expressões dessa mesma verdade?

O Espiritismo representa o advento do Consolador prometido e, como tal, o seu papel é de restabelecer na Terra as primícias da verdade. Evidentemente, quando ele se consolidar definitivamente no seio dos povos, ruirão por terra todos os sistemas e métodos alicerçados sobre a mentira. Tudo aquilo que não for representativo da verdade, será removido dos seus pedestais.

Não tendo Jesus Cristo a oportunidade de esclarecer Pilatos sobre o que é a verdade, o Espiritismo vem agora, na hora propícia, quando os tempos são chegados, fazer com que a luz da verdade possa iluminar os horizontes do mundo, onde, até agora, somente tem prevalecido a mentira, o mistério, o orgulho, a vaidade, o fanatismo, a hipocrisia, a intolerância e o ódio.

O Cristo poderá, então, através das vozes que emanam dos Espíritos, responder não somente a Pilatos, mas a todos os homens o que é a verdade.

PROSELITISMO

“Uma geração má e adúltera pede um sinal, porém não se lhe dará outro sinal senão o do profeta Tonas.”

(Mateus, 12:39)

Quando do desempenho da sua gloriosa e redentora missão, Jesus Cristo deixou bem evidenciado que o Cristianismo fazia mais questão de qualidade do que de quantidade.

Por isso, estando ele fazendo suas costumeiras pregações, aproximou-se um grupo de escribas e fariseus, gente de notória influência na cidade, solicitando-lhe que produzisse um sinal retumbante, provindo do céu, para que vissem e passassem a crer.

Vendo que se tratava de homens endurecidos, que estavam muito longe de assimilar suas palavras, replicou-lhes o Mestre: “Nenhum sinal será dado a esta geração adúltera e infiel, senão o sinal do profeta Jonas”, acrescentando logo a seguir: “pois assim como Jonas foi sinal para os ninivitas, o Filho do homem é um sinal para esta geração”.

Quando João Batista fazia suas pregações às margens do Rio Jordão, acolhendo e orientando a imensa multidão de sofreadores que o buscava, surgiu ali um grupo de fariseus e saduceus orgulhosos e endurecidos, procurando também a orientação do grande profeta.

Olhando para aqueles homens vaidosos, o Batista exclamou: “Raça de víboras! Quem vos ensinou a fugir da ira que há de vir? O machado já está colocado na raiz da árvore e toda a árvore que não der bom fruto será cortada e lançada ao fogo”.

Deste modo observamos que tanto Jesus Cristo como João Batista não faziam questão de quantidade, mas, sim, de qualidade. Eles se rejubilavam com os homens simples de coração e prontos para enveredarem pelo caminho da reforma interior.

Quando codificou a Doutrina Espírita, Allan Kardec deixou bem claro que o Espiritismo somente reconhece por adeptos aqueles que se hajam reformado moralmente, o que deixa bem patenteado nas entrelinhas que a Doutrina dos Espíritos

não reconhece por membro aquele que, embora se proclamando espírita, nada faz em favor do seu aprimoramento espiritual.

De nada adianta criar ou existirem novas religiões que tenham por preocupação primária possuir grande quantidade de seguidores, relegando para plano secundário a importante questão da reforma íntima dos seus profítes. Os grandes aglomerados religiosos que praticam na Terra várias formas exteriores do culto, apenas empolgam as vistas, satisfazem os sentidos, mas têm muito pouca penetração nos corações.

Os escribas e os fariseus no tempo de Jesus Cristo preocupavam-se muito com os aparatos exteriores do culto, com os ritualismos, com as encenações, com o apego às vãs tradições, que nada dizem aos corações, por isso eles mereceram do Mestre severas advertências: “Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que sois idênticos aos túmulos caiados, que por fora são vistosos e bem ornamentados, mas que em seu interior apenas encerram ossadas e podridões”, acrescentando ainda: “Fariseus e escribas hipócritas, que contornais o Céu e a Terra para fazerdes um discípulo, e depois o tomais mais merecedor da Geena do que vós mesmos.”

Com base nessas citações observamos que a questão do proselitismo não é essencial dentro de uma religião, porque esta deve procurar, sobretudo, a mais fundamental das partes, que é a qualidade dos seus profítes, sem o que ela será apenas mais uma religião, e não uma religião que ensina aos seus seguidores como viver realmente os Evangelhos de Jesus, aliás, a única forma eficiente que pode levar a criatura a reformar-se espiritualmente e reencontrar-se com o seu Criador.

NINGUÉM VAI AO PAI SENÃO POR MIM

“Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim.”

(João, 14:6)

Será que o ateu, ou os membros de outras religiões que desconhecem Jesus, como o maometano, o judeu ou o budista não irão ao Pai?

Teriam as palavras de Jesus Cristo o objetivo de fazer discriminação entre os profítes de outras religiões, outorgando apenas aos cristãos as prerrogativas de irem ao Pai?

Inquestionavelmente, esse não era o pensamento do Mestre, pois, sendo ele um missionário que veio trazer à Terra uma doutrina de cunho universal, não poderia jamais fazer distinções dessa natureza.

Para ir ao Pai através de Jesus não basta qualificar-se cristão, ou assentar-se nos bancos de uma religião cristã. Precisa fazer obra de cristão e, para fazer obra de cristão, é necessário não apenas ler, mas viver os Evangelhos, aplicando-o em sua vida de relação.

Quem teria mais valor aos olhos de Deus: um ateu que pratica o bem, ama o seu próximo, cumpre o seu dever no lar, ou um cristão que frequenta a sua igreja, mas que não pratica qualquer sorte de caridade, não tolera o seu próximo e torna-se um tirano no lar?

Quem teria mais mérito: uma pessoa que não crê em Deus, mas está sempre disposta a cooperar com o seu próximo, ou um cristão que vira as costas e fecha as portas do coração para tudo e para todos?

O apóstolo Tiago Menor, ao escrever a sua inspirada Epístola Universal, deixou bem claro que “a fé sem obras é morta em si mesma”, no que foi corroborado por Paulo de Tarso, quando afirmou na célebre Epístola aos Coríntios que “*se alguém falar a língua dos homens e dos anjos, ou der o corpo para ser queimado em praça pública, mas não tiver caridade, isso nada significa*”.

De nada adianta proclamar-se cristão, pois assim como João Batista afirmou aos judeus que se arrogavam ser *filhos de Abraão*, que das pedras existentes às margens do Rio Jordão Deus poderia fazer novos *filhos de Abraão*, é óbvio que mesmo criaturas mais endurecidas podem se proclamar cristãs, mas isso não significa que elas sejam cristãs na verdadeira acepção do vocábulo.

Na parábola do Rico e de Lázaro, vimos o rico chamar Abraão de Pai, o que significa que ele se considerava filho desse grande patriarca, mas ele não fez obras dignas de um “filho de Abraão” e, por isso, foi parar nos planos inferiores onde “há choros e ranger de dentes”.

Ser cristão significa ser bom rico, um rico que sabe dar uma parcela dos seus bens para bem-estar dos menos favorecidos pela fortuna; ser bom pobre, que não vive constantemente blasfemando contra Deus e contra tudo; ser caridoso, ser tolerante, ser bom, não guardar ciúmes, vaidades; não ser orgulhoso, déspota ou rancoroso; não cobiçar as coisas alheias nem alimentar inveja contra a prosperidade do seu próximo.

Em suma, para ir ao Pai, através do Cristo, é preciso viver tudo aquilo que está exarado nas páginas dos Evangelhos, embora quem o faça pertença às mais diversas ramificações religiosas da Terra, mesmo que não sejam do ramo cristão.

Deve-se também levar em consideração que os antigos mentores religiosos, como Buda, Zoroastro, Krisna, Maomé, Abraão, Moisés e outros, foram também emissários de Jesus que vieram em outras regiões do mundo, a fim de ali deixarem as sementes generosas que germinarão mais tarde, quando os Evangelhos de Jesus estiverem implantados em todos os quadrantes do mundo, quando a época for propícia para haver “um só rebanho sob o cajado de um só pastor”.

Se os ensinamentos desses missionários divergem, em parte, daquilo que o Mestre Nazareno ensinou, deve-se compreender que isso foi decorrência do próprio atraso moral e espiritual reinante nas respectivas épocas. Não resta dúvida, entretanto, que todas as arestas serão removidas, para que todos venham um dia a conhecer que Jesus é realmente o Caminho, a Verdade e a Vida, e que ninguém irá ao pai a não ser por seu intermédio, isto é, através da assimilação dos seus ensinamentos.

O amor, a caridade, a fraternidade, a mansuetude, a tolerância são vocábulos universais, e todas as religiões que os consagrarem estarão palmilhando os caminhos balizados por Jesus Cristo.

CIDADES IMPENITENTES

“Digo-vos, porém, que menos rigor haverá para a terra de Sodoma do que para ti.”

(Mateus, 11:24)

Da mesma forma como os homens são submetidos a penosos resgates individuais, quando malbaratam o legado precioso que Deus lhes concedeu, as cidades também experimentam quedas e dores quando não dão acolhida aos ensinamentos que, de um modo ou de outro, são proporcionados à sua população pelos mensageiros dos Céus.

As cidades de Sodoma e Gomorra foram destruídas em consequência dos seus inúmeros transviamentos; no entanto, segundo a própria expressão de Jesus Cristo, menos rigor haverá para elas no julgamento divino, do que para Corazim, Betsaida, Cafarnaum e Jerusalém, onde autênticos sinais foram produzidos pela interferência do Mestre, sem que houvesse ocorrido o devido aproveitamento.

Jerusalém é o exemplo típico desta assertiva. A antiga capital da Judéia teve a oportunidade de presenciar todos os fatos operados por Jesus Cristo: viu a cura de cegos, de paralisados, de leprosos, a expulsão de Espíritos inferiores; ouviu a voz do tão esperado Messias; presenciou a apoteótica recepção que a sua população prestou ao Mestre, quando da sua chegada àquela cidade; no entanto, nada serviu de lição, o que o levou a subir a um monte e exclamar amargurado: *Jerusalém, Jerusalém! Que matais os profetas e apedrejais os que vos foram enviados! Quantas vezes quis eu reunir vossos filhos como a galinha ajunta os do seu próprio ninho debaixo das asas, e vós não o quisestes! Eis que a vossa casa vos ficará deserta. E em verdade vos digo que não mais me vereis até que venhais a dizer — Bendito o que vem em nome do Senhor* (Lucas, 13: 34-35).

Por reiteradas vezes o Senhor insistiu para que a cidade e a nação voltassem atrás em seus desatinos e desvios, abandonando uma vida eivada de vaidade e orgulho. Muitos sábios e profetas desceram do Alto para essa finalidade. O próprio Jesus Cristo ali surgiu para complementar a tarefa dos seus prepostos. Nada disso valeu. Consumou-se, então, no tocante a Israel, a parábola dos lavradores malvados:

Havia um homem, pai de família, que plantou uma vinha. Cercou-a de uma sebe, construiu nela um lagar, edificou-lhe uma torre e arrendou-a a uns lavradores, depois se ausentou do país.

Ao tempo da colheita, enviou seus servos aos lavradores para receber os frutos que lhe tocavam.

E os lavradores, agarrando os servos, espancaram a um, mataram a outro e a outro apedrejaram.

Enviou ainda outros servos em maior número; e trataram-nos do mesmo modo.

E por último enviou-lhes o próprio filho, dizendo: a meu filho respeitarão.

Mas os lavradores, vendo o filho, disseram entre si: Este é o herdeiro; ora, matemo-lo e apoderemo-nos da sua herança.

E, agarrando-o, lançaram-no fora da vinha e o mataram.

Quando, pois, vier o senhor da vinha, que fará àqueles lavradores?

Responderam-lhe: Fará perecer horrivelmente a estes malvados, e arrendará a vinha a outros que lhe remetam os frutos nos seus devidos tempos.

O Senhor da vinha é Deus, os lavradores são os homens, os enviados que foram mortos, expulsos ou apedrejados, foram os profetas e os grandes missionários que vieram à Terra; o filho do senhor da vinha é Jesus Cristo.

Jerusalém apedrejou, expulsou e matou numerosos enviados de Deus; o Pai enviou-lhe o seu próprio Filho, e também este foi morto. Os homens se recusaram a produzir bons frutos e a retribuir a misericórdia infinita do Criador que lhes deu a Terra, com todas as possibilidades de produção.

A cidade de Jerusalém e toda a Judéia foram então tiradas desse povo e entregues a um outro. Os filhos de Israel foram dispersos no ano 70, perdendo sua pátria e praticamente todo o seu patrimônio e, da suntuosidade do seu famoso Templo, não restou pedra sobre pedra. Cumpriu-se, desta forma, o vaticínio de Jesus: “A Casa ficou realmente deserta.” (Lucas, 13:35).

Esta parábola de Jesus, obviamente, não se aplica somente o a Jerusalém, mas a muitas cidades e nações.

Quando o Mestre obtemperou: *Ai de ti, Corazim, ai de ti, Betsaida*, o seu pensamento era de fazer distinção entre as cidades que recebem a palavra de Deus, e aquelas que não o fazem.

Para ilustração, mencionemos a população da cidade de Nínive, a qual, decidindo-se a ouvir as advertências do profeta Jonas e a se penitenciar dos seus desregramentos, evitou a sua própria destruição.

A maleabilidade que existe no seio de alguns povos, mais do que em outros, para a assimilação dos ensinamentos vindos do Alto, levou o Mestre a exclamar: *Se em Tiro ou em Sidônia se tivessem operado os fatos maravilhosos que se produziram em Corazim, em Betsaida e em Cafarnaum, por certo elas há muito haviam mudado de roteiro.*

O Espiritismo, através de suas obras fundamentais, esclarece que, da mesma forma como os homens são submetidos a resgates por causa dos seus transviamentos, as cidades também pagam alto preço pelas suas transgressões.

Quantas cidades e nações opulentas do passado não foram guindadas às posições mais culminantes e, posteriormente, quando o orgulho e a vaidade se haviam constituído em seu apanágio, não foram precipitadas às posições mais ínfimas? Foi o que sucedeu com Cafarnaum, conforme prognosticou Jesus Cristo: “Serás elevada até ao Céu e depois precipitada até o hades terrível da destruição e da dor”.

A velha Grécia dos filósofos discutidores e falazes se impôs ao mundo como paradigma de luz e poder, e depois caiu no ostracismo. Roma dominou o mundo, avassalando as nações e ostentando o cetro do orgulho e da prepotência, vendo, posteriormente, a sua própria derrocada, vítima dos seus próprios erros.

A velha Cartago não se contentou com a situação de proeminência que Deus lhe concedeu, e seu espírito expansionista ocasionou sua própria destruição.

As tribos de Israel não se limitaram aos territórios que o Pai havia prometido a Abraão. Invadiram terras de outros povos e o cativo, sob o tacão dos caldeus, dos babilônicos, dos egípcios e dos romanos, foi o choque de retomo. Suas cidades e suas

preciosidades foram destruídas e seu povo submetido a terríveis e prolongados cativos.

Quantas cidades são assoladas por cataclismos de toda a espécie: incêndios, inundações, terremotos, maremotos, erupções de vulcão?

Os desígnios de Deus são sábios, e as grandes proações e expiações coletivas, que à primeira vista parecem aberrante e ostensiva negação da misericórdia de Deus, são providenciais e eficientes meios de resgate coletivo de Espíritos pecaminosos. As destruições de cidades, os cataclismos, as inundações e outras formas de expiação coletiva são salutares advertências e de um modo geral representam o reajuste de grandes aglomerados humanos que prevaricaram com seus deveres.

ATÉ QUANDO?..

“Até quando nos deixarás a em suspenso?”

(João, 10:24)

Estando passeando no pátio do Templo, Jesus foi rodeado por numerosos judeus, que lhe disseram: “Até quando terás a nossa alma suspensa? Se tu és o Cristo, dize-no-lo abertamente”. Diante dessa indagação, o Mestre respondeu: “Já vo-lo tenho dito, e não o credes. As obras que eu faço, em nome de meu Pai, essas testificam de mim. Mas vós não credes porque não sois das minhas ovelhas, como já vo-lo tenho dito. As minhas ovelhas ouvem a minha voz, e eu as conheço, e elas me seguem”.

Por que razão existiriam criaturas semelhantes a dóceis ovelhas que ouviam a voz do pastor e o seguiam, e outras que mesmo face às provas mais irrefutáveis, diante das manifestações mais patentes e vendo os sinais mais ostensivos, não aceitavam o Mestre como o autêntico pastor que vinha apascentar os imensos rebanhos formados pelos filhos de Deus?

Somente a lei da reencarnação explica essas anomalias. Se todos aqueles homens encarnados tivessem sido almas criadas para viverem uma só vez na Terra, por que existiriam diferenciações tão profundas? A luz das vidas sucessivas dos Espíritos, chegamos à conclusão de que muitas dessas almas foram criadas há mais tempo, viveram mais vidas e já haviam alcançado uma evolução relativa, estando, portanto, em condições de aceitar pequenos sinais e singelas palavras como testemunhos comprobatórios de verdades que eram manifestas aos olhos de todos.

Nos Evangelhos deparamos com os casos do centurião de Cafarnaum, do publicano Zaqueu e de Natanael, para os quais bastaram algumas palavras de Jesus para que vissem e acreditassem. No entanto, existem homens endurecidos que, mesmo diante das provas mais evidentes, recusam-se peremptoriamente a aceitá-las.

Certa vez o Mestre estava num dos logradouros de Jerusalém, quando foi procurado por alguns estrangeiros, forasteiros na cidade, os quais lhe pediram um sinal. A resposta, no entanto, foi negativa: “Nenhum sinal será dado a esta geração adúltera e infiel”.

Aqueles que duvidavam das palavras de Jesus Cristo perguntavam: “até quando nos deixarás a mente em suspenso?”. A razão dessa indagação era motivada pelo fato de não o aceitarem como sendo o Messias. Eles viam o Mestre lhes propiciar os sinais mais evidentes: curando parálíticos e cegos, leprosos e possessos, porém isso não bastava para que pudessem conciliar a idéia de ele ser o Messias, simplesmente porque não usava a roupagem e Moisés e Davi.

— Em vez da espada sanguinolenta, ele trazia palavras de paz e de amor;

— As prescrições sobre o ódio e a vingança foram substituídas por ensinamentos de solidariedade e de tolerância;

— A odiosa pena de talião, que prescrevia o “dente por dente, olho por olho”, foi suplantada pelo “Amai até os vossos inimigos”.

A funda usada por Davi, para abater o gigante Golias, foi transformada em ensinamentos amoráveis, que objetivavam destruir os gigantes do ciúme, do rancor, da intolerância e da vingança, que assoberbam as almas dos homens.

Por isso, a mente obcecada de muitos contemporâneos de Jesus Cristo não podia conciliar a idéia da vinda de um Messias tão diferente daquele que esperavam, de um Cristo que falava em amor em vez de ódio, em conquista do Reino dos Céus em vez de conquistas de territórios que viessem a assegurar a hegemonia dos possuidores da Terra de Canã.

Como duvidassem desse Cristo tão conflitante com aquele que aguardavam, mesmo diante dos sinais mais irrefragáveis, indagaram: “Até quando terás a nossa alma suspensa? Até quando nos manterás nesse sobressalto?”

OS DOIS FILIPES

“E Filipe era de Betsaida, cidade de André e de Pedro.”

(João, 1:44)

As narrativas contidas nas páginas dos Evangelhos nos dão conta da existência de dois Filipes. Um deles foi um dos primeiros homens convocados para o apostolado de Jesus Cristo. A ele deve-se a conversão de Natanael, o futuro apóstolo Bartolomeu, pois, conforme narrado em João, 1:45, Filipe achou Natanael, e disse-lhe: “Havemos achado aquele de quem Moisés escreveu na lei, e os profetas: Jesus de Nazaré, filho de José”.

Pouco se conhece sobre a vida desse apóstolo. Sabe-se que era da cidade de Betsaida, donde também provieram os apóstolos André e Pedro.

O segundo Filipe foi um dos diáconos nomeados pelos apóstolos a fim de presidirem os destinos da Casa do Caminho. Após o apedrejamento de Estevão, também participante desse grupo, os discípulos se dispersaram e esse Filipe passou a ser identificado como Filipe, o Evangelista, não pelo fato de ter escrito um evangelho, mas, sim, por difundir os consoladores ensinamentos legados por Jesus Cristo.

No livro dos “Atos dos Apóstolos” (Atos, 21:8-12), deparamos com a informação de que Filipe, o Evangelista, tinha quatro filhas donzelas que

profetizavam, que se comunicavam com Espíritos, por isso, em sua casa, reuniam-se os cristãos, geralmente vítimas de perseguições.

Chegando Paulo de Tarso à cidade de Cesaréia, hospedou-se na casa de Filipe, o Evangelista, preparando-se para a viagem a Jerusalém. Como demorasse alguns dias naquela casa, surgiu ali um médium chamado Agabo, o qual, tomando da cinta de Paulo e amarrando suas próprias mãos e pés, disse: “Isto diz o Espírito: Assim ligarão os judeus em Jerusalém o varão de quem é esta cinta e o entregarão nas mãos dos gentios”.

Filipe, o Evangelista, encontrou-se certa vez com um Eunuco da Etiópia, que lia, sem compreender, uma passagem do livro de Isaías. Esse homem, que era o tesoureiro de todos os bens da rainha Candace, indagou de Filipe se a passagem de Isaías: “Foi levado como ovelha para o matadouro, e como está mudo o cordeiro diante do que o tosquia, assim não abriu a sua boca. Na sua humilhação foi tirado o seu julgamento; e quem contará a sua geração? Porque a sua vida é tirada da Terra” referia-se ao próprio profeta ou a algum outro. Filipe explicou-lhe então que o cordeiro era Jesus Cristo, que foi imolado no alto do Calvário, tendo o Eunuco se convertido então à Boa Nova. Nessa altura ocorreu um fato mediúnico com Filipe: ele foi transportado em Espírito para a cidade de Azoto, dirigindo-se posteriormente para Cesaréia.

Quem perlustrar as páginas dos Evangelhos, principalmente do livro “Atos dos Apóstolos”, observará que, na época do Cristianismo primitivo, era muito freqüente a manifestação mediúnica, demonstrando assim, de forma bastante clara, que, assim como os antigos profetas de Israel e muitos outros medianeiros surgidos nas páginas do Velho Testamento e mesmo no seio de outros povos traziam as suas mensagens para o esclarecimento do povo, o processo de revelação não sofreu solução de continuidade, prosseguindo com bastante intensidade após o sacrifício de Jesus, chegando mesmo aos nossos dias, quando, segundo a sábia profecia de Joel: “o Espírito está sendo derramado sobre toda a carne”.

Segundo o que se depara nos Evangelhos, Filipe, o apóstolo, era procedente da cidade de Betsaida, ao passo que Filipe, o evangelista, procedeu da cidade de Hierápolis da Frigia.

Conseqüentemente, as tarefas desempenhadas pelos dois Filipes foram bastante distintas, não dando margem a quaisquer confusões no tocante à vida dos mesmos, devido à similitude dos nomes.

MELHOR É O VELHO...

“Ninguém tira um pedaço dum vestido novo para o coser em vestido velho, pois que romperá o novo e o remendo não condiz com o velho.

“E ninguém deita vinho novo em odres velhos; doutra sorte o vinho novo romperá os odres, e entornar-se-á o vinho, e os odres se estragarão.

“Mas o vinho novo deve deitar-se em odres novos, e ambos juntamente se conservarão.

“E ninguém tendo bebido o velho quer logo o novo, porque diz: “Melhor é o velho.”

(Lucas, 5:36-39)

Jesus Cristo foi interpelado pelos escribas, que pretendiam saber por que os discípulos de João Batista faziam orações e praticavam o jejum muitas vezes, ao passo que os seus seguidores não observavam aquela prática, e comiam e bebiam.

De outra feita também haviam criticado o próprio Mestre por razões quase idênticas, o que o levou a retrucar: “Porque veio João Batista, que não comia pão nem bebia vinho, e dizeis: Tem demônio. Veio o Filho do homem, que come e bebe, e dizeis: Eis aí um homem comilão, e bebedor de vinho, amigo dos publicanos e dos pecadores.” (Lucas, 7:33-34).

O Senhor, em suas respostas, deixou entrever o seu pouco apreço à prática do jejum, que deve ser entendido como “jejum” na abstinência de atos maus e imorais, e não como jejum na ingestão de alimentos, prática essa que não tem qualquer valor de consequência espiritual, pois o próprio Cristo asseverou em Marcos, 7: 15: “Nada há, fora do homem, que entrando nele o possa contaminar; mas o que sai dele, isso é que contamina o homem”. Complementando esse ensino, a pedido dos apóstolos, acrescentou: “Ainda não compreendeis que tudo o que entra pela boca, desce para o ventre, e é lançado fora? Mas o que sai da boca, procede do coração, e isso contamina o homem. Porque do coração procedem os maus pensamentos, mortes, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos e blasfêmias.” (Mateus, 15:17-18).

Respondendo aos escribas, o Mestre fez uma indagação: “Podeis vós fazer jejuar os filhos das bodas, enquanto o esposo está com eles?”. Em outras palavras: poder-se-ia, por acaso, fazer silenciar as palavras de intenso júbilo ou tolher os gestos de exaltação dos discípulos cujo Mestre se alheava aos ditames de uma religião taciturna, eivada de obscurantismo e de erros, e que apresentava, em contraposição, uma doutrina racional, lógica, repleta de promessas vivas em torno de um Reino Celestial onde um Pai de justiça e de amor substituíra o velho e rancoroso Jeová dos hebreus, intolerante, vingativo, despótico e unilateral?

Como poderiam jejuar os homens que já não precisavam temer a ira de um deus despótico, mas que tinham agora os seus corações animados da certeza na existência de um “Pai que faz o sol brilhar para os bons e para os maus, e a chuva cair para os justos e para os injustos”?

Não é pelo muito orar e pela simples observância de vãs tradições que melhoraremos as nossas condições espirituais. Não é pela observância de um estado contemplativo que mereceremos acesso aos planos mais evoluídos da Espiritualidade. O caminho balizado por Jesus Cristo, é fundamentado no trabalho, na prática de boas ações, de atos meritórios. Somente desta forma faremos operar em nós a reforma íntima que o Mestre definiu como “conquista do Reino dos Céus”.

“Não se pode colocar remendo de tecido velho em vestido novo, pois romperá o novo, que não condiz com o velho.”

“Não se deita vinho novo em odres velhos, doutra sorte o vinho novo romperá os odres, e entornar-se-á o vinho.”

Não se podem introduzir práticas mantidas por religiões arcaicas e obsoletas no arcabouço de uma Doutrina nova, que vem dar aos homens uma visão diferente no que tange à vida espiritual, pois aquelas práticas deturparão essa nova Doutrina. Assim, também, não se poderá introduzir ensinamentos dessa mesma Doutrina nova, dinâmica, luminosa, revolucionadora, em religiões velhas, apegadas a dogmas e a preconceitos, pois ela jamais o comportaria.

“Ninguém tendo bebido o vinho velho quer logo o novo” por que diz: “Melhor é o velho”.

Quem está acostumado com religiões que procuram satisfazer os interesses humanos, resolvendo tão facilmente, através de meros formalismos, os problemas espirituais do homem, jamais tolerará uma Doutrina nova, que vem demonstrar o verdadeiro panorama da vida espiritual, para cuja conquista o homem deve assumir encargos e responsabilidades definidas e jamais deixar a solução dos seus problemas espirituais a cargo de terceiros.

Quem está acostumado como uma teologia fácil de ser seguida, que não oferece problemas mais agudos, que garante o acesso aos páramos espirituais a troco do seguimento e observância de vãs tradições, ou mediante o legado de fortunas terrenas, realmente relutará em aceitar uma nova Doutrina cheia de encargos e responsabilidades, e com a maior naturalidade dirá: “Melhor é a religião velha”.

IDÉIAS NOVAS

“Mas, se é de Deus, não podereis desfazê-la; para que não aconteça serdes também achados combatendo contra Deus.”

(Atos, 5:39)

Os apóstolos de Jesus haviam sido presos, algum tempo após a sua condenação, pelo fato de estarem apregoando as idéias por Ele trazidas.

Quando todo o Sinédrio estava vivamente interessado na eliminação desses seguidores do Mestre, surgiu Gamaliel, um fariseu de renome, que ali fez ligeiro discurso, dando o exemplo de Teudas e Judas Galileu, que conseguiram sublevar um certo número de homens, mas que foram mortos e dispersados, porque suas idéias conflitavam com os sistemas políticos vigentes.

Com o fito de salvar os apóstolos, o velho fariseu disse: *Dai demão a estes homens e deixai-os ir, porque se esta obra é dos homens, ela se desfará por si, mas se for de Deus prevalecerá.*

Graças à sábia e sensata interferência de Gamaliel, os apóstolos de Jesus, que estavam recolhidos à prisão, foram postos em liberdade.

Nenhuma idéia nova é implantada sem que surjam os mártires, e, quando dizemos mártires, abrangemos também aqueles que, embora não dando a vida em favor da causa, sofrem perseguições e são vergastados pelas dores morais da incompreensão e da calúnia.

Allan Kardec, no livro “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, escreve o seguinte tópico em tomo do assunto:

“Toda idéia nova forçosamente encontra oposição e nenhuma há que se implante sem lutas. Ora, nesses casos, a resistência é sempre proporcional à importância dos resultados previstos, porque, quanto maior ela é, tanto mais numerosos são os interesses que fere. Se for notoriamente falsa, se for tida por inconseqüente, ninguém se alarma; deixam-na todos passar, certos de que lhe falta vitalidade. Se, porém, é verdadeira, se assenta em sólida base, se lhe prevêem futuro, um secreto pressentimento adverte os seus antagonistas de que constitui um perigo para eles e para a ordem de coisas em cuja manutenção se empenham. Atiram-se, então, contra ela e contra os seus adeptos.”

As lições da História têm sido pródigas em nos revelar que todos os sistemas esboçados pelos homens têm vida efêmera e são bons apenas para a época na qual foram implantados. Superado esse ciclo não é mais possível tentar-se dar vida a esses sistemas que, por força da lei da evolução, se tomam obsoletos. Quaisquer tentativas em prolongar a sua prevalência somente poderão ser feitas com base na violência ou na dogmatização.

Poucas são as pessoas que se capacitam dessa realidade insofismável e Gamaliel foi uma delas; o velho doutor da lei, através de sua ponderação equilibrada e clara, deu a entender a seus pares que a ação dos apóstolos talvez tivesse fundamento na verdade e fosse insuflada pelo Alto, o que viria a colocar o Sinédrio em luta aberta contra o próprio Deus, se condenasse aqueles homens. Gamaliel não era um cego que não queria ver e nem um surdo que não queira ouvir. A fama dos feitos de Jesus havia chegado até ele e obviamente compreendia que ninguém jamais poderia produzi-los se não estivesse investido de uma autoridade divina.

O parecer de Gamaliel representava autêntica medida acauteladora e objetivava isentar o Sinédrio de qualquer responsabilidade na quase provável condenação dos apóstolos, figuras exponenciais de uma reforma que não poderia retardar por mais tempo. A ortodoxia judaica havia-se distanciado sensivelmente dos ensinamentos emanados dos antigos profetas e a ação dos apóstolos objetivava simplesmente restaurar as primícias daquelas revelações.

As idéias novas trazidas por Jesus Cristo sofreram os mais incríveis obstáculos. Os poderes políticos e religiosos se entrelaçaram com o objetivo de esmagar a nova verdade e até Pilatos, que era inimigo fidalgo de Herodes reatou sua amizade, enviando o Mestre para ser por ele julgado (Lucas, 23-12).

“A luz brilhou nas trevas, mas as trevas não a compreenderam.” (João, 1:5). O Mestre foi crucificado, e o sacrifício do Calvário fez com que a idéia nova se avolumasse, transformando-se de tênue fio de água cristalina em avassaladora torrente que levou de roldão todos os diques que os homens pretenderam antepor-lhe.

Não sendo possível ofuscar as verdades apregoadas por Jesus e não podendo ocultar os atos aos olhos do povo, os seus detratores apelaram para o fanatismo e para o zelo religioso, apregoando, como decorrência, que os fatos supranormais, operados pelo Meigo Rabi da Galiléia, eram engenho e arte do “príncipe dos demônios”.

O gênero humano não pode assimilar a verdade senão gradativamente e na razão direta do progresso moral e espiritual atingido e, como decorrência, sempre que

os grandes mentores espirituais do planeta julgam ser possível a revelação de nova verdade, ela surge simultaneamente em vários pontos da Terra. Nesse evento, o mais que o homem pode fazer é protelar sua marcha, não havendo, entretanto, força humana capaz de impedir que ela se implante de modo definitivo, em mais ou menos tempo.

Jesus Cristo, no desenvolvimento do seu Messiado, deixou entrever claramente que as idéias novas não podem ser suportadas pelos Espíritos que vivem mergulhados no preconceito, no fanatismo e na observância das vãs tradições. A comprovação dessa assertiva está contida em Mateus, 9:16-17: “Ninguém deita remendo de pano novo, em vestido velho, porque semelhante remendo rompe o vestido, e faz-se maior rotura. Nem se deita vinho novo em odres velhos; aliás rompem-se os odres, e entorna-se o vinho, e os odres estragam-se, mas deita-se vinho novo em odres novos, e assim ambos se conservam”, Somente criaturas de mentalidades arejadas podem assimilar, sem relutância, as novas verdades.

As verdades trazidas por Sócrates não puderam ser suportadas por muitos e o mais fácil foi obrigar o grande filósofo a beber cicuta.

O Espiritismo surge na Terra, numa época em que a Humanidade está sequiosa em busca da Verdade. Uma vez que a nova doutrina está solidamente fundamentada na revelação cristã, é óbvio, como disse o seu Codificador, que “ela marchará com os homens, sem os homens ou apesar dos homens”.

Sua progressão é lenta, mas segura, pois, no século da energia atômica e dos vôos espaciais, já não é possível que o ser humano continue esmagado sob o peso de doutrinas de contrafação.

Do entrechoque das idéias surgirá a civilização espiritualizada do porvir.

OS VERDADEIROS ADORADORES

“Os verdadeiros adoradores
adorarão o Pai em Espírito e em
verdade: porque o Pai procura a tais que
assim o adorem.”

(João, 4:23)

No seio dos povos politeístas os deuses eram considerados como reis. Possuíam caráter humano e eram tidos como bons e outros como maus, exatamente como existiam bons ou maus reis. Os deuses malvados podiam tornar-se mais mansos quando bajulados e presenteados; e os bons podiam enraivecêr-se quando esquecidos. Eram os deuses malvados os que conseguiam as oferendas de maior valor e as orações mais aparatosas e prolongadas.

A adoração aos deuses era feita com o sacrifício de animais ou de seres humanos. Mesmo o povo judeu, que era monoteísta, adorava o seu deus Jeová — mera deidade tribal que julgavam ser o Deus verdadeiro — sacrificando pombos e cordeiros e indo a determinados lugares, principalmente a Jerusalém, a fim de lhe prestar tributo.

Quem serão os verdadeiros adoradores do Pai? Serão os que ficam genuflexos nas igrejas e nos templos? Os que batem no peito, que fazem árduas penitências ou prolongadas romarias?

Serão porventura os que se resguardam em silenciosos retiros com receio de se contaminarem com as misérias terrenas, os que formulam e cumprem promessas esdrúxulas ou que se limitam a assentar nos bancos das religiões?

No colóquio havido entre Jesus Cristo e a Mulher Samaritana, descrito pelo evangelista João (4:1-30), observamos que, bitolada pela estreiteza dos princípios religiosos esposados pelos dissidentes da Samaria, a mulher deixou transparecer a sua dúvida quando asseverou que os samaritanos adoravam a Deus no Monte Gerizim, ao passo que os judeus ortodoxos o faziam em Jerusalém. Percebendo a dúvida que se aninhara em seu coração, o Mestre esclareceu: “Crê-me que a hora vem, em que nem neste monte nem em Jerusalém adorareis o Pai, mas a hora vem, e agora é, em que os verdadeiros adoradores adorarão ó Pai em Espírito e em verdade, porque o Pai procura a tais que assim o adorem. Deus é Espírito, e importa que os que o adoram o façam em Espírito e em verdade”.

Os Espíritos do Senhor nos têm ensinado, de forma reiterada, que a melhor maneira de se adorar o Pai é fazer a sua vontade, viver os preceitos evangélicos, satisfazer às leis do amor e da caridade e contribuir para o advento do Reinado do Espírito na Terra, advento esse que equivale à promessa de Jesus sobre a implantação do Reino de Deus, na Terra.

Mas, afinal, quem são os verdadeiros adoradores do Pai? A Parábola do Bom Samaritano nos propicia um paradigma desse verdadeiro adorador: um homem jazia moribundo à beira de uma estrada que ligava Jerusalém a Jericó. Por ali passou um sacerdote que o viu naquele estado, possivelmente se condeou da sua situação, talvez tenha formulado uma oração, mas não o socorreu de modo prático. Logo após, passou um levita, que agiu do mesmo modo. Entretanto, ao passar por ali um samaritano, encheu-se de íntima compaixão, desceu da sua cavalgadura, limpou os ferimentos do moribundo, deu-lhe o amparo de que dispunha no momento, colocou-o sobre o seu cavalo e foi andando a pé até a primeira hospedaria, onde propiciou-lhe acolhedor repouso. No dia seguinte, tendo que partir, recomendou ao hospedeiro que o tratasse do melhor modo possível, que ele, em sua volta, o ressarciria de todos os gastos.

É a esse tipo de adorador que “o Pai procura”. Quando todos os homens estiverem aptos a fazer um ato desse gênero, amparando seu próximo, minorando uma dor, enxugando uma lágrima, trabalhando em favor da Humanidade, então o reinado do Espírito estará implantado na Terra e todos os homens serão verdadeiros adoradores do Pai.

Deus quer ação e não adoração. Jesus Cristo poderia ter cruzado os braços quando da sua vinda na Terra, no entanto ele agiu de modo a fazer com que a Humanidade descortinasse novos horizontes, o que lhe custou o sacrifício do Calvário.

Paulo de Tarso poderia ter-se acomodado no aconchego macio do Sinédrio, poderia ter levado uma vida cômoda e sem percalços, no entanto ele preferiu desempenhar uma das mais grandiosas tarefas de que há conhecimento, fazendo com

que a Doutrina cristã brilhasse sobre apreciável parcela da Humanidade, o que lhe custou doloroso martírio em Roma.

Os apóstolos de Jesus poderiam ter silenciado suas vozes após a crucificação do Mestre. Não obstante, eles enfrentaram as perseguições mais violentas e até a morte física, a fim de que os ensinamentos legados pelo Meigo Nazareno não se perdessem e fossem legados à posteridade.

Maria Madalena poderia ter persistido numa vida de fausto, de satisfação dos sentidos, mergulhada na fascinação e no erro, no entanto ela renunciou a tudo, para seguir Jesus em sua penosa, peregrinação, contribuindo com seu exemplo para a reforma de muitos.

O publicano Zaqueu poderia ter continuado em sua vida de avareza e de grande luxo, no entanto ele preferiu distribuir metade da sua fortuna entre os pobres e ressarcir os prejuízos daqueles a quem havia expoliado.

Esses são os verdadeiros adoradores do Pai: aqueles que conseguem dar uma guinada em suas vidas, enquadrando-se nos preceitos evangélicos, contribuindo com seus esforços e com seus exemplos para a redenção espiritual da Humanidade.

“O Pai procura a tais que assim o adorem.”

MEDIUNISMO

“Chegou da Judéia um profeta, por nome Ágabo. E vindo ter conosco, tomou a cinta de Paulo, e ligando-se os seus próprios pés e mãos, disse: Isto diz o Espírito Santo: assim ligarão os judeus em Jerusalém o varão de quem é esta cinta, e o entregarão nas mãos dos gentios.”

(Atos, 21:10-11)

Paulo de Tarso estava hospedado em Cesaréia, na casa de Filipe, um ancião que tinha quatro filhas que se comunicavam com os espíritos (Atos, 21:8-9), quando ali chegou Ágabo, que, tomando da cinta do apóstolo e fazendo uso da sua mediunidade de premonição, vaticinou que “o varão de quem era aquela cinta seria preso e entregue aos gentios”.

Em face de tão drástica revelação, os companheiros de Paulo insistiram com ele para que não subisse a Jerusalém, entretanto a resposta foi que nem a prisão nem a morte evitariam que ele prosseguisse no desempenho da tarefa de difundir os ensinamentos do Senhor.

Os Evangelhos e os Atos dos Apóstolos estão entrecortados de provas dessa natureza, constituindo-se nas corroborações mais peremptórias de que os primitivos cristãos se regiam pela orientação dos Espíritos, os quais tinham acentuada influência nas deliberações e nos atos daqueles que estavam incumbidos de não deixar apagar o facho de luz aceso pelo Meigo Rabi da Galiléia.

Debalde as teologias se apegam ao vão argumento de que os mortos não se comunicam com os vivos. Os Evangelhos aí estão como atestado eloqüente de que os espíritos desencarnados sempre tomaram e tomam parte em todos os atos das criaturas humanas, em qualquer terreno e em qualquer época. Tanto no Velho como no Novo Testamento os fatos dessa natureza se reproduzem numa sucessão interminável, corroborando aquilo que o Espiritismo proclama: o mundo corpóreo e os planos invisíveis se solidarizam e mantêm entre si o mais estreito intercâmbio.

Paulo de Tarso fazia nítida distinção entre a prática sublime da Mediunidade bem orientada e o mediunismo descontrolado. Em sua Epístola aos Coríntios (I Cor., 12:7-11), chegou a estabelecer uma verdadeira codificação para a prática da Mediunidade, como elo de ligação entre o Céu e a Terra: *“a manifestação do Espírito é dada a cada um para o que for útil; a um pelo Espírito é dada a palavra da sabedoria, e a outro a palavra da ciência, a outro a fé, os dons de curar, de operar maravilhas, de discernir os espíritos, de variedades e de interpretação de línguas”*. No Capítulo XIV da mesma Epístola (I Cor., 14: 26-38) o Converso de Damasco chega a preceituar uma espécie de regimento interno para as igrejas, estabelecendo a ordem e preconizando o sistema que deveria imperar para a produção das manifestações espirituais.

Entretanto, o Apóstolo dos Gentios combatia o mediunismo desenfreado e sem objetivo sério. Podemos mesmo mencionar algumas interferências de Paulo objetivando coibir abusos de médiuns controvertidos e mercantilizadores. Em Atos, 16:16-18, vemos Paulo fazer com que uma moça perdesse a sua mediunidade de premonição, por estar mercantilizando com aquele dom espiritual, propiciando assim largos proventos aos seus patrões; apesar de ter o Espírito que a acompanhava apregoado, em alta voz, que Paulo era servo de Deus e anunciador do caminho da salvação, o apóstolo, vendo ali o fruto de um mediunismo interesseiro e sem maiores benefícios, não trepidou em ordenar ao Espírito: *“Em nome de Jesus Cristo, te mando que saias dela”*, no que foi prontamente obedecido.

Em Atos, 19:14-16, deparamos com a narrativa de que os sete filhos de Ceva, que praticavam o mediunismo, ao tentarem expulsar Espíritos malignos em nome de Paulo e de Jesus, tiveram que fugir espavoridos e dois deles foram feridos pela fúria dos Espíritos obsessores.

Um certo judeu chamado Elimas, falso médium (Atos, 13:6-11), ao tentar oferecer obstáculos à pregação de Paulo, mereceu do apóstolo a mais veemente repulsa, ficando temporariamente cego, como prova inequívoca de estar enveredando por caminhos dúbios.

O capítulo 8, versículos 9-24, dos Atos dos Apóstolos, também nos dá conta do incidente havido entre o apóstolo Pedro e Simão, o Mago, um falso médium que pensou poder comprar com dinheiro os dons espirituais. O velho apóstolo foi decisivo: *“o teu dinheiro seja contigo para perdição, pois cuidaste que o dom de Deus se alcança por dinheiro”*. É evidente que Simão, o Mago — pioneiro e inspirador da Simonia (o nome Simonia vem desta tentativa de Simão em pretender adquirir dons espirituais a peso de ouro), estava perfeitamente familiarizado com um mediunismo desorientado e sem qualquer definição, ao ponto de julgar que o dinheiro resolvia todos os problemas, inclusive aqueles que envolvessem coisa de fundo divino.

A Mediunidade é um dos postulados fundamentais da Doutrina Espírita, entretanto os espíritas são prevenidos de que nem toda a prática mediúmica é Espiritismo, pois, como movimento renovador das consciências, através da assimilação do conhecimento dos problemas relacionados com a imortalidade e evolução incessante da alma, não é possível que viesse a consagrar certas práticas mediúnicas eivadas de ritualismo, de encenações e inteiramente heterogêneas, como oriundas de uma Doutrina que representa o cumprimento da promessa de Jesus Cristo em torno do advento do Consolador, do Espírito da Verdade ou Paracleto.

Moisés, o grande legislador hebreu, praticava, admitia e suspirava pela Mediunidade de cunho elevado. O libertador dos judeus comunicava-se regularmente com os Espíritos, e, apesar da proibição que houve por bem lançar, coibindo o exercício do mediunismo desregrado, como era praticado pelo povo, vemos em Números, 11:26-29 (o 4º livro do Velho Testamento), que ao ser-lhe submetida a denúncia de que Eldad e Medad estavam recebendo a manifestação de Espíritos, replicou a Josué, que lhe solicitara drásticas providências: “Quem dera que todo o povo profetizasse e que o Senhor lhe desse o seu Espírito”.

Vemos aí, de modo patente, que Moisés consagrava a Mediunidade edificante e a proibição que havia lançado recaía tão somente sobre o mediunismo que era praticado desordenadamente e sem objetivo sério pelo povo, com o escopo exclusivo de satisfazer o atendimento de coisas pertinentes aos interesses do mundo. Moisés sabia que Eldad e Medad não eram mercenários nem misticadores, que não procuravam comunicação com o mundo invisível, mas eram procurados por Espíritos para fins nobres e sadios.

SE A SEMENTE NÃO MORRER

“Na verdade, na verdade vos digo, que, se o grão do trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, da muitos frutos.

E eu, quando for levantado da terra, todos atrairei a mim. E dizia isto, significando de que morte havia de morrer.”

(João, 12: 24 e 32)

Houve necessidade da crucificação de Jesus Cristo? Não poderia ter-se evitado a consumação desse sacrifício? Estando o Mestre investido de todo o poder, porque não fez mudar o rumo dos acontecimentos? Porque Deus não o atendeu quando, em efusiva prece no Horto, exclamou: “Pai, se queres, passa de mim este cálice, todavia não se faça a minha vontade, mas atua?”

Vendo as coisas pelo prisma acanhado do convencionalismo humano, agravado pelas limitações peculiares às coisas da Terra, o homem formula essas indagações sem levar em consideração os superiores desígnios do Pai Celestial e sem analisar o problema em sua amplitude, com seus reflexos insondáveis no porvir.

Para que a semente produza fruto, é imprescindível o seu sacrifício: é preciso que morra, Se a semente não for plantada e não morrer, nada se pode esperar dela.

Para que uma verdade seja implantada entre nós, é quase indispensável que o sacrifício daquele que a veio revelar seja consumado. Para que as verdades enunciadas por Jesus Cristo fossem consolidadas, houve necessidade daquele sacrifício supremo: o martírio do Ungido de Deus foi o preço exigido para o triunfo da Boa Nova aqui no mundo.

A História nos dá conta dos inúmeros missionários que pagaram com a vida a ousadia de trazerem novas mensagens de vida e de luz ao gênero humano: a flagelação e a morte era o alto preço para que as verdades reveladas tivessem sucesso.

Se Jesus não tivesse sido levantado na cruz, como diz João em seu Evangelho, não teria atraído todos para ele. Se o Mestre não fosse pregado no madeiro infamante, o sucesso da difusão da sua Doutrina teria sido problemático e periclitante, não conseguindo atrair a atenção das massas.

É bem verdade que o Messias poderia ter evitado o sacrifício do Gólgota. Bastava para tanto haver pactuado com os interesses do mundo, era só curvar-se diante da vontade de Cairás e de Herodes e fazer causa-comum com os escribas e fariseus. Nesse caso, em vez de tragar o fel amargo do Calvário, passaria a deleitar-se com o vinho alegre de Canã, contudo, em decorrência, sua Doutrina não se teria implantado na Terra e a Humanidade ficaria privada desse manancial de luz e de consolação que são os Evangelhos:

— aqueles que buscam a verdade não teriam essa fonte de água viva que jorra para a vida eterna;

— os transviados não teriam a sustentá-los a certeza de um reencontro como aquele contido na Parábola do Filho Pródigo;

— os ricos não teriam conhecimento da Parábola do Rico e de Lázaro, que encerra severa admoestação àqueles que fazem mau uso de suas fortunas;

— os pobres e os aflitos, por sua vez, não teriam a consolá-los as promessas vivas de que o reino dos Céus lhes pertence;

— os falidos desconheciam os episódios evangélicos da conversão de Maria Madalena e de Maria de Betânia;

— os intolerantes ignorariam que o Mestre repreendeu acerbamente seus discípulos quando pretendiam que se fizesse descer “fogo dos céus” sobre uma aldeia da Samaria, onde não foram recebidos condignamente;

— os empedernidos não travariam conhecimento com as palavras do Mestre de que se deve perdoar não apenas sete, mas setenta vezes sete, e que há mais alegria nos Céus por um pecador que se regenera do que por noventa e nove justos que não precisam de arrependimento;

— os orgulhosos não compreenderiam que os simples de coração serão aqueles que herdarão o reino dos Céus;

— os violentos desconheciam que somente os pacificadores serão chamados filhos de Deus; .

— os que têm fome ignorariam que, no Sermão da Montanha, Jesus lhes garantiu fartura;

- aqueles que não têm fé, não se veriam face à majestosa explosão de fé propiciada pelo Centurião de Cafarnaum;
- os que não admitem a comunicabilidade entre vivos e os chamados mortos, não teriam a oportunidade de saber que o Cristo, no alto do Tabor, comunicou-se com os Espíritos de Moisés e Elias;
- aqueles que apenas têm fé, não assimilariam a assertiva do Nazareno de que “a cada um será dado segundo as suas obras”;
- os insensatos desconheceriam a Parábola das Dez Virgens, cinco das quais não levaram a provisão das boas obras para lhes iluminar a senda no além-túmulo;
- os que não acreditam na multiplicidade da vida do espírito na carne, não ficariam sabendo que Jesus, referindo-se a Elias, e no colóquio com Nicodemos, enunciou a verdade irretorquível das vidas sucessivas;
- aqueles que acreditam nas penas eternas ficariam privados do conhecimento de que o Mestre apregou um Deus de infinita misericórdia e amor, sempre pronto a perdoar e a receber a ovelha desgarrada de volta ao aprisco.

O CONSOLADOR

“Se me amais, guardai os meus mandamentos; e eu rogarei a meu Pai e ele vos enviará outro Consolador, a fim de que fique eternamente convosco; — O Espírito da Verdade. que o mundo não pode receber, porque não o vê e absolutamente não o conhece. Mas, quanto a vós. conhecê-lo-eis. porque ficará convosco e estará em vós.”

(João. XIV. 15-26)

O Evangelista João acrescenta ainda que “*o Consolador, que é o Santo Espírito, que meu Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará recordar tudo o que vos tenho dito*”.

Desde o advento do Cristo os homens têm dado muito pouco apreço aos ensinamentos evangélicos, e a prova disso nos é propiciada pela luta que se trava atualmente entre dois ramos do Cristianismo, num país europeu bastante civilizado, onde o ódio está aceso e muitos homens estão animados de sentimentos de destruição e de morte.

A confusão que se nota em todo o mundo, no tocante à vivência dos ensinamentos evangélicos, e a distância que separa os homens dos ninfos esclarecimentos ministrados por Jesus Cristo, são provas cabais de que o advento do Consolador está em fase de cumprimento, principalmente em se considerando que a Humanidade está no limiar do Terceiro Milênio, quando o reinado do Espírito se implantará definitivamente entre os homens.

Representando o Espiritismo o cumprimento da promessa de Jesus sobre o advento do Espírito de Verdade, é conveniente se relembrar que os espíritas devem

se munir de cautela e conscientizarem-se de que novos tempos se avizinham, quando eles serão convocados para a grandiosa tarefa de implantação do Reino dos Céus na Terra, através do aprimoramento moral da Humanidade.

Uma das belíssimas comunicações espirituais contidas em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, de Allan Kardec, após indagar dos espíritas “se já não estavam escutando o ruído da tempestade que há de arrebatá-lo o velho mundo e abismar no nada o conjunto das iniquidades terrenas”, acrescenta: “É chegada a hora em que deveis sacrificar, à propagação do Espiritismo, os vossos hábitos, os vossos trabalhos, as vossas ocupações fúteis”.

Essa comunicação já é centenária e, obviamente, sua aplicação não poderá ser protelada por mais tempo, pois a era que vivemos é de grandes decisões e de medidas inadiáveis que deverão ser tomadas para que a Humanidade não continue a mergulhar ainda mais no descabro moral, perdendo as aquisições nobilitantes adquiridas em alguns milênios de civilização.

Na atualidade as religiões tradicionais se sentem impotentes para conter o ímpeto avassalador das forças materialistas, que planejavam uma ofensiva decisiva. Tudo indica não existir mais base para essas escolas religiosas manterem o seu “status” e o pior é que elas relutam em se ajustarem aos tempos novos. Os meios e métodos utilizados para conterem o transviamento do homem já estão superados, e são vistos como coisas obsoletas e pueris.

Diante do panorama contristador que vivemos, paira uma indagação: “Estarão os espíritas preparados para enfrentar os problemas dos tempos que se avizinham?”

Se a Doutrina Espírita foi revelada com o objetivo primário de equacionar as indagações dos homens e vir de encontro aos anseios de conhecimento da verdade, que anima toda a Humanidade, estarão os espíritas cômicos de suas imensas responsabilidades face à montanha de problemas que surgirão de todos os lados e que demandarão soluções mais ou menos rápidas?

Arthur Conan Doyle, o genial criador de Sherlock Holmes, em sua História do Espiritualismo, fala em “nuvens de Espíritos que tocam a Terra”, e que nos idos de 1840-1870 traziam as mensagens da Verdade a todos os homens. A exemplo do que sucedeu naquela época, outras “nuvens de Espíritos” procuram agora envolver a Terra, com a finalidade de implantar nos corações dos homens o senso de responsabilidade, necessário para se poder enfrentar os duros embates do futuro.

É fundamental, acima de tudo, que os espíritas procurem manter a Doutrina Espírita em sua pureza, a salvo de ingerência exterior, livrando-a de movimentos paralelos que possam enuviar os seus ninfos ensinamentos. Qualquer adulteração no corpo doutrinário do Espiritismo lhe tiraria a característica de Cristianismo Redivivo, e se o móvel de apressados seareiros é avolumar o número dos adeptos da Terceira Revelação, nós acrescentaremos que isso redundará num formal desvirtuamento dos seus postulados, solapando as nobilitantes finalidades para as quais foi ministrada ao mundo.

O início da degenerescência do Cristianismo ocorreu precisamente quando os homens, dando de ombros à orientação do Alto, impediram que a implantação da Doutrina Cristã argamassasse na “pedra angular” da orientação dos Espíritos interessados em manterem, em alto nível, as recomendações salutares de Jesus Cristo.

Aceitando o conluio com os poderes transitórios da Terra, os homens fizeram com que a estrutura religiosa se fundamentasse unicamente nos debates, sem circunspeção, de heterogêneas assembléias, sem ter a animá-los, salvo raras exceções, o calor das palavras e das obras dos verdadeiros idealistas.

A singeleza do Cristianismo passou a ser suplantada pela pomposidade do Paganismo. Os homens acharam que uma Doutrina Revelada aos pequeninos e dirigida aos sofredores e aflitos, não poderia servir aos orgulhosos e opulentos; nem o rústico ambiente das primitivas comunidades cristãs poderia comportar a portentosidade material das nobrezas, e, como decorrência, chegaram à conclusão de que a Doutrina singela e consoladora, revelada pelo Manso Rabi da Galiléia, deveria ser impregnada das demonstrações exteriores do culto, tão do agrado dos antigos politeístas.

No tocante a esse comportamento, afirmou o Dr. Bezerra de Menezes, em recente comunicação psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier: “Libertação da palavra divina é desentranhar o ensinamento do Cristo de todos os cárceres a que foi algemado e, na atualidade, sem querer qualquer privilégio para nós, apenas o Espiritismo retém bastante força moral para se não prender a interesses subalternos e efetuar a recuperação da luz que se derrama do verbo cristalino do Mestre, dessedentando e orientando as almas”.

O Espírito de Verdade já afirmava em comunicação dada em Paris, no ano de 1862: “Deus procede, neste momento, ao censo dos seus servidores fiéis e já marcou com o dedo aqueles cujo devotamento é apenas aparente, a fim de que não usurpem o salário dos servidores animosos, pois aos que não recuarem diante de suas tarefas é que ele vai confiar os postos mais difíceis na grande obra de regeneração pelo Espiritismo”.

A VISÃO DE PEDRO

“No dia seguinte, indo eles de caminho e estando já perto da cidade, subiu Pedro ao eirado por volta da hora sexta, a fim de orar.

Estando com fome, quis comer, mas, enquanto lhe preparavam a comida, sobreveio-lhe um êxtase.”

(Atos, 10:9-10)

Pedro e os demais apóstolos de Jesus eram intolerantes em tudo aquilo que dizia respeito ao politeísmo. Eles evitavam toda espécie de contato com homens que partilhassem idéias conflitantes com a crença num Deus único.

Justificava-se, até certo ponto, a prevenção que os judeus deliberadamente mantinham no tocante aos povos chamados gentios, pois a Judéia era um pequeno país, que tinha por vizinhos povos entregues às práticas politeístas, dentre eles a Grécia e o Império Romano. Toda a precaução era necessária para se manter o povo livre da influência de idéias que viessem a desviá-lo da orientação monoteísta,

orientação essa que foi mantida a todo o custo pelos antigos profetas e pelos mentores israelitas.

Quando Cornélio recebeu a mensagem espiritual descrita no capítulo 10, dos Atos dos Apóstolos, na qual lhe era recomendado que mandasse buscar a Pedro, na cidade de Jope, para vir instruí-lo sobre as verdades cristãs, não suspeitava o centurião que o velho apóstolo relutaria em atender à sua solicitação.

Por sua vez, os Espíritos que haviam ordenado ao centurião Cornélio que enviasse os seus emissários a Jope, sabendo que Pedro não os receberia por serem gentios, deliberaram produzir uma manifestação espiritual a fim de preparar o Espírito de Pedro.

Tendo subido ao eirado para orar, enquanto esperava a refeição, o apóstolo caiu em transe espiritual, e as entidades espirituais fizeram com que visse descer dos céus um vaso, em forma de lençol suspenso pelas quatro pontas, dentro do qual eram contidas todas as espécies de quadrúpedes, de aves e répteis da Terra. Quando Pedro olhou para dentro do vaso, e viu toda aquela bicharada, ouviu uma voz emanada do Alto, que lhe dizia: *Pedro, mata e come*. O filho de Jonas repugnou-se com aquela idéia e retrucou: *De modo algum, Senhor, pois jamais comi coisa alguma impura e imunda*. Ao pronunciar essas palavras recebeu a réplica: *Ao que Deus purificou não consideres comum*.

Estando ainda Pedro perplexo sobre o significado da visão, que se repetiu por três vezes, chegaram os enviados de Cornélio; o apóstolo foi avisado pelo próprio Espírito manifestante, que ali estavam dois homens procurando-o: *Levanta-te, pois, desce e vai com eles*.

De relance compreendeu Pedro o significado real da manifestação. Jamais deveria considerar impuros ou indignos os gentios que o procuravam. Todos eram criaturas purificadas por Deus. Não deveria, pela sua intolerância, insurgir-se contra os seus desígnios. Simão Pedro deixou de rezear a influência da comunidade religiosa a que pertencia, embora tenha sido posteriormente advertido por ela. Abandonou naquele momento todo o seu preconceito e, em companhia dos dois emissários, foi para a cidade de Cesaréia, onde se encontrou com Cornélio, ministrando-lhe os primeiros ensinamentos em torno da Doutrina do Cristo.

A lição nos enseja vários ensinamentos. Cornélio, embora fosse estrangeiro entre os judeus, era um homem caridoso e animado dos melhores propósitos. Ele precisava travar conhecimento com a verdade cristã, porém os preconceitos religiosos dos apóstolos eram impedimento para isso. O Alto preparou então aquela magnífica manifestação: recomendou a Cornélio que mandasse buscar Pedro, e preparou o Espírito de Pedro para que atendesse a solicitação.

Por aí vemos o interesse que Deus tem pelas suas criaturas. A passagem evangélica diz que “Cornélio era piedoso e temente a Deus com toda a sua casa, e que fazia muitas esmolas ao povo e de contínuo orava a Deus”. Suas preces foram atendidas, e Deus colocou em seu caminho o instrumento que o orientaria para colimar os objetivos que ambicionava.

O exemplo vivo de Simão Pedro deve ser tomado por todos. O velho apóstolo, embora encastelado em seus princípios religiosos, mesmo temendo a admoestação dos seus colegas de Apostolado, não trepidou em atender prontamente à

recomendação do Alto, indo de encontro a uma criatura que até então considerava um réprobo, um apóstata.

A manifestação provou que a Doutrina do Cristo é universalista, abrange todos os povos, é una, indivisível; não pactua com a intolerância, não admite o espírito de hegemonia; não confere a quem quer que seja prerrogativas inadmissíveis, é caridosa, justa e magnânima.

A descrição evangélica também tem o mérito de evidenciar o intercâmbio existente entre os mundos espiritual e corpóreo, contrariando velhos dogmas que não admitem esse entrelaçamento. Pela mediunidade, Cornélio recebeu instruções para mandar buscar o Apóstolo Pedro; pela mediunidade, Pedro recebeu instruções para ir ao encontro do Centurião Cornélio.

OS PÃES DA PROPOSIÇÃO

“Não lestes o que fez Davi quando ele e seus companheiros tiveram fome. Como entrou na casa de Deus, e comeram os pães da proposição, os quais não lhe era lícito comer, nem a ele nem aos que com ele estavam, mas exclusivamente aos sacerdotes!

“Ou não tendes lido na lei que, aos sábados, os sacerdotes no Templo violam o sábado e ficam sem culpa.”

(Mateus. 12: 3-6)

A observância de determinadas tradições tem sido o apanágio de muitas religiões e crenças existentes na Terra, constituindo verdadeiros resíduos de arcaicas concepções humanas que nunca puderam ser destruídas, pelo menos até o presente.

Muitos homens vivem submetidos às mais variadas formas de fanatismos e superstições, curvando-se muitas vezes diante de práticas esdrúxulas e de absurdas credences.

No Espiritismo não é consagrada qualquer espécie de tradição e aos que seguem seus postulados é recomendado, como condição “sine qua non” para ser espírita, não se prender a qualquer sorte de superstição, devendo propugnar para a manutenção de uma mentalidade arejada e uma consciência liberta, repudiando qualquer apego a fórmulas retrógradas, herdadas de velhos preconceitos religiosos.

No trecho evangélico supra, Jesus procurou extirpar da mente dos seus discípulos, contemporâneos e pósteros, o apego a essas formas de tradição ou superstição. Fez ver que Davi, quando perseguido pelo rei Saul, apesar de ser fiel seguidor das normas religiosas instituídas por Moisés, não hesitou em entrar no templo e comer, juntamente com aqueles que o seguiam, os pães da proposição, que a tradição reservava exclusivamente aos sacerdotes.

Se Davi fosse um pusilânime ou um supersticioso, certamente não lançaria mão daqueles pães considerados sagrados.

O Mestre combateu pelo exemplo o apego que se tinha a determinadas credências. A guarda do dia de sábado, uma das mais rígidas normas estabelecidas pelo grande legislador dos hebreus, e cuja inobservância implicava em agudas punições de ordem religiosa, foi frontalmente ferida pelo Cristo quando curou enfermos, permitiu que seus discípulos colhessem trigo e ordenou às pessoas curadas que transportassem suas camas, tudo em dias de sábado.

No tocante ao que prescrevia a lei sobre a necessidade de se lavar as mãos antes de se tomar refeição, Jesus, sem qualquer menosprezo às regras de higiene, mas querendo extirpar da ação a inflexível feição religiosa de que se achava impregnada, permitiu que seus discípulos comessem pães sem que primeiramente tivessem lavado as mãos.

Quando esse fato foi notado pelos fariseus e escribas, não tardou a admoestação: “Por que não andam os teus discípulos de conformidade com a tradição dos anciãos, mas comem com as mãos por lavar?” O Mestre, conforme se depara em Marcos, 7, versículos 2 a 23, elucidou: “o que contamina o homem não é o que lhe entra pela boca, mas o que sai por ela, proveniente do coração: os maus desígnios, a prostituição, os furtos, os homicídios, os adultérios, a avareza, as malícias, o dolo, a lascívia, a inveja, a blasfêmia, a soberba e a loucura. Ora, todos estes males vêm de dentro e contaminam o homem”.

Moisés houve por bem instituir a obrigatoriedade do descanso aos sábados como ditame de ordem social, objetivando propiciar um dia de repouso semanal aos animais e ao povo em geral. No que tange à ordenação de se lavar as mãos antes de qualquer refeição, o objetivo primacial do grande legislador foi meramente educar o povo sobre as mais mezinhas normas de higiene, imprescindíveis para se evitar a propagação de moléstias, dada a intensa promiscuidade em que vivia seu povo. Temendo, entretanto, que aquelas ordenações não fossem obedecidas, Moisés não trepidou em lhes emprestar um caráter divino, atribuindo-as a Deus e ameaçando, com terríveis represálias do Alto, aqueles que não as executassem.

Com o advento do Messias, essas crenças deixaram de prevalecer como imposição de ordem religiosa e divina, permanecendo tão apenas revestidas do caráter intrínseco que possuíam: uma necessidade social e uma questão de higiene.

A prática das leis transitórias instituídas por Moisés não custava muito e com extremo rigor era observada. A parte divina da lei, aquelas que foram recebidas mediunicamente por Moisés no alto do Sinai: os dez mandamentos — exigia desprendimento e desapego a muitas coisas da Terra, e, conseqüentemente, sua observância não tinha muita atenção. O repúdio em seguir leis tão difíceis de serem obedecidas era tão comum, que os mandatários do templo, com o fito de granjear maior número de adeptos, acenando-lhes com um paraíso fácil, engendraram meios e modos de isentar o povo do seu cumprimento, desde que para tanto fosse feita uma oferta em espécie, conforme narra Marcos, 7:6-13:

“Rejeitais o preceito de Deus para guardardes a vossa própria tradição. Pois Moisés disse: Honra a teu pai e a tua mãe, e: Quem maldisser a seu pai ou a sua mãe seja punido de morte.

“Vós, porém, dizeis: Se um homem disser a seu pai ou à sua mãe: Aquilo que poderias aproveitar de mim é Corbã, isto é, uma oferta para o Senhor. Então o

dispensais de fazer qualquer coisa em favor de seu pai ou de sua mãe. Invalidando a palavra de Deus pela vossa própria tradição que vós mesmos transmitistes”.

Desse modo a lei divina que compelia um filho a honrar seus pais era anulada através de uma oferenda ao templo.

Dizendo: “Misericórdia quero e não sacrifício” (Mateus, 12:7), o Cristo também procurou demonstrar a inocuidade dos sacrifícios e cilícios que se faziam em louvor a Deus. De que pode servir ao Alto o sacrifício de animais, a queima de incenso, de velas e coisas que tais? O Mestre deixou bem positivado à mulher samaritana que Deus é Espírito e em Espírito e Verdade deve ser adorado pelos verdadeiros adoradores, e que os verdadeiros adoradores são aqueles que fazem a vontade do Pai Celestial.

BARTIMEU, O CEGO

“E Jesus, falando, disse-lhe: Que queres que te faça? E o cego lhe disse: Mestre, que eu tenha vista.

“E Jesus lhe disse: Vai, a tua fé te salvou. E logo viu, e seguiu a Jesus pelo caminho.”

(Marcos, 10:51-52)

Numa das suas andanças pelas cercanias de Jericó, o Mestre deparou com um cego chamado Bartimeu, que estava mendigando à beira da estrada.

Sabendo que o Senhor estava naquela região, Bartimeu levantou-se e começou a clamar: “Filho de Davi! Tem misericórdia de mim”.

Muitos dos que estavam nas proximidades passaram a repreendê-lo para que cessasse aquele clamor, porém nada fazia com que parasse de gritar. Jesus, parando a certa distância do cego, ordenou que o chamassem. Ao ouvir o chamamento, cheio de ânimo, largou a sua capa, levantou-se e dirigiu-se para o lado em que ele estava.

Cheio de paciência, o Mestre interrogou-o: Que queres que te faça? E o cego lhe disse: “Senhor, que eu tenha vista”. Diante daquela patente manifestação de fé, Jesus fez com que ele comesse a ver.

Aqui, mais uma vez, vemos o efeito da fé. Bartimeu evidentemente já tinha conhecimento dos atos praticados por Jesus e alimentava a esperança de encontrá-lo um dia, pois a sua maior ambição era poder ver. Ao tomar conhecimento da aproximação do Senhor, provocou grande alarido, conseguindo assim despertar a sua atenção, resultando dali a cura radical da sua cegueira.

Muita gente se surpreende pelo fato de Jesus não ter restaurado a visão a todos os cegos, levantado todos os paralíticos e curado todos os leprosos que existiam.

Cumpra aqui ressaltar que todos os sofrimentos são conseqüências das transgressões cometidas pelo Espírito em vidas pretéritas. Podem-se contar nos Evangelhos as curas materiais operadas por Jesus Cristo. Elas foram em número insignificante, representando diminuta porcentagem face ao número de sofrendores existentes na época, o que prova sobejamente que o Mestre não veio para curar

enfermidades materiais, que são de efeito transitório, e que, face à lei de Deus, e em consequência das necessidades de reajuste, nem todos estavam em condições de serem curados.

Bartimeu, indubitavelmente, era cego há muitos anos, e uma cegueira tão prolongada havia-lhe conferido a oportunidade de resgatar seus erros do passado. Havia chegado a hora de merecer o benefício da cura, que veio por intermédio de Jesus.

Eis a razão pela qual nem todos podem receber de imediato aquilo que pedem a Deus ou aos seus Espíritos prepostos. Se ainda não saldaram seus débitos para com a justiça divina, não podem merecer alteração no curso de suas vidas, pois não houve ainda um esforço interior que justificasse o benefício solicitado.

Um outro aspecto dessa cura deve ser aqui lembrado. O Mestre veio para curar a cegueira da alma, para isso ele nos legou a mensagem viva dos Evangelhos. Felizes os que se interessam pela iluminação interior após terem entrado em contato com os ensinamentos evangélicos; devem encher-se de gozo, rejubilando-se e não admitindo que ninguém impeça a sua aproximação da luz.

Não é necessário ter apenas a visão material; importa sobretudo ter a visão das coisas nobilitantes do Espírito. Jesus curou Bartimeu, dando-lhe a graça da visão, porém não era esse o gênero de cura que viera trazer. Ele suspirava pela transformação íntima do homem através de um processo de reforma que ele judiciosamente denominou de “conquista do Reino dos Céus”. Essa é a verdadeira iluminação da alma, é a cura permanente, que faz com que quem a receba jamais entre em trevas. Jesus desejava também que aqueles que eram autênticos *cegos que não queriam ver*, passassem a ver, sentindo a extensão da sua mensagem imorredoura. Suspirava para que aqueles que nada viam em torno das coisas do Espírito, passassem a vê-las, sentindo a majestuosidade dos seus ensinamentos.

Afirmou o Senhor: “*quem me segue jamais andar* em trevas”, o que revela o sentido libertador dos Evangelhos. Essa afirmação de Jesus também está implícita numa outra expressão equivalente: “*conhecei a verdade e ela vos fará livres*”. Ora, quem conhecer a verdade que está de forma latente no manancial de luz que são os Evangelhos, liberta-se dos preconceitos, das superstições, das viciações, dos erros, e torna-se um ser compenetrado dos seus deveres de ordem espiritual, enquadrando-se entre aqueles que são na realidade os “filhos da luz”.

Sentenciou ainda o Mestre: “*Se, porém, os teus olhos forem maus, o teu corpo será tenebroso. Se, portanto, a luz que em ti há são trevas, quão grandes serão tais trevas*”. Há necessidade de fazermos com que os nossos olhos reflitam aquilo que vai dentro de nossas almas. Se estivermos suficientemente iluminados interiormente, nossos olhos revelarão a serenidade e outras qualidades que traduzem a nossa evolução espiritual e então a lei do amor passará a presidir todos os nossos atos.

Quando, pois, tomarmos conhecimento da mensagem evangélica, devemos envidar todos os nossos esforços para assimilá-la. Não devemos permitir que alguém impeça os nossos movimentos nesse sentido, tomando como paradigma o cego Bartimeu, que, ao ouvir dizer que Jesus estava se aproximando, passou a clamar, “não permitindo que ninguém opusesse obstáculo ao seu objetivo”.

O ADVENTO DE JESUS

“E eis que conceberás e darás à luz um filho, e pôr-lhe-ás o nome de Jesus. Este será grande, e será chamado filho do Altíssimo; e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi.”

(Lucas, 1:31-32)

O advento dos grandes missionários que têm descido à Terra, é geralmente precedido de profundas comoções e abalos.

O homem envereda facilmente pelo caminho do erro. Os ensinamentos que têm sido recebidos do Alto, no decurso de todos os tempos, são esquecidos com muita facilidade, e até ignorados por uma apreciável maioria. A vida presente, apesar da sua transitoriedade, parece fascinar o homem muito mais do que a vida futura.

A vinda de Jesus ocorreu precisamente quando a Humanidade estava mergulhada num sistema politeísta, no qual prevaleciam os instintos materiais, uma pequena minoria da população vivia no fausto e na satisfação dos seus instintos e a imensa maioria vivia subjugada pela fome e por todo o gênero de tribulações. Os costumes estavam extremamente conspurcados; o orgulho, a vaidade, o egoísmo outras formas de vícios constituíam o apanágio das camadas mais privilegiadas da sociedade de então.

No seio do povo israelita — a única comunidade monoteísta da época, a situação não era muito diferente. Existiam também camadas mais favorecidas, que mantinham as massas subjugadas de várias formas, uma delas a do cerceamento do pensamento religioso, cabendo tão-somente a uma minoria a interpretação dos textos bíblicos, cuja divulgação ao povo era aureolada por supostas ameaças divinas. Um Deus intolerante, irascível e vingativo era a única forma de refreamento dos instintos.

Jesus Cristo, cujo advento havia sido vaticinado pelos antigos profetas, surgiu no seio do povo de Israel, nascendo em humilde vilarejo, provindo de obscura família de camponeses e não tendo para amparo do seu corpo senão uma manjedoura em precária estrebaria.

Quando chegou o momento de formar um grupo de assessores, a fim de formar uma escola, foi às margens do Mar da Galiléia e ali convocou um pugilo de humildes pescadores, em cujos ombros passaria a pesar a enorme responsabilidade de se tornarem “pescadores de almas”.

Dando início ao seu Messiado, Jesus passou a convocar para ouvi-lo as camadas mais humildes da população, levando-as aos cimos dos montes e à beira dos lagos, onde se sentia mais à vontade para discorrer sobre as primícias das coisas celestiais.

Em seus edificantes ensinamentos o Mestre abordava questões relativas à excelência da vida futura, formulando uma série de promessas vivas, nas quais:

- o reino dos céus é prometido aos humildes;
- a consolação é reservada aos aflitos;
- a posse da Terra é apanágio dos brandos e pacíficos;

— a fartura é o galardão dos oprimidos e dos famintos;
— o acesso aos planos mais elevados da Espiritualidade é peculiar aos limpos de coração.

Há quase vinte séculos, portanto, veio o Messias e, desde então, a situação moral do mundo não evoluiu na proporção que se era de esperar:

— o Evangelho continua ainda a ser o grande desconhecido;
— se muitos o lêem, poucos o praticam;
— a mensagem do Divino Cordeiro continua a ecoar em imenso vazio, do mesmo modo como ocorria nos tempos de João Batista, que era uma “voz que clamava no deserto” dos corações humanos.

Atualmente o Cristo está intensificando a convocação dos seareiros autênticos, pois a seara é grande e poucos são os trabalhadores. O chamamento é feito através da difusão de mensagens espirituais que surgem de todos os lados, porque:

— não é necessário que Jesus volte fisicamente, pois o seu Espírito magnânimo não suportaria nova crucificação;
— a sua mensagem é como o relâmpago que parte do oriente e atinge o ocidente;
— os seus ensinamentos são uma fonte de água viva que jorra para a vida eterna;
— a sua mensagem é caminho, verdade e vida.

COMER PÃO, BEBER VINHO...

“E, tomando o pão, e havendo dado graças, partiu-o, e deu-lho, dizendo: Isto é meu corpo que vos é dado.

“Semelhantemente, tomou o cálice, depois da ceia, dizendo: Este cálice é o Novo Testamento do meu sangue, que é derramado por vós.”

(Lucas, 22:19-20)

O ato comemorativo da Páscoa, da forma como o é realizado na atualidade, representa flagrante contraste com tudo aquilo que Jesus Cristo objetivou ensinar através do singelo ato da última ceia, quando congregou os apóstolos para o último encontro que antecedeu a sua crucificação.

A realização da chamada última ceia tem um sentido bem mais profundo, pois o anseio do Mestre era de propiciar aos seus apóstolos um, ensinamento sobre a necessidade de troca de idéias sobre a nova doutrina, confraternização, entrelaçamento, fraternidade, unificação, e obviamente constituiu um grandioso ensino endereçado à posteridade.

Entretanto, o ato realizado pelo Mestre, quando cada um dos presentes comeu um pedaço de pão e tomou um pouco de vinho, após sofrer o impacto de constantes deturpações, tem servido, no decurso dos tempos, para justificar a realização de verdadeiros festins materiais, quando o vinho é utilizado em excesso, muitas vezes

com danosas conseqüências, e o uso de carnes das mais variadas espécies suplantou o singelo uso do pão.

O ato tem servido mesmo para que alguns homens procurem nele uma justificativa para os excessos no uso do vinho, afirmando que Jesus Cristo era apologista do seu uso, tendo mesmo, nas Bodas de Canaã, convertido água em vinho, esquecendo-se de que ainda nesse caso o Senhor teve por objetivo ensinar que as doutrinas religiosas que se fundamentam sobre as coisas do mundo, sobre as coisas materiais, terão que se espiritualizar, para atender o reclamo dos seus seguidores, pois só assim poderão tomar parte no grande festim que o Cristo definiu como “conquista do reino dos céus”.

Teria Jesus Cristo se reunido com os apóstolos meramente para que juntos comessem pão e bebessem vinho, ou objetivou ele propiciar aos seus pósteros um ensinamento de grande profundidade?

Nenhum dos atos comuns da vida do Mestre deixa de encerrar uma mensagem e é óbvio que nesse caso não poderia haver exceção. O pão representa o corpo doutrinário de sua doutrina e o vinho significa que ela se fundamenta sobre o Espírito.

São numerosos os ensinamentos de Jesus sobre o pão espiritual e para se verificar isso basta recorrer aos Evangelhos:

“Eu sou o pão da vida. Vossos pais comeram o maná no deserto e morreram. Ele é o pão que desce do céu, para que o que dele comer não morra. Eu sou o pão vivo que desceu do céu; se alguém comer deste pão viverá para sempre; e o pão que eu der é a minha carne, que eu darei pela vida do mundo. Assim como o Pai, que vive, me enviou, e eu vivo pelo Pai, assim, quem de mim se alimenta, também viverá por mim. Este é o pão que desceu do céu; não é o caso de vossos pais, que comeram o maná e morreram; quem comer este pão viverá para sempre.” (João, 6:48-51;57-58).

Moisés prometia as coisas da Terra. Os judeus daquela época ambicionavam possuir a Terra da Promissão.

Jesus veio trazer a mensagem para ensinar aos homens a conquista das coisas do Espírito.

Por isso, os seguidores de Moisés comeram o maná e morreram porque o pão que pretendiam era meramente para o sustento do corpo. Jesus, no entanto, trouxe o pão espiritual, do qual quem comer terá a vida eterna, isto é, passará a assimilar as coisas que dizem respeito ao Espírito.

Além dos doze apóstolos, Jesus Cristo também teve outros setenta discípulos mais ou menos dedicados. Certa vez, conforme relata o evangelista João (6:60-65), após ter proferido um discurso sobre o sentido de sua doutrina, dizendo “minha carne verdadeiramente é comida, e o meu sangue verdadeiramente é bebida”, foi sumariamente abandonado por esses setenta discípulos, os quais disseram: “Duro é este discurso; quem o pode ouvir?”

O Mestre asseverou que não se pode pôr vinho novo em odres velhos, do contrário ele não suportará a fermentação e se romperá. A sua doutrina, embora tenha como um dos seus fundamentos as leis morais recebidas por Moisés no Monte Sinai, é sempre nova e não poderá ser suportada pelos “odres velhos” de antigas concepções

religiosas, pelo sistema arcaico que se fundamenta sobre leis transitórias destinadas a servirem determinada época, ou em dogmas estabelecidos por grupos ou pessoas, que sempre se insurgiram contra as idéias reformistas.

Ainda desta vez o Senhor teve por objetivo proclamar que o sentido profundo de sua doutrina estava contido na expressão “carne e sangue”. Carne porque ela é um corpo individual, inalterável; sangue porque ela é dinâmica e não estática. A sua doutrina é um corpo ativo, atuante, que não pode ser compreendida nos moldes como o era até há pouco tempo: uma doutrina estanque, sem vibração, divorciada da ciência, ciosa de ser a exclusiva monopolizadora de toda a verdade, zelosa dos seus dogmas e portadora de outros prejuízos.

O corpo doutrinário é animado pela força e pela vibração. Se qualquer uma das veias desse corpo deixar de receber o influxo do sangue, ela se esclerosa, se petrifica.

ÉS MESTRE DE ISRAEL E IGNORAS ISTO?

“Não te maravilhes de ter dito: necessário vos é renascer de novo.

“O vento assopra onde quer, e ouves a sua voz: mas não sabes donde vem, nem para onde vai, assim é todo aquele que é nascido do Espírito.

“Nicodemos respondeu, e disse-lhe: Como pode ser isso?

“Jesus respondeu, e disse-lhe: Tu és Mestre de Israel e não sabes isto?”

(João. 3:7-10)

O velho Nicodemos, fariseu e principal entre os judeus, tomou conhecimento das pregações que Jesus Cristo fazia em sua cidade e entusiasmou-se com algumas idéias novas contidas na Revelação.

Uma velha dúvida dormitava em sua alma: “*Como é possível o renascimento de um Espírito em novo corpo?*”. Por isso, deliberou procurar o Messias para que ele lhe dirimisse aquela dúvida.

O prestígio de Nicodemos entre os fariseus era grande, e isso fez com que repelisse a idéia de procurar o Mestre durante o dia, quando na companhia dos apóstolos, ou no seio do povo. Não conseguindo sopitar a ânsia de que o seu Espírito estava possuído, de penetrar no âmago do dogma da Ressurreição, esposado pelos judeus, resolveu procurar o Senhor altas horas da noite.

Ali chegando, saudou-o: “*Rabi, bem sabemos que és Mestre, vindo de Deus, porque ninguém pode fazer estes sinais que tu fazes, se Deus não for com ele*”. Em seguida, ao travar-se um diálogo entre ambos, o velho fariseu sondou Jesus em torno da dúvida que se aninhara em seu Espírito.

O Messias explicou-lhe então que “*quem não renascesse da água (a água, entre os judeus, era sinônimo de matéria, de corpo) e do Espírito, não poderia entrar no reino dos Céus*”. Quem não renascesse em Espírito, em novos corpos, aprimorando-se através da aquisição de virtudes santificantes, no desenrolar das vidas

sucessivas, jamais poderia enquadrar-se nas normas exigidas para a integração e vivência no estado consciencial conhecido por Reino dos Céus.

Mas o velho fariseu não compreendeu o ensinamento e redargüiu: *“Como é possível um homem, sendo já velho, nascer de novo como criança?”*, ao que Jesus retrucou: *“Tu és Mestre de Israel e não sabes isto?”*

Os Mestres de Israel, os chamados Doutores da Lei, ou Escribas, quando do advento de Jesus, fizeram causa comum com os fariseus, e, com eles, se tomaram os mais acirrados inimigos da Nova Revelação, pois não podiam conciliar a idéia de um humilde filho de carpinteiro falar-lhes das coisas de Deus com conhecimento de causa e discorrer em torno das leis religiosas, que passaram a ser analisadas sob um novo prisma.

Nicodemos não estava preparado para entender Jesus, assim como também não o estava a maioria dos seus contemporâneos, principalmente os participantes da casta privilegiada dos fariseus. Jesus veio revelar uma Doutrina aos pequeninos da Terra, o que levou o, numa explosão incontida de júbilo, a exclamar:

“Graças te dou, ó Pai, por teres revelado estas maravilhosas aos pequeninos da Terra, e as ocultado aos grandes e potentados”, A maior parte dos grandes e potentados não estava preparada para assimilar aqueles ensinamentos ou perceber o sentido verdadeiro da missão desenvolvida pelo Mestre Nazareno, e Nicodemos estava entre eles.

A exemplo do que sucedia naqueles tempos, existem na Terra muitos Nicodemos, que não percebem a luz da verdade, tornando-se autênticos cegos que não querem ver, ou surdos que não querem ouvir. Muitos dos que se arrogam o título de Mestre, e que gostam *“de ocupar os primeiros lugares e serem saudados em praça pública”*, segundo o dizer judicioso dos Evangelhos, preferem manter-se recalcitrantes na observância de vãs tradições, defendendo velhos dogmas religiosos, refutando verdades novas que surgem de todos os quadrantes, mesmo que venham do Alto, oriunda dos nossos maiores da Espiritualidade.

Por isso, afirmou o Mestre enfático, diante da ignorância que Nicodemos demonstrava em torno da Lei da Reencarnação:

“Se vos falei das coisas terrestres, e não crestes, como creereis, se vos falar das celestiais?”

POBREZA QUE ENRIQUECE

“Porque já sabeis a graça de Jesus Cristo, que, sendo rico, por amor de vós se fez pobre; para que pela sua pobreza enriquecêsseis.”

(II Coríntios, 8:9)

O Apóstolo Paulo deixa bem claro, no versículo 9 da II Epístola aos Coríntios, que Jesus Cristo se fez pobre para que, pela sua pobreza, nós enriquecêssemos. Essa assertiva do Apóstolo dos Gentios equivale a dizer que a luz se ofuscou a si própria,

temporariamente, para que aqueles que estavam nas trevas e na ignorância se iluminassem.

A Doutrina Espírita esclarece que os grandes Espíritos luminares, quando se lhes depara a necessidade de visitar, nas regiões trevosas do umbral, os Espíritos que vivem na incompreensão e na rebeldia, revestem-se temporariamente de aparência menos radiante, com o objetivo de não chocá-los, face à situação de inferioridade na qual vivem e persistem; em outras palavras, os Espíritos Puros não se revelam com o resplendor espiritual que lhes é próprio quando objetivam atrair Espíritos que vivem estagnados nos planos espirituais menos evoluídos.

Não existe palavra humana que possa traduzir em toda a sua magnitude e transcendência o fato ocorrido há quase vinte séculos, do advento de Jesus Cristo entre nós: o Ungido de Deus descendo da sublimidade de sua glória para se nivelar à humanidade da Terra, com o nobre objetivo de revelar-lhe a grandiosidade dos seus Evangelhos. O manso Cordeiro de Deus, descendo da espiritualidade mais relevante, para enfrentar os lobos vorazes do fanatismo, do erro e da recalcitrância.

O Mestre, objetivando atingir o desiderato superior de sua sublime missão, revestiu-se de tudo aquilo que era peculiar às camadas mais obscuras da Terra, pois, vivendo entre os humildes e desprotegidos, haveria muito maior possibilidade de elevá-los ao fortalecimento da esperança nas recompensas futuras que o Alto reserva aos que se desincumbem satisfatoriamente dos seus deveres na pauta da vida terrena.

Na realidade, analisando-se o Novo Testamento, vemos que a missão de Jesus foi inteiramente desenvolvida entre os humildes e os desajustados:

— Nasceu em humilde aldeia, não tendo senão uma manjedoura para acomodá-lo;

— Seus pais eram criaturas das mais humílimas condições sociais;

— Seus apóstolos foram convocados dentre obscuros pescadores;

— O cenário que serviu para o desempenho do seu Messiado foi todo ele dos mais singelos e os lugares onde o Senhor conviveu eram dos mais desprezíveis;

— Sua ação principal se processou no meio de sofrendores do corpo e da alma e pecadores de todos os matizes.

Convivendo entre os humildes e os pecadores, o Mestre teve a oportunidade de fazer com que se capacitassem da importância de uma vivência equilibrada e segundo os moldes estabelecidos nos Evangelhos, de moralização e de conformação com os sábios desígnios de Deus.

Se o Nazareno tivesse nascido no seio das camadas mais opulentas da sociedade, é óbvio que a sua missão não teria sido tão bem sucedida. Ele seria recebido com reservas e com ceticismo.

Francisco de Assis, tendo Jesus como paradigma e compenetrado da importância de se ombrear com aqueles a quem pretendia servir e ensinar, ao ouvir na igreja de Porciúncula o célebre: “Ide e pregai, dizendo que está próximo o reino dos céus. Curai os enfermos, ressuscitai os mortos, limpai os leprosos, expeli os maus Espíritos, dai de graça o que de graça recebestes. Não possuiais ouro nem prata, nem trageis dinheiro nas vossas cintas, nem alforje para o caminho, nem duas túnicas, nem calçado, nem boldão; porque digno é o trabalhador do seu alimento”, compreendeu o verdadeiro sentido espiritual de sua missão, despojando-se de todos os bens materiais

para transmutar-se no “poverelo de Assis”, afim de que, através da sua pobreza, pudesse propiciar a todos a riqueza da auto-iluminação.

Por isso, afirmou categórico o Converso de Damasco: “Jesus Cristo, sendo rico, por amor de vós se fez pobre; para que pela sua pobreza enriquecêsseis”.

O CIRENEU E O SAMARITANO

“E constrangeram um certo Simão Cireneu, pai de Alexandre e de Rufo, que por ali passava, vindo do campo, a que levasse a cruz.”

(Marcos, 15:21)

“E, quando saíam, encontraram um certo homem cireneu, chamado Simão, a quem constrangeram a levar a sua cruz.”

(Mateus, 27:32)

“Descia um homem de Jerusalém para Jericó, e caiu nas mãos dos salteadores, os quais o despojaram, e, espancando-o, se retiraram, deixando-o meio morto. E ocasionalmente descia pelo mesmo caminho certo sacerdote; e, vendo-o, passou de largo. E de igual modo também um levita, chegando àquele lugar, e, vendo-o, passou de largo. Mas um Samaritano, que ia de viagem, chegou ao pé dele, e, vendo-o, moveu-se de íntima compaixão. E, aproximando-se, atou-lhe as feridas, deitando-lhes azeite e vinho; e pondo-o sobre a sua cavalgadura, levou-o para uma estalagem e cuidou dele. E, partindo ao outro dia, tirou dois dinheiros, e deu-os ao hospedeiro e disse-lhe: Cuida dele; e tudo o que de mais gastares eu to pagarei quando voltar.”

(Lucas, 10: 30-35)

Embora o Cireneu tenha sempre sido tomado como paradigma para a ação de se auxiliar, voluntariamente, o nosso próximo, o fato é que não houve espontaneidade no ato, pois, segundo os evangelistas Marcos e Mateus, a ajuda de Simão foi compulsória: ambos afirmam que houve constrangimento.

O Evangelho de João silencia sobre essa ocorrência. Lucas, por sua vez, embora não falando em constrangimento, afirma que “*tomaram um certo Simão, cireneu, que vinha do campo, e puseram-lhe a cruz às costas, para que a levasse após Jesus*”, o que redundava na mesma coisa, pois os verbos usados na descrição

deixam transparecer que não houve iniciativa própria do Cireneu em querer auxiliar o Mestre.

Longe de nós a idéia de querer subtrair a Simão Cireneu o mérito que lhe tem sido concedido no decurso dos séculos, entretanto queremos apenas frisar que, quando não há um impulso natural numa ação, o seu mérito fica sensivelmente diminuído, e preferimos, quando se quer acenar com um paradigma para uma ação espontânea, completa em todas as direções, sem limitações, que se tome como bandeira a figura exponencial do Bom Samaritano.

O Samaritano, segundo a descrição de Lucas (10:30-35), encontrou o homem moribundo à margem da estrada, moveu-se de íntima compaixão, prestando-lhe todo o socorro que lhe havia sido negado pelo sacerdote e pelo levita que por ali haviam passado: desceu do cavalo, fez curativos em seus ferimentos, deu-lhe alimento, colocou-o sobre a sua cavalgada, fazendo a caminhada a pé, devagarinho, até uma pousada, onde propiciou-lhe todo o conforto, prontificando-se a indenizar o hospedeiro por todos os gastos havidos e por aqueles que viessem a ser necessários. O Samaritano ajudou realmente o ferido a levar a cruz dos seus sofrimentos.

Há, conseqüentemente, uma diversidade enorme entre as ações desenvolvidas pelo Cireneu e pelo Samaritano, pois, enquanto na primeira houve constrangimento, a segunda foi ampla, irrestrita, espontânea e partida do coração.

Tudo sugere que os algozes de Jesus Cristo, temendo que Ele viesse a desfalecer na rude jornada rumo ao Calvário, sob o peso tremendo do madeiro infamante, resolveram coagir o Cireneu a ajudá-lo, pois não queriam perder o espetáculo adremente preparado de ver o Senhor crucificado entre dois ladrões, o que viria, segundo a interpretação dos interessados na sua morte, justificar, perante as massas, aquele inqualificável homicídio.

A história nos dá conta de muitos casos de condenados que, acometidos de enfermidades graves ou tentando o suicídio para fugir aos horrores do suplício, são tratados com o máximo empenho e reintegrados em pleno gozo de saúde, para depois serem submetidos às torturas do gênero de morte estabelecido na condenação.

Os fariseus, os escribas e os principais dos sacerdotes não toleravam a idéia da morte física do Messias de modo prematuro; como decorrência, não trepidaram em forçar o Cireneu, que vinha do campo, a secundar o Senhor no transporte da cruz, pois só assim teriam a certeza de que o drama do Calvário seria consumado em todos os pormenores.

POUCOS SÃO OS OBREIROS

“Muitos são os chamados,
mas poucos os escolhidos.”
(Dos Evangelhos)

No auge da sua missão terrena, Jesus Cristo, ao deparar com a inconstância dos seus contemporâneos no trato das coisas do Espírito, exclamou: “a seara é grande, mas poucos são os trabalhadores”, o que o fez suplicar ao Pai que enviasse novos obreiros para o campo do trabalho.

Esse problema da falta de seareiros já se tomou crônico. Muitos Espíritos, antes de reencarnarem na Terra, assumem compromissos no sentido de desenvolver determinadas tarefas, entretanto, quando aqui estão, já reencarnados, empolgam-se com as coisas do mundo e esquecem-se dos compromissos assumidos, principalmente devido às dificuldades que freqüentemente se encontram no caminho.

A história registra as atividades de numerosos obreiros do Senhor, que estiveram na Terra e aqui desenvolveram tarefas relevantes, entretanto não nos dá conta de muitos outros que aqui vieram em missão e que, assoberbados pelas coisas mundanas, desviaram-se do caminho delineado e deixaram a missão por realizar.

Isso se aplica, obviamente, às missões e tarefas que são desenvolvidas em todos os setores de atividade humana, quer no terreno político, no social, no religioso, no científico e em todos os demais.

Muitos condutores de povos, por exemplo, recebem a incumbência de unificar nações, proporcionando-lhes paz, bem-estar e progresso; no entanto, aqui na Terra, após terem conquistado esses objetivos, tornam-se orgulhosos opressores e vaidosos tiranos, transformando-se em autênticos emissários do ódio e da vingança, antítese perfeita daquilo que pretendiam realizar.

Numerosos chefes religiosos descem à Terra com a incumbência de propugnarem pelo restabelecimento da Verdade. Como Espíritos desencarnados animaram-se do propósito de contribuir para que a palavra divina fizesse morada em todos os corações. Aqui reencarnados, tornam-se sistemáticos opositores das idéias novas, inimigos fígados dos renovadores, passando a detestar tudo aquilo que venha a solapar os princípios que defendem.

Apreciável contingente de Espíritos, quando obtêm do Alto a permissão para aqui reencarnarem, premeditam socorrer a pobreza, enxugar lágrimas, suavizar dores, principalmente dos pequeninos da Terra; no entanto, quando aqui renascem, tornam-se orgulhosos, egoístas e antifraternos, colocando suas conveniências pessoais acima dos sofrimentos alheios, movendo-se exclusivamente no sentido de conquistar fama e ouro; outros, antes de reencarnarem, predispõem-se a defender os menos favorecidos, a propugnar pelo restabelecimento da justiça. Na Terra, entretanto, tornam-se coniventes com o erro, com a injustiça situando seus interesses mais imediatos acima de quaisquer princípios de equidade e de solidariedade.

Quando esteve na Terra, Jesus Cristo manteve contato com muitas pessoas que desejavam segui-lo, as quais, ao tomarem conhecimento daquilo que era necessário fazer, desistiram prontamente da idéia. Um moço rico que cumpria rigorosamente todos os mandamentos, ao receber do Senhor um generoso convite para “vender tudo quanto tinha e dar o dinheiro aos pobres”, retirou-se amargurado e cabisbaixo, preferindo antes continuar a deleitar-se com as vantagens que a riqueza terrena oferecia.

A Parábola do Festim das Bodas é bastante elucidativa. Nela deparamos com diversas pessoas que receberam efusivo convite para tomarem parte num banquete que simbolizava o Reino dos Céus. Todos se furtaram a comparecer, alegando várias razões de natureza material, por isso o salão onde deveria se realizar o banquete ficou vazio.

Em seguida foi formulado um convite mais generalizado, extensivo aos coxos e paráliticos e aos homens de todas as categorias. O salão ficou repleto, mas mesmo assim o Senhor teve que afastar alguns que não haviam se revestido com as “vestes nupciais”, que, não compreendendo o significado do chamamento, não haviam se reformado interiormente, o que levou o Senhor a exclamar: “muitos são os chamados, mas poucos os escolhidos”.

Anteriormente a Jesus Cristo, o generoso convite dos Céus foi formulado com especialidade ao povo de Israel. Este não soube corresponder, preferindo antes deleitar-se com a aspiração de conquistar a terra de Canaã. Mais tarde, face à recusa dos judeus, os quais pela obstinação haviam perdido até a própria pátria, o convite foi ampliado a todas as comunidades da Terra, mas mesmo assim o resultado não foi dos mais promissores, pois “muitos continuam a ser os chamados, mas poucos os escolhidos”.

REENCARNAÇÃO

“Jesus respondeu, e disse-lhe: Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus.”

(João, 3:3)

“E passando Jesus, viu um homem cego de nascença. E os seus discípulos lhe perguntaram, dizendo: Rabi, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego?”

(João, 9:1-2)

“Mas digo-vos que Elias já veio, e não o conheceram, mas fizeram-lhe tudo o que quiseram. Assim farão eles também padecer o Filho do homem. Então entenderam os discípulos que Jesus lhes falara de João Batista.”

(Mateus, 17: 11.12)

Estas três passagens dos Evangelhos comprovam que o princípio da reencarnação era ponto pacífico entre os discípulos de Jesus, sendo também apregoado pelo próprio Mestre. No colóquio com Nicodemos, ficou bem positivado: “Quem não renascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus” — quem não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus. Na passagem do cego de nascença deduz-se com clareza que, se os apóstolos não partilhassem da crença da reencarnação, não fariam uma pergunta daquela forma: “Quem pecou para que o homem nascesse cego, ele ou seus pais?”. É óbvio que o pecado somente poderia ter sido cometido em vida anterior. Na passagem sobre João Batista, o Mestre deixou bem definido que “o Espírito de Elias estava reencarnado em João Batista”.

Apesar de ter havido, nos primórdios do Cristianismo, muitos doutores da Igreja que esposavam a lei da reencarnação, o apego ao formalismo fez com que esse postulado fosse abandonado, passando a prevalecer o dogma da unicidade da

existência do Espírito. Deste modo cumpriu-se a advertência de Jesus: “os edificadores rejeitaram a pedra que deveria servir de esquina”. Na construção do majestoso edifício do Cristianismo, desprezaram a pedra angular: a lei das vidas sucessivas do Espírito.

A crença nas vidas sucessivas é compartilhada por mais da metade da população do mundo, embora para algumas igrejas ela constitua autêntica heresia.

Em épocas imemoriais, os Vedas, no transcurso da iniciação, apregoavam as leis que presidem os chamados mistérios da imortalidade da alma, da pluralidade das existências e dos mundos, e das comunicações dos chamados mortos. O Bramanismo também tinha e tem como base a crença nessa lei. Krishna renovou as doutrinas védicas, ensinando que “o corpo é o envoltório da alma que aí faz a sua morada, sendo uma coisa finita, porém a alma que o habita é invisível, imponderável e eterna”, “quando o corpo entra em dissolução, se a pureza é que predomina, a alma voa para as regiões onde habitam esses seres puros, que têm o conhecimento do Altíssimo. Mas se é dominada pela paixão, a alma vem de novo habitar entre aqueles que estão presos às coisas da Terra”, “todo o renascimento, feliz ou desgraçado, é uma conseqüência das obras praticadas em vidas anteriores”. Krishna afirmou ainda aos seus discípulos: “Tanto eu como vós temos tido vários nascimentos. Os meus, só de mim são conhecidos, porém vós nem mesmo os vossos conhecereis”, “como a gente tira do corpo as roupas usadas e as substitui por novas e melhores, assim também o habitante do corpo (o Espírito), tendo abandonado a velha morada mortal, entra em nova e recém-preparada para ele”.

Buda foi ainda mais incisivo, afirmando: “o que é que julgais, ó discípulos, seja maior: a água do vasto oceano, ou as lágrimas que vertestes quando, na longa jornada, errastes ao acaso, de renascimento em renascimento, unidos àquilo que odiastes, separados daquilo que amastes? Uma vida curta, uma vida longa, um estado mórbido, uma boa saúde, o poder, a fraqueza, a fortuna, a pobreza, a ciência, a ignorância, tudo isso depende de atos cometidos em anteriores existências”.

No Egito, aos neófitos, o hierofante falava assim: “Oh! alma cega, arma-te com o facho dos mistérios e, na noite terrestre, descobrirás teu dúplice luminoso, tua alma celeste. Segue esse gênio divino e que ele seja teu guia, porque tem a chave das tuas existências passadas”.

A. Dastie, em seu livro “La Vie et la Mort”, afirma que “no Egito a doutrina das transmigrações era representada por imagens surpreendentes. Cada ser tinha o seu duplo. Ao nascer, o egípcio era representado por duas figuras. Durante a vigília as duas individualidades confundem-se numa só; mas durante o sono, ao passo que uma descansa e restaura suas energias, a outra lança-se no país dos sonhos. Não é, entretanto, completa essa separação; só o será pela morte ou, antes, a separação completa é que será a morte. Mais tarde este duplo poderá reencarnar num outro corpo e terá assim uma nova existência”.

Na Grécia, a doutrina das vidas sucessivas é encontrada nos poemas órficos. Orfeu e Homero exprimiram-na, a princípio, com o adjutório dessas duas harmonias celestes tomadas humanas: a música e a poesia. Orfeu, para inspirar seus cânticos, evocava constantemente o Espírito de Eurídice.

Plutarco, sacerdote no tempo de Apolo Pitico, afirmou que “aqueles que têm vivido várias existências virtuosas estão em condições de se elevarem ao estado de Espíritos puros e vêm-se visitados por outros Espíritos que os sustentam nas provações, uma vez que eles são geralmente perseguidos entre os homens”.

Sócrates e Platão, conforme se depara em “O Evangelho segundo o Espiritismo”, eram apologistas da lei da reencarnação. Os gauleses também tinham a certeza de reviver em corpo e alma nos mundos que turbilhonam pelo infinito. A este respeito nutriam tão grande fé que uns aos outros emprestavam dinheiro para ser pago noutra esfera. A morte, para eles, era uma simples imigração.

Goddeu, em “Barddas”, afirma que o cântico do bardo Taliesino, célebre em toda a Gália, dizia: “Existindo, desde toda a antigüidade, no meio dos vastos oceanos, não nasci de um pai e de uma mãe, mas das formas elementares da Natureza, dos ramos da betula, do fruto das florestas, das flores das montanhas. Brinquei à noite; dormi pela aurora; fui víbora no lago, água nas nuvens, lince nas selvas. Depois, eleito por Gwyon (Espírito divino), Sábio dos sábios, adquiri a imortalidade. Bastante tempo decorrido fui pastor. Vaguei longamente sobre a Terra, antes de me tomar hábil na ciência. Enfim, brilhei entre os seres superiores. Revestido dos hábitos sagrados, empunhei a taça dos sacrifícios. Vivi em cem mundos; agitei-me em cem círculos”.

Entre os hebreus, os Essênios admitiam a preexistência e as vidas sucessivas da alma no corpo.

Na história do Cristianismo também encontramos vários testemunhos:

Clemente de Alexandria e Gregório de Nice exprimem-se no mesmo sentido. Este último expõe que “a alma imortal deve ser melhorada e purificada; se ela não fez isso na existência terrena, o aperfeiçoamento se operará nas vidas futuras e subseqüentes” (Grand Discours Catéchétique — III).

Orígenes, um dos mais eruditos doutores da Igreja, em “De Principii”, sustenta que as almas se purificam nas séries de existências, antes de merecerem admissão nos céus.

O Espiritismo, com base nos ensinamentos dos Espíritos e nos Evangelhos, tem a lei da reencarnação como um dos seus postulados fundamentais. A luz das vidas sucessivas a justiça divina se toma mais equitativa e mais justa, Deus nos é apresentado como Pai de justiça e de amor, e, como consequência, passa a ter lógica a recomendação de Jesus: “Sede perfeitos como perfeito é o Pai Celestial”, perfeição essa que somente é admissível quando se leva em conta a plural idade das existências do Espírito.

MEU REINO NAO É DESTE MUNDO

“Vós sois de baixo, eu sou de cima, vós sois deste mundo. eu não sou deste mundo,”

(João, 11:2.1)

“Não são do mundo. como eu do mundo não sou.”

(João 17:16)

“O meu reino não é deste mundo,
se o meu reino fosse deste mundo,
pelejariam os meus servos, para que eu
não fosse entregue aos judeus, mas agora
o meu reino não é daqui.”

(João, IK:3hi)

Os Espíritos benfeitores afirmam que Jesus Cristo é o preposto de Deus para as coisas deste mundo, Ele é, portanto, quem governa este minúsculo orbe que faz parte das muitas moradas que constituem a casa do Pai.

Isso é comprovado por João Evangelista que, referindo-se a Jesus, sustenta: “Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez”;

O próprio Jesus proclama isso quando os judeus insistiam em afirmar que o Cristo seria da linhagem de Davi: “Como é então que via, em Espírito, lhe chama Senhor, dizendo: Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita até que eu ponha os teus inimigos por escabelo de teus pés. Se Davi, pois, lhe chama Senhor, como pode ser ele seu filho?”

Jesus Cristo foi indubitavelmente a mais singular figura que desceu à Terra. Os seus Evangelhos, entrecortados dos mais sublimes ensinamentos, são repositório da mais elevada moral e, além disso, encerram equação para os mais agudos problemas que assoberbam os homens.

Quando o Mestre disse a Pilatos que o seu reino não é deste mundo, acrescentou a palavra *agora*, o que significa que, por enquanto, o seu reino não é deste mundo, mas o será quando o homem estiver vivendo compenetrado da verdade, quando a palavra fraternidade deixar de ser mera utopia, quando a Humanidade formar um só rebanho sob a orientação de um só pastor.

João Evangelista acrescenta em seu Evangelho que “Jesus estava no mundo, e o mundo foi feito por ele, e o mundo não o conheceu. Veio para o que era seu, e os seus não o receberam. Veio como uma luz brilhando nas trevas, mas as trevas não a compreenderam”.

É óbvio, portanto, que no futuro, quando o Reino de Deus se implantar definitivamente nos corações humanos, através da consumação da reforma íntima das criaturas, o reino de Jesus também o será deste mundo, que no momento é apenas uma estância de expiação e de dor.

Isso não significa que estejamos deserdados. Jesus é o nosso Mestre, o nosso orientador, o nosso redentor. Os grandes lumináres da Espiritualidade superior continuam a descer a este mundo a fim de impulsionar o progresso. Milhares e milhares de mensagens são enviadas à Terra pelos nossos benfeitores espirituais. Os Espíritos se comunicam por toda a parte, cumprindo a profecia de Joel: “E nos últimos dias derramarei do meu Espírito sobre toda a carne”.

Ainda há pouco mais de um século o mundo recebeu a revelação do Espírito de Verdade, instaurando na Terra a Doutrina dos Espíritos, que veio propiciar aos homens a possibilidade de anteverem uma nova luz a impulsioná-los para Deus, a fim de que, dentro de mais alguns séculos, seja definitivamente implantado na Terra o

Reinado do Espírito. Nessa época poderá então o Mestre afirmar: “Agora o meu reino também é deste mundo”.

AS LEIS ANTIGAS

“Eu não vim destruir a lei e os profetas. mas dar-lhes cumprimento, Porque em verdade vos digo que, até que o Céu e a Terra passem, nenhum só jota ou til se omitirá da lei, sem que tudo seja cumprido,”

(Mateus, 5:17-18)

Nas leis antigas existiam duas partes distintas: a moral, oriunda do plano espiritual, para cuja revelação Moisés se tornou mero instrumento, e a humana, legislada por Moisés, de sentido transitório e destinada apenas a servir determinada época.

A exemplo de todas as religiões que se fundamentam sobre os dogmas, a religião prevalecente entre os antigos hebreus não representou exceção: todas as leis emanadas de Moisés, tanto as de origem divina como aquelas de procedência humana, foram fundidas num só cadinho, resultando num amálgama de leis e ordenações que tiveram ampla aplicação por força de preceitos rígidos e eivados de formalismos profundamente materializados.

O povo não sabia mais distinguir o humano do divino, o eterno do transitório. Esse estado de coisas gerou o mais acerbo fanatismo e, como decorrência, Jesus encontrou no seio do povo judeu os mesmos hábitos que tiveram prevalência vinte séculos antes, quando Moisés desenvolveu a sua grandiosa missão.

Jesus se viu face a um panorama contristador: os escribas e os fariseus se aliaram com o objetivo de solapar a sua missão de luz e de libertação e, graças aos dogmas, o fanatismo se tornou o escudo dos de tratores do Cristo.

Jesus, objetivando neutralizar os ataques dos seus opositores, proclamou: “Eu não vim destruir as leis, mas dar-lhes cumprimento”, referindo-se obviamente à parte divina das leis, aquelas que foram recebidas por Moisés no alto do Sinai — o Decálogo.

De forma alguma poderia o Mestre dar o seu beneplácito às leis que mandavam, entre outras coisas, apedrejar mulheres pecadoras em praça pública, que instituíam o descanso aos sábados e a prescrição de se lavar as mãos antes das refeições como obrigações religiosas, que mandavam não se pagar tributo a povos estrangeiros.

Ele tinha que derrogar essas leis, mas, para tanto, era mister enfrentar todo o sistema político-religioso dos judeus, cujo fundamento se assentava sobre o Sinédrio e o Templo.

Isso era perigoso e qualquer atitude precipitada poderia comprometer a Revelação em curso.

O Mestre tinha que remover essas arestas, mas, para tanto, teria que se defrontar com a sanha feroz dos seus detratores.

A sua ação tinha que ser sensata, comedida, e, no desenvolvimento de uma missão que tinha a “mansuetude de uma pomba”, ele tinha que ser “prudente como uma serpente”.

A primeira cilada ocorreu quando esses homens empedernidos resolveram ouvir a opinião de Jesus em torno do pagamento de tributo instituído pelo Império Romano.

Mestre! É lícito pagar tributo a César?

A resposta de Jesus poderia ser uma espada de dois gumes.

Se dissesse: Não!, seria imediatamente acusado de sedicioso e de instigador do povo à revolta, e, como tal, passível de ser enquadrado nas leis romanas:

Se, pelo contrário dissesse: sim!, seria acusado perante o Sinédrio por estar contrariando uma das leis de Moisés, que vedava o pagamento de imposto a povos estrangeiros, a gentios.

O Mestre, percebendo o espírito malicioso que animava os seus indagadores saiu-se sem fornecer-lhes qualquer arma.

Solicitou a apresentação de uma moeda. E quando ela lhe foi mostrada, aditou:

— De quem é essa efígie?

— De César, retrucaram.

Então dê a César o que é de César e a Deus o que é de Deus.

Em outras ocasiões o Mestre se defrontou com problemas mais ou menos idênticos.

O apedrejamento de mulheres apanhadas em adultério era uma das estipulações das leis de Moisés, cuja aplicação era inexorável.

Estando Jesus num dos logradouros de Jerusalém, viu correr em sua direção, pedindo proteção, uma mulher que fora apanhada em flagrante adultério, e atrás dela um bando de anciãos, prontos para aniquilá-la.

A pobre mulher vira no Cristo autêntica tábua de salvação.

O grupo de “zelosos” anciãos, aproximando-se, acharam ali uma incomparável oportunidade para envolver o Mestre numa cilada.

— Mestre! Moisés ordenou que mulheres como esta, apanhadas em flagrante adultério, sejam apedrejadas a fim de se extirpar o mal de nossa nação. Que dizes?

Recomendando o apedrejamento, Jesus anularia a sua Mensagem de amor e dava ensejo a uma acusação perante as autoridades romanas, as únicas que poderiam ordenar a morte de qualquer pessoa.

Condenando o apedrejamento, estaria se tornando passível de ser acusado perante o Sinédrio, pelo fato de dar pouco apreço a uma lei religiosa vigente.

Vendo a trama, o Mestre saiu pelo único caminho sensato.

— “Aquele que estiver sem pecados, atire a primeira pedra”.

Esse veredicto de Jesus desarmou os acusadores, os quais, atirando suas pedras ao chão, um após outro, se retiraram.

É óbvio que, dizendo: “Até que o Céu e a Terra passem, nenhum só jota ou til se omitirá da lei, sem que tudo seja cumprido”, Jesus se referia tão-somente à parte moral e permanente da lei, aquela que Moisés recebeu na qualidade de médium, e não

à parte transitória, estabelecida com o fito exclusivo de reger os destinos de um povo recém-liberto do seio de uma nação politeísta, o povo de Israel.

Mesmo agora, decorridos 20 séculos após a Revelação Cristã, o Espiritismo proclama que a parte moral da Lei, aquela que institui o “*amor a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo*”, e todos os mandamentos que lhe são decorrentes, terá que ser cumprida em sua íntegra, mesmo que, para tanto, tenham que passar o Céu e a Terra.

A PERSEVERANÇA

“Porfia em entrar pela porta estreita.”

(Lucas, 13:24)

Um exemplo empolgante de perseverança e luta persistente em favor de um ideal nos é oferecido por Paulo de Tarso, o valoroso paladino das verdades cristãs, que levou as palavras do Evangelho ao seio de muitos povos da sua época.

Em sua segunda epístola aos Coríntios, o grande apóstolo narra as suas vicissitudes da seguinte forma:

“Recebi dos judeus cinco quarentenas de açoites menos um.

“Três vezes fui açoitado com varas, uma vez fui apedrejado, três vezes sofri naufrágio, uma noite e um dia passei no abismo.

“Em viagens muitas vezes, em perigos de rios, em perigos de salteadores, em perigos dos da minha nação, em perigos dos gentios, em perigos na cidade, em perigos no deserto, em perigos no mar, em perigos entre os falsos irmãos.

“Em trabalhos e fadiga, em vigílias muitas vezes, em fome e sede, em jejum muitas vezes, em frio e nudez”.

Somente os que são norteados por um idealismo sadio e por uma fé viva podem suportar, com estoicismo, os sofrimentos dessa natureza, sem que ocorra qualquer esmorecimento.

A visão da Estrada de Damasco deu a Paulo de Tarso o dinamismo necessário para levar avante a sua missão, uma vez que poucos são os homens que se revestem da couraça da fé para realizar uma tarefa redentora. Muitos ficam à margem do caminho ou preferem se demorar na estagnação ou obstado pelo apego ao comodismo ou à observância de vãs tradições.

A certa altura da mesma epístola, o Apóstolo dos Gentios proclamou: “E, para que me não exaltasse pelas excelências das revelações, foi-me dado um espinho na carne, a saber, um mensageiro de Satanás para me esbofetear, a fim de me não exaltar. Acerca do qual três vezes orei ao Senhor para que se desviasse de mim”.

Isso significa que a ação do apóstolo importunou os inimigos da luz e estes investiram violentamente contra ele, fazendo com que, além de sofrer as investidas de muitos homens empedernidos de sua época, sofresse também os obstáculos impostos pela ação de Espíritos trevosos, interessados na manutenção de um “status” fundamentado sobre o império das trevas.

Para se vencer na luta é imperioso que sejamos norteados por uma disposição inquebrantável, sem a preocupação com as quedas e as adversidades que possam surgir.

A perseverança deverá presidir a nossa ação, quer estejamos propugnando pela implantação de um ideal nobre, cuja vitória implicará no advento de relevantes benefícios para a Humanidade, em cujo caso enquadrámos a missão desenvolvida por Paulo de Tarso, quer estejamos empenhados numa luta pelo nosso próprio aprimoramento e cujos únicos beneficiários seremos nós mesmos.

Quando Jesus Cristo proclamou que “aqueles que perseverassem até o fim seriam salvos”, quis dizer que, qualquer que seja a tarefa que estejamos desenvolvendo, não deveremos jamais permanecer estacionários à margem do caminho, mas devemos emprestar dinamismo e persistência na luta que travamos, até que surja a vitória final.

Os Evangelhos registram vários ensinamentos sobre a importância da perseverança.

Quando Jesus Cristo foi procurado pela Mulher Cananéia, a princípio não atendeu a sua rogativa, afirmando que havia sido enviado tão-somente “às ovelhas desgarradas da Casa de Israel”, entretanto a mulher persistiu, seguiu-o, clamou, suplicou, acabando por merecer do Mestre a tão almejada cura para a sua filhinha.

Maria Madalena, após defrontar-se com o Mestre, optou por uma persistente batalha em favor da sua reforma interior, perseverando na luta íntima e conseguindo colimar apoteótica vitória sobre os vícios que a atormentavam, merecendo por isso o prêmio de ser a primeira pessoa a ser visitada pelo Espírito de Jesus, logo após o episódio da crucificação. O Mestre havia sentido que Maria fora a mulher que havia travado e vencido uma das mais gigantescas lutas contra o império do mal.

O publicano Zaqueu alimentava o propósito de dialogar com Jesus e perseverou até o fim, chegando mesmo a subir numa figueira, onde recebeu o convite generoso do Mestre para o tão almejado diálogo, no qual, após se predispor a distribuir metade da sua fortuna com os pobres, mereceu as célebres palavras proferidas pelo Senhor: “Zaqueu, hoje entrou a salvação em tua casa”.

João Batista, o precursor de Jesus, perseverou na ingente tarefa a que se havia proposto, combatendo o erro e ensinando como evitá-lo, chegando por isso mesmo a enfrentar o ódio de Herodes. Ele só pôs um paradeiro em sua luta quando, após enviar dois dos seus emissários a Jesus, certificou-se de que ali estava realmente o Messias prometido, o que significava que a sua missão estava cumprida.

Existe, no entanto, a perseverança na prática do mal, a qual tem conseqüências danosas e imprevisíveis.

Judas Escariotes dispôs-se a trair o Mestre, recebendo em troca trinta moedas de prata. Na última ceia teve uma autêntica advertência e uma oportunidade ímpar de voltar atrás. Mas a persistência no erro fez com que realizasse o seu intento, o que redundou em seu próprio suicídio e obviamente em longos séculos de sofrimentos espirituais.

Os escribas e fariseus tiveram a demonstração mais viva de que Jesus Cristo era o tão aguardado Messias, no entanto, preferiram perseverar na cegueira e na

incompreensão, não encerrando a perseguição enquanto não viram o Mestre suspenso no madeiro infamante.

Devemos, pois, perseverar até o fim, mas sempre no caminho do bem, na senda da reforma interior, na luta em favor do aprimoramento espiritual da Humanidade.

O CALICE DA AMARGURA

“Prostrou-se sobre o seu rosto,
orando e dizendo: Meu pai, se é
possível, passe de mim este cálice;
todavia, não seja feito como eu quero,
mas como tu queres.”

(Mateus, 26:39)

Afirma o evangelista Mateus que Jesus Cristo formulou veemente rogativa a Deus no sentido de passar dele a necessidade de tragar o cálice de amargura, simbolizado no sacrifício que se cumpriria no alto do Calvário. Após repetir a sua prece por três vezes consecutivas, não houve um deferimento favorável, e o drama da crucificação se cumpriu em todos os detalhes.

O Mestre, que havia preceituado: “Pedi e dar-se-vos-á, buscai e achareis e batei e abrir-se-vos-á” ali estava advogando o cancelamento ao martírio na cruz, entretanto não deixou de condicionar a sua vontade à soberana vontade de Deus. Nos desígnios do Pai o sacrifício do Calvário era um imperativo, sem o qual a doutrina que o Mestre viera trazer, não triunfaria na face da Terra, a ponto de, em três séculos apenas, causar a derrocada do Paganismo, solapando as precárias bases em que se fundamentava a religião dos povos mais poderosos da Terra.

Devemos nos lembrar que todos nós, em maior ou menor escala, temos um Calvário em nossa vida, por isso também em relação a nós o Criador não modifica a cada instante os seus desideratos superiores. Muitas das rogativas que erguemos a Deus não são aceitas porque assumimos compromissos espirituais importantes antes da nossa encarnação terrena, e se Deus for modificando o curso da nossa vida ao sabor da nossa vontade, é óbvio que ocorreria uma estagnação e dificilmente colimaríamos o nosso aprimoramento espiritual.

O advento de Jesus Cristo na Terra indubitavelmente exigiu intensa preparação espiritual, principalmente nos séculos que antecederam a sua integração no ambiente terreno. Se João Batista foi o seu precursor imediato, lembremo-nos de que muitos profetas de Israel também cooperaram para a sua vinda, fornecendo detalhes minuciosos sobre a sua inconfundível personalidade e esboçando, em linhas gerais, a razão primária da sua missão no seio da Humanidade.

A tarefa desenvolvida entre nós por Jesus Cristo não foi mera caminhada pelas estradas da Galiléia. Não foi também uma peregrinação com o objetivo de curar alguns paralíticos, restaurar a vista a alguns cegos, limpar alguns leprosos ou expelir alguns maus espíritos. O advento de Jesus foi algo de mais sublime, pois ele trouxe para a Humanidade uma mensagem de vida eterna, uma doutrina suscetível de impulsionar o gênero humano para os seus verdadeiros objetivos um código de moral

que serviria de fundamento para a reforma moral dos indivíduos. O Messias veio para curar os doentes da alma e levantar aqueles que estão alquebrantados pelas tribulações da vida terrena. Veio também para convocar aqueles que malbarataram os valores que Deus, por excesso de misericórdia, lhes concedeu, despertando-os de uma inércia incompatível com a necessidade de reforma interior.

Se a missão desempenhada por Jesus Cristo demandou séculos de preparação, devemos também convir que a tarefa de muitos Espíritos que encamam na Terra, também exige preparação, planejamento e, sobretudo, obedecem a desígnios superiores, previamente estabelecidos.

Deste modo, podemos afirmar que nem todos os nossos apelos dirigidos ao Alto podem ser atendidos, uma vez que qualquer desvio em nossa vida poderá representar séculos de retardamento. A satisfação dos nossos desejos representaria a postergação de fatores que são imprescindíveis à nossa reforma espiritual.

Sendo a Terra uma imensa escola, na qual os nossos Espíritos se aprimoram, despojando-se de suas imperfeições, é lógico que deveremos assimilar todas as lições que nos são propiciadas, pois, se protelarmos o nosso aprendizado, além de adiarmos a nossa evolução, estaremos também contribuindo para o retardamento do progresso espiritual da Humanidade, causando o retardamento no advento de uma nova era, quando o mundo será mais espiritualizado, mais moralizado e, sobretudo, mais evangelizado.

CURAS MATERIAIS

“E com ele seguia uma grande multidão, que o apertava. E certa mulher, que havia doze anos tinha um fluxo de sangue, e que havia padecido muito com muitos médicos, e dispendido tudo quanto tinha, nada lhe aproveitando isso, antes indo a pior, ouvindo falar de Jesus, veio por detrás entre a multidão, e tocou no seu vestido. E logo se secou a fonte do seu sangue; e sentiu no seu corpo estar já curada.”

(Marcos, 5:24-29)

Nos dias atuais, da mesma forma como acontecia no tempo em que Jesus Cristo esteve entre nós de modo visível, os homens preocupam-se demasiadamente com a cura do corpo, deixando para plano secundário a cura da alma.

Qualquer que seja o lugar onde se propague existir alguém fazendo curas ou praticando fenômenos, para lá acorre verdadeira multidão de pessoas, formando filas intermináveis, cada qual procurando haurir do melhor modo possível, qualquer benefício. Algumas curas são produzidas, mas apenas pequena parcela consegue receber o benefício.

Muitos desses homens que conseguem curar os seus semelhantes são criaturas de boa vontade, dotadas de indiscutível poder mediúnico, conseguindo, com o concurso de benfeitores espirituais, produzir curas apreciáveis, entretanto há também falsos médiuns (falsos profetas, segundo o dizer judicioso dos Evangelhos), que

acenam com a possibilidade de curas mirabolantes, alegando fazer operações cirúrgicas em série, como se fabricam peças mecânicas, mas que na realidade não passam de mistificadores e enganadores, que se enriquecem explorando a boa fé de pessoas incautas, nada fazendo de proveitoso.

Uma coisa, no entanto, deve ser esclarecida: a lei de Deus é sábia, equitativa, justa e misericordiosa, e, uma vez que somos Espíritos encarnados, que trazemos do passado o fardo das transgressões cometidas, as quais clamam por resgate na vida presente, devemos convir que há necessidade do nosso reajustamento perante a lei divina e que nem sempre podemos ser curados das enfermidades físicas que portamos.

Deus quer que todas as suas criaturas progridam e, como decorrência, sua justiça abrange todos aqueles que se desviam do caminho reto. Se a justiça dos homens muitas vezes não alcança as nossas faltas, o mesmo não sucede com relação à justiça divina. Não há falta alguma, por mais insignificante que pareça, nenhuma infração à lei, que não acarrete forçosas e inevitáveis conseqüências, mais ou menos atribuladas. No embate da vida terrena passamos por fases angustiosas, somos acometidos de dores atroz, falta-nos, muitas vezes, o essencial para o equilíbrio da nossa vida e encontramos dificuldades em conciliar tudo isso com a promessa evangélica contida no Sermão da Montanha.

Sendo Deus misericordioso e bom e tendo Jesus Cristo nos afirmado que o Pai faz a chuva beneficiar justos e injustos e o sol brilhar sobre bons e maus, por que razão somos submetidos às tribulações e aflições da vida terrena?

À luz da lei da reencarnação tudo se esclarece. Ninguém sofre sem justa causa. Se as vicissitudes da vida derivam de uma causa e, pois que Deus é justo, justa há de ser essa causa. Se somos Espíritos que contraímos débitos nas vidas pretéritas, é lógico que devemos passar por um processo expiatório.

“*Quem com ferro fere, com ferro será ferido*”; nestas palavras de Jesus, dirigidas a Pedro, define-se claramente todo o processo de reajustamento do Espírito. Com o mesmo instrumento ou pela forma que usarmos para ofender o nosso próximo, seremos atingidos, se não na mesma vida, pelo menos nas vidas futuras do Espírito na carne. Tudo aquilo que fizemos de mal contra o nosso próximo, passa a se constituir em débito perante a justiça divina, e, mais cedo ou, mais tarde, nesta ou em vidas subseqüentes, teremos que experimentar as conseqüências do mal cometido, mais ou menos nas mesmas proporções, e até com os métodos utilizados por nós.

Considerando-se que somos almas em contínuo processo de aprimoramento, para que possamos, um dia, ascender às elevadas regiões da Espiritualidade, onde não haverá mais choros nem ranger de dentes, onde as lágrimas se secarão, e *onde a morte será tragada pela vitória*, segundo a sábia afirmação de Paulo de Tarso, toda e qualquer alteração em nosso *status* de vida, salvo raras exceções, equivaleria a nos subtrair os instrumentos adequados para aquele aprimoramento.

Eis a razão pela qual Jesus Cristo também não curava a todos que o buscavam. Nomeio de imensa multidão de doentes de todos os matizes, Ele curou apenas uma mulher que sofria há doze anos de penosa hemorragia. O Mestre não estendia as mãos e curava à todos indistintamente, o que representaria a subtração

dos instrumentos de que cada um é dotado, para resgatar as suas faltas no quadro da lei, colimando assim a cura da alma.

Uma vez que as dores e as aflições da vida terrena são veículos portentosos para a redenção da alma, segundo o que está explícito no Sermão da Montanha: *“Bem-aventurados os aflitos porque deles é o reino dos céus”*, conclui-se que somente na vida futura podem efetivar-se as compensações que o Mestre promete aos sofredores da Terra.

O Cristo era procurado diariamente por milhares de sofredores. Os Evangelhos registram que em certos dias Ele conseguia reunir em sua volta cinco mil pessoas, e, no entanto, podem-se dizer que não foram muito além de uma centena as curas materiais por Ele praticadas: uma dezena de leprosos, dois ou três cegos, um surdo-mudo, quatro a cinco possessos de Espíritos inferiores, uma mulher que vivia curvada, uma outra que sofria penosa hemorragia, um homem com a mão mirrada, alguns poucos paráliticos e três pessoas acometidas de catalepsia cujos Espíritos não estavam completamente desligados do corpo e o Senhor os fez se reintegrarem nele e algumas outras.

O seu objetivo primário era prescrever o lenitivo para a cura das enfermidades da alma. A fim de propiciar condições para ensinar esse remédio aos sofredores, ele fazia uso das curas materiais, pois sabia que os homens preocupam-se mais com as curas repentinas, de efeito transitório, mas que se conseguem a curto prazo, do que com as curas permanentes, que só se colimam a longo prazo. A produção dessas curas materiais fez com que a sua fama se espargisse com grande rapidez, os homens passassem a procurá-lo para se beneficiarem delas, e Ele tinha então a oportunidade de proceder à sementeira das palavras e ensinamentos que levariam, mais cedo ou mais tarde, à cura espiritual e permanente, curas que o Mestre tinha no mais alto apreço, como aquelas acontecidas com Maria de Betânia, Zaqueu, Paulo de Tarso e Maria Madalena.

Deve-se ainda considerar que os casos de curas materiais, registrados nos Evangelhos, aconteceram com pessoas que já vinham sofrendo há longos anos, e que já estavam quase reajustadas perante a lei divina: o parálitico de Betsaida estava acometido da enfermidade há 38 anos; a mulher que sofria do fluxo de sangue, há 12 anos vinha esgotando todos os seus recursos; o cego de nascença já tinha idade, e, portanto, era cego há mais de 25 anos; a mulher que vivia curvada, o era há mais de 18 anos; os dez leprosos já eram homens de certa idade e obviamente há muitos anos eram portadores daquela doença e notório, pois, que 12 a 38 anos de sofrimentos talvez fossem suficientes para que aquelas almas encarnadas resgatassem suas faltas pretéritas e se ajustassem perante a lei, recebendo a cura completa através da interferência direta de Jesus Cristo.

A MULTIPLICAÇÃO DOS PÃES

“E tomando os cinco pães e os dois peixes, e olhando para o céu, abençoou-os, e partiu-os, e deu-os aos seus discípulos para os porem diante da

multidão. E comeram todos (quase cinco mil homens) e saciaram-se e levantaram do que lhes sobejou, doze cestos de pedaços.”

(Lucas, 9:16-17)

Os homens sempre foram e são profundamente imediatistas. Buscam antes as coisas de conseqüências rápidas, que geralmente são transitórias, em detrimento daquelas que vêm a longo prazo, mas que são de efeito permanente.

Jesus Cristo, a fim de atrair as multidões e poder, entre elas, distribuir os seus ensinamentos imorredouros, teve necessidade de produzir uma série de curas materiais. Essa prática fez com que a sua fama se propagasse e ele pudesse reunir um grupo apreciável de pessoas, levando-o a um monte, como foi o caso dos cinco mil homens descritos pelo Evangelista Lucas, lançando então a semente generosa da sua Doutrina.

É óbvio que o Mestre não veio desempenhar a sua árdua e gloriosa missão entre nós apenas para levantar alguns parálíticos, fazer alguns cegos recobrem a visão e expulsar alguns Espíritos obsessores que assediavam alguns homens ou mulheres, ou mesmo operar curas de outras enfermidades, fatos esses que foram qualificados como miraculosos.

Jesus Cristo é o Médico das Almas e veio entre nós para uma missão muito mais relevante: a cura da alma, a cura permanente, o que se processará através da assimilação de sua Doutrina de luz e de verdade.

Cinco mil pessoas acompanharam o Mestre e receberam, em profusão, o pão do céu — o pão generoso com o qual o Cristo buscava saciar toda a fome de conhecimento, entretanto o evangelista Lucas afirma que sobejaram doze cestos de pedaços.

O Mestre ensinou a sua Doutrina a cinco mil pessoas que o seguiam mais por causa das curas materiais que ele produzia do que propriamente por causa das curas de ordem espiritual que ele distribuía. No entanto, apenas os doze apóstolos conseguiram reter alguns dos seus ensinamentos. Alguns pedaços dos seus ensinamentos, que encheram os “cestos” dos seus corações.

João, em seu Evangelho, afirma que, quando todos estavam saciados, asseverou Jesus aos seus apóstolos: “Recolhei os pedaços que sobejaram, para que nada se perca. Recolheram-nos, pois, e encheram doze cestos de pedaços (João, 6:12-13) e mais adiante proclama, traduzindo as palavras de Jesus: “Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela comida que permanece para a vida eterna, a qual o Filho do Homem vos dará: porque a este o Pai, Deus, o selou”. — “Eu sou o pão da vida; aquele que vem a mim não terá fome; e quem crê em mim nunca terá fome”. (João, 6:27 e 35).

A comida que permanece para a vida eterna, é a assimilação dos ensinamentos que levam à reforma íntima, pois quem se reformar intimamente, compenetrando-se das leis do amor, nunca mais terá fome.

Os cinco mil homens que acompanharam o Mestre, cogitavam apenas das curas miraculosas, e quase nada retiveram dos seus ensinamentos. Os doze apóstolos,

que o Mestre definiu como doze cestos, retiveram partículas de ensinamentos, enchendo *doze cestos de pedaços*, pedaços da verdade, uma vez que ninguém estava em condições de absorver a verdade em toda a sua plenitude.

Também Mateus corrobora a afirmação de Lucas de que sobejaram 12 cestos cheios de pedaços (Mateus, 14:20), deixando entrever nas entrelinhas que a quase totalidade daqueles que seguiam o Mestre, cogitavam mais da “comida que perece”, embora, mesmo assim, o Nazareno tenha feito a sua semeadura, que mais cedo ou mais tarde passaria a produzir frutos sazonados, susceptíveis de alimentar espiritualmente todas aquelas almas sequiosas de paz, de saúde e de melhores dias.

O PÃO ESPIRITUAL

“E os doze, convocando a multidão dos discípulos, disseram: Não é razoável que nós deixemos a palavra de Deus e sirvamos às mesas.”

(Atos, 6:2)

Consumada a crucificação de Jesus, os apóstolos fundaram uma instituição assistencial denominada “Casa do Caminho”, onde abrigavam e socorriam necessitados de todos os matizes.

A “Casa do Caminho” passou a receber a ajuda do povo e isso fez com que os apóstolos ficassem parcialmente inibidos em suas atividades fundamentais. As moedas recebidas os colocavam em posição delicada face aos doadores e ameaçavam levar a uma total estagnação no processo de divulgação do Cristianismo nascente.

Esse resfriamento na difusão da Boa Nova levou o grupo de apóstolos a uma reflexão mais profunda, com base naquilo que um dos evangelistas havia registrado: “Eu sou o pão da vida. Vossos pais comeram o maná no deserto e morreram” (João, 6:48/49). Face a essa situação os apóstolos se reuniram em conselho e deliberaram pedir aos discípulos que escolhessem sete homens íntegros e capazes, a fim de atenderem à tarefa assistencial, liberando-os para a propaganda dos ideais cristãos.

Estevão foi um dos escolhidos para essa espinhosa missão, desempenhando-a até o dia quando foi violentamente retirado da “Casa do Caminho” e apedrejado, com a aquiescência de Paulo de Tarso.

É de relevante importância esta passagem contida nos Atos dos Apóstolos, mostrando que não se deve procurar socorrer apenas com o pão material, uma vez que é o pão espiritual que sacia toda a fome de conhecimento, levando a criatura à reforma íntima que o Cristo definiu como sendo a conquista do Reino dos Céus.

É inegável que, se os apóstolos tivessem circunscrito suas atividades apenas à “Casa do Caminho”, teriam equacionado os problemas de alguns poucos, homens, porém, como decorrência, a Humanidade teria ficado privada de uma série de ensinamentos, principalmente aqueles contidos nas Epístolas de João, de Pedro e de Tiago.

O mesmo fenômeno ocorreu com relação a Jesus Cristo. Sendo o médico das almas, é óbvio que a finalidade precípua da sua missão na Terra foi dirigida no

sentido de operar nos homens a cura espiritual, a cura de efeito permanente. Curando alguns poucos enfermos do corpo, o seu objetivo era atrair a atenção das massas, para que a semente generosa da sua Doutrina germinasse nos corações de uma quantidade muito maior de homens. O Mestre suspirava pelas curas de conseqüências morais, como o foram aquelas operadas em Maria Madalena, Maria de Betânia e em Zaqueu.

É indubitável que a assistência social dispensada pela “Casa do Caminho” constituía um aspecto importante no quadro da divulgação do Cristianismo, entretanto o efeito nesse setor era bastante circunscrito e dificilmente passaria dos limites da região que lhe servia de sede.

A verdadeira propaganda somente poderia ser exercida através da palavra levada a todos os centros, e isso foi feito graças à inspirada deliberação dos apóstolos, que acharam “que não era razoável servir às mesas, em detrimento da divulgação da palavra de Deus”.

A pregação dos apóstolos teve como cenário principal a cidade de Jerusalém, onde eles tiveram residência ordinária até o ano 60, entretanto também fizeram visitas a outras cidades circunvizinhas, no mister de divulgar o Cristianismo. A tarefa de levar a palavra de Jesus a todo o mundo conhecido coube ao apóstolo Paulo, cuja missão transcendental se destaca mais e mais a nossos olhos, à medida que os séculos se esvaem.

Paulo de Tarso compreendeu a extensão das palavras de Jesus em tomo do Pão Espiritual, e levou-as a centenas de comunidades, não esquecendo Atenas e Roma, que eram as cidades mais importantes do mundo, naquela época.

O povo israelita vivia empolgado pela ocorrência registrada em Êxodo, Cap. 16, onde se lê que Deus fez cair pão do Céu para aqueles que estavam famintos no deserto, alimentando-os desta forma durante quarenta anos. Apesar da produção desse fenômeno, os judeus nada haviam melhorado e, após a solução do problema do pão, passaram a exigir de Moisés a solução do problema da água: “Por que nos fizeste subir do Egito, para nos matares de sede, a nós e aos nossos filhos e ao nosso gado?” (Êxodo, 17:3).

Quando do advento de Jesus Cristo o mesmo povo ainda estava em pleno endurecimento, procurando-o para dizer-lhe: “Nossos pais comeram o maná no deserto, como está escrito. Deu-lhes a comer o pão do céu” (João, 6:31), o que levou o Mestre a esclarecer: “Na verdade, na verdade vos digo: Moisés não vos deu o pão do céu; mas meu Pai vos dará o verdadeiro pão. Porque o pão de Deus é aquele que desce do céu e dá vida ao mundo. Eu sou o pão da vida, aquele que vem a mim não terá fome”.

O pão verdadeiro, representado pelos ensinamentos evangélicos, é o pão do qual a Humanidade não pode prescindir o único que alimenta espiritualmente o homem, propiciando-lhe meios de sentir e viver aquilo que o Evangelho preceitua, apressando deste modo a sua evolução espiritual rumo a uma superior destinação e equacionando os seus problemas de todos os matizes.

NÃO VADES PARA OS GENTIOS

“Não vades a caminho de gentios,
nem entreis nas cidades dos
Samaritanos; mas ide antes às ovelhas
perdidas da casa de Israel.”

(Mateus, 10:5-7)

A primeira vista parece que razões insondáveis teriam levado Jesus Cristo a recomendar a seus discípulos que não procurassem os gentios nem os samaritanos, mas de preferência aqueles que, em Israel, estivessem desviados do caminho certo.

Porventura não preceituou o Mestre que “o Pai faz o sol nascer para os bons e para os maus, e a chuva beneficiar justos e injustos?”. Não é certo que o Mestre tomou os Samaritanos como paradigmas de bondade ou de compreensão, conforme se depara da Parábola do Bom Samaritano, do seu colóquio com a Mulher Samaritana e do episódio da Cura dos Dez Leprosos? Nestas três passagens evangélicas o Senhor situou alguns samaritanos em nítida situação de superioridade moral e espiritual sobre muitos judeus ortodoxos.

O Mestre jamais recomendou qualquer espécie de discriminação, por parte dos seus discípulos, quando fossem pregar as verdades eternas dos Evangelhos. Na recomendação acima ele disse “*ide antes*” às ovelhas perdidas da Casa de Israel. Isso significa que, após terem ido às aldeias e cidades de Israel, poderiam ir às aldeias e cidades dos gentios.

À primeira vista parece que estas palavras de Jesus encerram sentimentos de intolerância e menosprezo por determinados agrupamentos humanos, e o trecho acima, do Evangelho de Mateus, deve ter servido, no passado, para justificar perseguições e severos movimentos de repressão contra minorias religiosas que não pactuavam com a ortodoxia religiosa prevalecente.

Realmente, o Mestre foi enviado às ovelhas desgarradas de Israel, e não poderia ter sido de outra forma. O povo judeu havia sido adredemente preparado, no decurso de vários séculos, para receber o Grande Missionário. O esforço no sentido de se manter uma estrutura monoteísta no arcabouço religioso do povo hebraico havia custado lágrimas, longos cativeiros, dores e até morte. Graças ao empenho dos antigos profetas e de outros grandes missionários que habitaram a Terra, Israel era a única nação que estava preparada para receber o Messias, para que em seu solo ele desempenhasse sua fulgurante missão de paz e de luz. Eis por que ele disse à Mulher Samaritana: “A salvação vem dos judeus”.

O desempenho de um Messiado no seio de uma nação politeísta teria sido muito mais difícil, demandaria muito maior esforço e lograria menor êxito. O trabalho dos apóstolos teria sido muito mais espinhoso, pois entre os gentios tudo estava por fazer, a começar da necessidade de se implantar a crença num só Deus. Haja vista o trabalho gigantesco que Paulo de Tarso, Barnabé e outros missionários tiveram que desenvolver no sentido de proceder à sementeira cristã no coração daqueles povos.

Recomendando a seus apóstolos que não fossem aos pagãos. Não representou isso qualquer descaso pela sua conversão, o que teria sido pouco caridoso e até conflitante com o caráter universal da revelação cristã.

É óbvio que o Mestre tem suas vistas voltadas para toda a Humanidade, uma vez que sua missão abarca todos os povos da Terra, entretanto, em seu incomensurável amor, previu tudo para que o seu Messias fosse completo e suscitou outros missionários que tiveram a tarefa gigantesca de proceder à semeadura da sua mensagem no cenário dos povos politeístas.

Este ensinamento do Mestre se aplica aos homens de todas as épocas, muitos dos quais nem sempre estão preparados para a assimilação dos ensinamentos reformadores. Sempre existiram e existem os céticos, os escarnecedores, os obstinados, os detratores, os opositores sistemáticos. A estes de pouco adiantam palavras esclarecedoras, as quais eles não estão aptos a receber.

O Mestre jamais se importunou em converter os grandes da Terra. Quando algumas pessoas de influência lhe pediram um sinal, sua resposta foi categórica: “Nenhum sinal será dado a esta geração má e infiel”. Quando Herodes mandou procurá-lo, pretextando querer conhecê-lo, ele deu ao portador do convite o célebre recado: “Ide dizer a essa raposa que ainda por três dias devo expulsar os maus espíritos e curar os leprosos e paralíticos e no terceiro dia serei levantado”. Não estava na cogitação imediata de Jesus a conversão dos homens insensíveis, dos cegos que não queriam ver, dos gentios que viviam a braços com grotesco paganismo e dos samaritanos que estavam mergulhados no mais denso obscurantismo, originado por dogmas e observância de pueris tradições. O Senhor preferia antes ir em demanda dos pequeninos, dos Lázarus, das Madalenas, dos Zaqueus, das Marias de Betânia e de outros dessa linhagem ovelhas desgarradas que careciam voltar sem mais delongas ao redil.

Enquanto, na época de Jesus, devido à estreiteza das idéias e à materialidade dos costumes, tudo estava confinado, hoje as idéias tendem para um sentido libertador e a tendência é de se caminhar para um mais ativo processo de espiritualização. Na atualidade não existem mais “povos eleitos”, nem “gentios”, nem “samaritanos”, pois todos os povos estão sendo preparados para a assimilação da luz que brilha nos horizontes do mundo e que não é privilégio de nenhuma nação, de nenhum povo, de nenhuma religião. Os “gentios” deixaram de ser um povo para se tornar uma opinião generalizada em cujo seio as verdades reveladas por Jesus triunfarão um dia. Assim como o Cristianismo causou a derrocada do paganismo, o Espiritismo, que representa a revivescência do Ver o Evangelho revelado por Jesus, triunfará de todos os sistemas que não estiverem fortemente fundamentados nas verdades imorredouras do Cristianismo.

ADIANTE DE VÓS

“Mas ide, dizei a seus discípulos, e a Pedro, que ele vai adiante de vós para a Galiléia; ali o vereis, como ele vos disse.”

(Marcos, 16:7)

Relata o evangelho segundo Marcos que três mulheres — Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago e Salomé foram aos sepulcro onde havia sido sepultado o corpo de Jesus, a fim de ungi-lo com aromas.

No caminho conjecturavam sobre quem as ajudaria a retirar a tampa da sepultura, que era grande e muito pesada.

Ali chegando, viram que a mesma estava removida e, com surpresa, depararam com um espírito que lhes comunicou não estar Jesus ali, recomendando-lhes que transmitissem aos discípulos a mensagem de que “ele iria adiante deles para a Galiléia”.

Face a essa comunicação espiritual, as três mulheres saíram do local um tanto espavoridas, embora animadas de intensa alegria íntima.

São significativas estas palavras do espírito, pois, obviamente, não tinham aplicação tão-somente para os discípulos diretos do Mestre, mas para todos aqueles que viessem a se tornar seus seguidores, no decurso dos tempos.

“Ele vai adiante de vós” é uma promessa salutar formulada a todos quantos se predispuessem a “tomar do arado e não olhar mais para trás”, tornando-se, na realidade, autênticos servidores da causa apregoada pelo Meigo Rabi da Galiléia.

“Ele vai adiante de vós”. Um generoso convite dirigido aos que viessem a ser instrumentos da vontade de Deus, no tamanho da seara que é grande e se recente da falta de trabalhadores.

“Ele vai adiante de vós”, equivale a dizer que os discípulos sairão vitoriosos nas missões que lhes forem confiadas, pois o Mestre aplainará os caminhos, removerá os óbices que pareçam intransponíveis e dará a sustentação necessária para o mais amplo êxito das tarefas encetadas.

A certeza de que o Mestre ia adiante deles fez com que os apóstolos se tornassem francamente resolutos face aos rigores das perseguições, não temendo jamais no afã de sustentarem as primícias da Boa Nova em todos os quadrantes da Terra, mesmo sob as mais adversas condições.

A convicção interior de que o Mestre “ia adiante dele” fez com que Paulo de Tarso suportasse cinco quarentenas de açoites, um apedrejamento, três açoites com varas, fome, sede, jejum e nudez, tudo com o objetivo de levar a palavra do Cristo a todas as nações. (II Cor., 11:25-27)

Ciente de que o Senhor “ia diante dele”, Pedro suportou prisões, agruras e a morte.

A narrativa evangélica afirma que as três mulheres estavam receosas de não terem forças para remover a pedra que encobria o sepulcro, no entanto, ali chegando, depararam, com surpresa, que ela já havia sido removida. Assim os benfeitores espirituais removerão também as “pedras” de tropeço que os trabalhadores animosos e fiéis da seara encontrarem pelo caminho.

A “pedra” dos dogmas jamais abafará a mensagem imorredoura do “túmulo vazio”, os Espíritos do Senhor se encarregarão de “remover essa pedra” para que a mensagem imorredoura da imortalidade da alma resplandeça a fim de confortar toda a Humanidade.

Devemos, pois, ter a certeza de que, em quaisquer eventos, quando estivermos trabalhando em favor da causa do Cristo, “ele irá adiante de nós”, dando-nos o ânimo

necessário para suportar o impacto das forças negativas das trevas, ajudando-nos a vencer as barreiras de toda a sorte que surgirem em nossos caminhos.

A INTOLERÂNCIA

“E João disse: Mestre, vimos um que em teu nome expulsava os demônios e lho proibimos, porque não te segue conosco. E Jesus lhe disse: Não o proibais, porque quem não é contra nós é por nós.”

(Lucas, 9:49-50)

A intolerância sempre constituiu um dos grandes entraves na senda da evolução humana.

No campo da ciência ela foi a causa do retardamento de muitas descobertas, pois, no passado, tudo aquilo que ultrapassava o limite acanhado do conhecimento humano, era levado na conta de “engenho e arte do demônio”.

No setor do acultramento ela foi responsável pelo marasmo e pelas trevas que prevaleceram entre os homens durante muitos séculos, evitando que eles, através do conhecimento da verdade, se libertassem do preconceito e da superstição.

No seio das religiões, a intolerância se fez sentir em todo o seu aspecto negativo, sendo responsável por grande número de perseguições, de torturas e de morte. Sempre que surgia na Terra um Espírito mais saliente querendo impulsionar o esclarecimento espiritual do homem, ele era catalogado como herege e como tal perseguido e até morto.

O próprio Jesus Cristo foi vítima da intolerância dos seus contemporâneos, por isso, para nos legar a sua mensagem de paz e de amor, ele teve que enfrentar a fúria sanguinolenta de muitos fanáticos, perecendo finalmente pendurado numa cruz, no alto do Calvário.

A passagem evangélica que estamos enfocando, nos elucida sobre o pensamento de Jesus Cristo sobre a intolerância: ele repreendeu severamente um dos seus apóstolos pelo fato de ter proibido a uma pessoa que não os acompanhava, de também expulsar maus Espíritos.

Enquanto no cenário terreno as religiões se digladiam e fecham as portas a qualquer gênero de entendimento, tudo por causa de ingênuas divergências doutrinárias, o Mestre, cujos atos devem servir de paradigma para o nosso proceder, declara enfaticamente a João: “Quem não é contra nós é por nós”.

Os discípulos de Jesus, empregadas dos prejuízos do arcaico sistema religioso prevalecente entre os judeus, não haviam ainda se despojado do tradicional e aberrante hábito de considerar heresia tudo aquilo que não fosse referendado pela religião imperante. Vendo aquele homem que expelia os maus Espíritos, João encheu-se de zelo e, após proibir o homem de praticar atos daquela natureza, procurou apressadamente o Mestre, a fim de denunciar aquilo que considerava um trabalho paralelo e autêntica usurpação de poderes. Agindo daquele modo o apóstolo

julgava estar prestando inestimável serviço à Boa Nova e, certamente, esperava o beneplácito do Mestre para o seu ato de intolerância.

A réplica, no entanto, foi adversa: “Não o proibais, porque quem não é contra nós é por nós”.

O Meigo Rabi da Galiléia deu assim inequívoca demonstração de tolerância e é pena que o seu exemplo não tenha servido, no decorrer dos séculos, de esteio para uma mais íntima aproximação entre os vários agrupamentos cristãos, os quais, apesar de viverem sob o pálio de uma só doutrina, porfiam em se colocarem na mais acesa intolerância, refratários a quaisquer concessões ou gesto de aproximação.

No Velho Testamento encontramos uma passagem quase idêntica:

Devido ao abusivo costume reinante entre muitos médiuns e profetas judeus, de invocarem Espíritos para consultá-los sobre coisas fúteis, sem um objetivo mais sério, o médium-mor que era Moisés, vetou terminantemente que se continuasse esse intercâmbio, proibindo que se invocassem os chamados mortos.

Muitos médiuns sensatos existiam, no entanto, entre os judeus, e entre eles dois rapazes sinceros, cujos nomes eram Eldad e Medad. Esses jovens estavam no campo entrando em contato com Espíritos quando, passando por ali um homem, apressou-se em denunciar o fato a Moisés, julgando assim estar prestando valioso serviço ao Grande Legislador.

Conforme narra o livro de Números, Cap. 11, v. 26 a 29, esse homem chegou todo agitado perto do libertador dos hebreus e delatou:

“Senhor! Eldad e Medad estão no campo profetizando!”

Josué, o lugar-tenente de Moisés, que ali estava ao seu lado, asseverou:

“Senhor Meu Moisés, proíba-lhos”.

Mas Moisés não se importunou, pois conhecia o caráter da mediunidade de Eldad e Medad e se limitou a responder a Josué:

“Tens tu ciúmes de mim? Oxalá que todo o povo do Senhor fosse profeta, que o Senhor lhe desse o seu Espírito.”

Assim como Jesus reconheceu que o homem que expelia os maus Espíritos em seu nome, estava trabalhando pela mesma causa, embora em caminho diverso, Moisés também suspirava pelo mediunismo sadio entre o seu povo, alegrando-se com o fato de dois de seus patrícios estarem entrando em sintonia com os Espíritos do Senhor, para fins edificantes.

Ambos deram vibrante demonstração de tolerância e compenetração dos reais objetivos que animam aqueles que desejam cooperar na tarefa comum de entrelaçamento entre os homens, com vistas a uma mais estreita aproximação com o Alto.

Afirmou João em seu Evangelho que “a luz resplandeceu nas trevas, e as trevas não a compreenderam” (João, 1:5).

Essa passagem deixa entrever claramente que Jesus Cristo veio como autêntica luz a iluminar o caminho dos homens, mas a intolerância destes fez com que a sua mensagem fosse incompreendida, e as forças das trevas conseguiram fazer com que largos anos de obscurantismo suplantassem a voz da verdade, retardando a implantação dos ideais cristãos, da forma como foram ensinados pelo Cristo, fundamentados sobre a pureza e a singeleza.

Nos Evangelhos encontramos uma narrativa bastante elucidativa: Jesus Cristo não foi recebido numa aldeia de Samaritanos. Os seus apóstolos, revoltados, perguntaram-lhe: “Queres que façamos descer fogo do céu e os consuma, assim como o fez Elias?” E a resposta do Mestre foi a seguinte: “Não sabeis de que espírito sois, porque o Filho do homem não veio para destruir as almas dos homens, mas para salvá-las”. E dirigiram-se para outra aldeia.

Preferindo dirigir-se para outra aldeia, em vez de concordar com a sugestão dos apóstolos Tiago e João, de procurarem consumir o povo que não os recebera, Jesus Cristo, mais uma vez, demonstrou que a tolerância deve sempre nortear os rumos daqueles que se arrogam ao título de cristãos verdadeiros.

REFORMA INTERIOR

“Porque qualquer que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á; mas qualquer que, por amor de mim, perder a sua vida, a salvará.”

(Lucas, 9:24)

Os contemporâneos de Jesus Cristo não compreenderam o significado de sua missão consoladora e muitos não entenderam a razão do seu chamamento.

Apesar de ser o médico das almas, e não ter vindo à Terra com a finalidade de operar curas de natureza material, Jesus Cristo teve que efetuar várias curas dessa natureza, fazendo-o especificamente com o fim de atrair as multidões para que estas ouvissem as suas palavras de vida eterna.

Na realidade, se contarmos as curas materiais por ele operadas no decorrer dos três curtos anos de Messias, veremos que o seu número é bastante reduzido, muito provavelmente tenha atingido a casa de uma centena, deduzindo-se daí que foram diminutas, se defrontadas com o número avultado de pessoas que o buscava.

Operando as curas materiais, a sua fama se espargia pelas vilas e cidades circunvizinhas e grande multidão acorria com o fim de receber o tão desejado benefício. Aproveitando essa aglomeração de pessoas, o Senhor proferia os seus ensinamentos, os quais, se não fossem aproveitados naquele evento, ficariam como sementes em estado latente à espera da época adequada para germinação.

Foi desta forma que Jesus conseguiu levar milhares de pessoas para ouvirem suas maravilhosas pregações, tendo numa dessas reuniões proferido o Sermão da Montanha, que inquestionavelmente representa a mais bela página dos Evangelhos.

Isso prova uma vez mais que os homens sempre foram e são profundamente imediatistas. Não fossem as curas materiais que vêm a curto prazo, eles jamais seguiriam o Messias, não se importunando com as palavras vivificantes que levariam à cura espiritual, à reforma íntima, que de um modo geral vem a longo prazo.

O Senhor suspirava pela reforma íntima das criaturas humanas, por isso, quando sabia da existência de uma pessoa predisposta para a cura espiritual, não hesitava em fazer longas caminhadas a pé, com o objetivo de com ela dialogar e propiciar o tão almejado benefício. Dentre as curas dessa natureza podem se

enquadrar aquelas operadas em Maria Madalena, em Maria de Betânia e no Publicano Zaqueu. Do encontro do Mestre com esses personagens resultou o enquadramento deles num esquema que os levou à reforma íntima, que o Mestre definia como sendo “a conquista do reino dos Céus”.

A Boa Nova deveria ser apregoada a todas as criaturas e, sendo Jesus Cristo o seu medianeiro, não deveria medir esforços no sentido de convencer a todos sobre o caráter da sua missão. Conseqüentemente, ele fez a sua pregação de modo irrestrito, falando a crédulos e incrédulos, a gentios e judeus. Uns aceitavam a sua palavra com naturalidade, outros ouviam-na simplesmente sem dar-lhe a guarida necessária nos corações, outros ainda, sem aceitar a mensagem, passavam a combater o seu porta-voz, perseguindo-o e conspirando no sentido de destruí-lo.

No primeiro grupo enquadram-se as pessoas que, a exemplo de Maria Madalena, deixam para trás todo um passado de erros e decidem-se a tomar o caminho certo; são aqueles que, no judicioso dizer evangélico: “Tomam do arado e não olham mais para trás”.

No segundo grupo enquadram-se pessoas como o “Moço Rico”, descrito por Marcos, 10:17; e outras pessoas da mesma natureza, as quais, quando deparam com os encargos e responsabilidades, recusam-se a aceitar o generoso convite.

O terceiro grupo abrange aqueles que se encastelam no orgulho, não admitem idéias renovadoras e revelam assim todo o seu ódio para com os inovadores. São pessoas como o foram os fariseus, os escribas e outros do mesmo gênero, que, não aceitando as novas idéias que sempre surgem na Terra, passam a combatê-las por todos os meios e modos.

Apreciável parcela de criaturas humanas estranhas que Jesus tenha procurado, para constituir o seu núcleo apostólico, homens rudes e sem aprimoramento intelectual, quando poderia ter solicitado o concurso dos filósofos, dos doutores da lei, dos potentados e das proeminências da época.

Na opinião desses homens, o Cristo teria tido maior possibilidade de êxito no desempenho da sua tarefa, uma vez que passaria a desfrutar de prestígio social e, despreocupado da ação de opositores sorrateiros, poderia ter evitado o drama do Calvário e, pelo prolongamento do seu estágio na Terra, atingido resultados mais práticos.

Esquecem-se essas pessoas que a crucificação representou o coroamento da missão de Jesus. Sem o sacrifício do Gólgota a doutrina por Ele revelada não teria tido a penetração que conseguiu.

É indubitável que todos os missionários que preferiram servir aos dúbios interesses e preconceitos humanos, tiveram vida diferente, porém deixaram a missão por cumprir. Se o Cristo tivesse agido desse modo é certo que, em vez do fel amargo do Monte das Caveiras, teria continuado a deleitar-se com o vinho alegre do mundo, mas os pequeninos do Pai teriam continuado sem o inestimável benefício que a sua esplendorosa tarefa lhes trouxe.

O Ungido de Deus foi enviado para as “ovelhas desgarradas de Israel” e para os “doentes que precisam de médico”. Como conseqüência, Ele procurava de preferência os pequeninos, os enfermos, os desajustados e os pecadores, em suma. No meio dos sofredores Ele se desdobrava em desvelo, sentindo que o terreno estava

preparado para receber a semente boa que viera semear, e exultou-se quando, medindo a grandiosidade do amor de Deus para com as suas criaturas, exclamou: Graças te dou, ó Pai, por teres revelado estas coisas aos pequeninos e as ocultado aos grandes e potentados”.

A afirmação solene de Jesus de que *havia vencido o príncipe deste mundo*, deixa patente que os objetivos da missão por Ele desempenhada na Terra foram colimados.

O Mestre sabia que, procurando os eruditos e os filósofos, os seus ensinamentos perderiam a simplicidade e o encantamento e, como consequência, não seriam absorvidos com a facilidade com que o foram, emanados das suas empolgantes parábolas e da boca de humildes pescadores, que falavam com amor e de forma clara e precisa.

O que edifica as almas é o máximo de trabalho e de luta na Terra, em todos os dias da existência. Os homens que vivem sonhando com a tranqüilidade eterna das sepulturas, menosprezam o labor santificante da ação, malbaratam os dons preciosos que lhes foram outorgados pelo Alto, por excesso de misericórdia do Pai Celestial.

Buscando os doentes do corpo e da alma, restaurando-lhes a saúde e dando-lhes de beber a água viva dos seus preceitos, Jesus fazia mais do que muitas assembléias de homens discutidores e cheios de retórica.

DESÇA DA CRUZ...

“Salvou os outros, e a si mesmo não pode salvar-se. Se é o rei de Israel, desça agora da cruz, e creremos nele.”
(Mateus, 27:42)

Muitas das pessoas que foram assistir à crucificação de Jesus Cristo, passando diante dele, diziam, em tom de zombaria: “Tu que derribas o templo e em três dias o reedificas, salva-te a ti mesmo e desce da cruz”. Outros, inclusive um dos homens que haviam sido crucificados a seu lado, diziam: “Salvou aos outros e a si mesmo não pode salvar-se; se de fato é o rei dos judeus, desça agora da cruz”.

Como não poderia deixar de ser, também no Calvário, naquele momento angustiante da crucificação do Mestre, surgiram os empedernidos de todos os tempos, aqueles que se predispõem a crer desde que vejam a operação de um “milagre”.

O Mestre, nos três curtos anos do seu Messiado, não podia se preocupar muito com a conversão de gente que não estivesse amadurecida para o entendimento, ou que não alimentasse qualquer disposição de reforma interior. Certa vez, procurado por algumas figuras proeminentes da cidade, dentre elas alguns gregos, que lhe pediram um sinal, para que vissem e passassem a crer, foi enfático na resposta: “Nenhum sinal será dado a esta geração adúltera e infiel”.

Se ele sentisse que alguém estava sequioso para receber suas palavras, ou preparado para a reforma íntima, não trepidava em caminhar horas e horas, sob o sol causticante da Judéia, a fim de procurá-lo. Servem de paradigma os casos de Maria de Betânia, de Maria Madalena e do publicano Zaqueu. Por outro lado, ele não

arredava pé no sentido de procurar homens endurecidos e obstinados, a quem havia qualificado de “cegos que não querem ver” e “homens de dura cerviz e incircuncisos de coração”

Sempre houve e continua a haver homens recalcitrantes que, mesmo diante das provas mais convincentes, se recusam a crer. Ainda que o Mestre, naquela emergência, fizesse produzir ali um fenômeno retumbante, o que não estava em suas cogitações, eles continuariam mergulhados na descrença.

Nas páginas dos Evangelhos deparamos com várias narrativas que destacam a indisposição de muitas pessoas em aceitarem os ensinamentos ou fatos produzidos por Jesus, preferindo comodamente situarem-se na posição de negativistas.

O moço rico (Mateus, 19:16-30), quando o Mestre lhe prometeu uma série de benefícios na vida futura, desde que se prontificasse a dar seus bens aos pobres, *não acreditou* e preferiu continuar a desfrutar dos benefícios efêmeros que os bens terrenos propiciam.

Os setenta discípulos de Jesus (Lucas, 10:1-20), a quem ele havia afiançado que seus nomes estavam escritos nos planos superiores da Espiritualidade, ao ouvirem um discurso no qual o Senhor falava das responsabilidades inerentes a todos os discípulos, abandonaram-no, passando a *descrever* de suas palavras.

Afirma João, em seu Evangelho (7:5), que “nem mesmo os irmãos de Jesus criam nele”, por isso ele lhes disse: “Ainda não chegou o meu tempo, mas o vosso tempo sempre está pronto”. Para ele não havia chegado o momento culminante de fazer brilhar as luzes que viera revelar, mas para os seus irmãos o tempo devia ser aproveitado para iniciar o processo de reforma interior, o tempo estava diante deles e deviam deixar a *descrença*, dedicando-se firmemente no esforço individual em favor do aprimoramento moral. Isso, aliás, sucede com muitas pessoas que malbaratam tempo precioso, anulam encarnações preciosas, não tiram proveito do tempo e conseqüentemente retardam a própria evolução espiritual.

O apóstolo Tomé (João, 20), quando foi informado pelos demais apóstolos que Jesus estivera entre eles, *não acreditou* e disse: “Se eu não vir os sinais dos cravos em suas mãos, e não puser a minha mão no ferimento do lado”, de maneira nenhuma creerei”. Logo que o Mestre apareceu de novo, disse a Tomé: “Põe aqui os teus dedos e vê as minhas mãos, e põe a tua mão em meu lado”, acrescentando: “Porque viste, Tomé, creste; bem-aventurados os que não viram e creeram”.

Com base em erros tradicionais, o homem supõe que a crença em Deus é um imperativo e condição indispensável para a evolução da alma. No passado, esses erros levaram a verdadeiros absurdos, inspirando verdadeiros atentados contra o bom senso e a razão, colimados através de conversões feitas sob violência, ameaças, intolerância, perseguições e até guerras.

A crença em Deus, por si só, não basta. É imprescindível que se observem suas leis morais, sem o que o homem jamais se situará em condições para o processo de reforma interior a ser colimado, e que somente será possível através da vivência dos ensinamentos contidos nos Evangelhos.

Galileu, certa vez, convidou Cremonesi a observar, pelo seu telescópio, os satélites de Júpiter que ele havia descoberto. A resposta do convidado foi cortante: “Aristóteles não fala de satélites de Júpiter, logo... eles não existem, nem podem

existir, e eu não os quero ver. Verifique bem se não há tio seu telescópio alguma mancha, e, se esta aí não estiver, estará nos seus olhos”.

O SERMÃO DO CENÁCULO

“O Céu e a Terra passarão, mas as
minhas palavras não hão de passar.”
(Mateus, 24:35)

Os Evangelhos registram a ocorrência de três sermões proferidos por Jesus Cristo.

O primeiro deles, conhecido por *Sermão da Montanha*, foi dirigido ao povo em geral e representou uma promessa viva feita aos sofredores e desamparados de todos os matizes. Nele há um aceno a todos os homens, para que não duvidem da paternidade e do incomensurável amor de Deus pelas suas criaturas.

O segundo sermão, denominado *Sermão Profético*, objetivou prognosticar uma série de acontecimentos que teriam lugar no mundo, principalmente devido à recalcitrância dos homens em aceitarem as recomendações contidas nas imorredouras mensagens trazidas por Jesus Cristo.

O terceiro, conhecido por *Sermão do Cenáculo*, mereceu esse nome pelo fato de ter sido proferido no recinto onde se realizou a chamada última ceia, um pouco antes da prisão do Mestre. Ele foi pronunciado com o objetivo primário de fazer uma série de recomendações e de promessas aos apóstolos, que dali por diante passariam por um verdadeiro batismo de fogo, dado que dentro em pouco perderiam o seu principal mentor terreno.

Os Evangelhos não são unânimes na descrição dos fatos que antecederam a prisão e crucificação de Jesus Cristo. Dos apóstolos que acompanharam Jesus ao Horto de Getsemani — Pedro, Tiago e João —, apenas este último foi testemunha ocular de todos os acontecimentos e transplantou-os para as páginas do seu Evangelho. Os outros dois não foram autores de Evangelhos, conseqüentemente as narrações feitas por João parecem ser as que mais se aproximam da verdade.

Deve-se também levar em consideração que os Evangelhos foram escritos algumas dezenas de anos após o sacrifício de Jesus Cristo, tendo até então prevalecido tão-somente a tradição oral. Marcos e Lucas não conviveram com o Mestre e, como decorrência, apesar das inspirações que inquestionavelmente receberam do Alto, e das pesquisas que fizeram, quando da elaboração desses Evangelhos, a lógica nos dita que os legados de João e Mateus, que foram discípulos diretos do Mestre, são os que melhor espelham a verdade sobre as ocorrências.

O objetivo primário dos ensinamentos exarados por Jesus Cristo no Sermão do Cenáculo, foi de prevenir os apóstolos no tocante aos acontecimentos que teriam lugar logo após, no interior do Horto de Getsemani, os quais culminariam com a sua prisão e subsequente sacrifício. O Mestre também teve por escopo discorrer sobre à advento do Espírito Consolador, que viria com o objetivo de restaurar as primícias e consolidar tudo aquilo que ele havia ensinado. Os atos de perseguições que se sucederiam, a incapacidade dos apóstolos em oferecer resistência plena às tendências

de conspiração da sua doutrina, por injunção dos inconfessáveis interesses de grupos e de pessoas, as deturpações que ocorreriam no decorrer da Idade Média seriam de tal amplitude, que a vinda do Espírito de Verdade, para restabelecer a pureza dos ensinamentos de Jesus Cristo, tornava-se imperiosa e impostergável.

Os próprios apóstolos de Jesus, pelo fato de serem homens de pouca letra, não eram dotados do devido discernimento para separar, de forma adequada, os ensinamentos do Cristo de muitos outros preceitos contidos nas leis de Moisés, e mesmo de outras práticas de natureza precária, dentre eles o batismo da água e a circuncisão.

No Sermão do Cenáculo, o Mestre esclareceu os apóstolos no tocante à teoria da pluralidade dos mundos habitados; isso ele o fez quando asseverou que *“na Casa do Pai existem muitas moradas”*, pretendendo assim esclarecer que os milhares e milhares de planetas que gravitam pela imensidão do espaço, servem de morada para os Espíritos, em sua contínua ascensão para Deus.

Sem confundir-se com o Pai, destruindo quaisquer possibilidades de implantação de dogmas que viessem a apresentar um Deus trino, Jesus procurou estabelecer a profunda identidade entre ele (Filho) e o Criador (Pai). Por isso ele disse: *“quem vê a mim, vê ao Pai”*, o que significa dizer que, na qualidade de enviado excelso de Deus, tudo aquilo que ele ensinava era baseado na *“doutrina que o Pai lhe havia ensinado”*

Um outro pormenor bastante significativo, é quando o Mestre acrescenta que as suas palavras devem ser cumpridas em toda a sua plenitude, pois sem isso ninguém iria ao Pai. O Senhor não pretendeu, nesse ensino, proscriver os membros de outras religiões distanciadas do ramo cristão. Sendo a lei básica o *“amor a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”*, é óbvio que todos os que cumprirem esses mandamentos, sejam membros desta ou daquela escola religiosa, atingirão o Pai, embora por caminhos diferentes daqueles emanados dos lábios de Jesus, pois eles são realmente *“o caminho, a verdade e a vida”*.

No decorrer do seu sermão, o Mestre ponderou ser a videira verdadeira, sendo Deus o agricultor, aditando que os galhos que nele não dessem frutos, seriam extirpados, e aqueles que produzissem frutos, seriam limpos, para que os produzissem ainda com maior abundância. Esse ensinamento, evidentemente, encerra uma advertência às criaturas que não produzem frutos segundo a expectativa dos nossos Maiores da Espiritualidade. O homem não deve jamais malbaratar os valores que lhe são concedidos para o desempenho do aprendizado terreno, devendo, pelo contrário, aplicá-los, para que, a exemplo do que está narrado na Parábola dos Talentos, os bens que lhe são concedidos por Deus, produzam frutos a cinquenta, a sessenta e a cem por um.

Do desenrolar de sua pregação no Sermão do Cenáculo, o Mestre relembrou, de forma enfática, a necessidade dos homens de se amarem uns aos outros, terminando por afirmar que ninguém tem mais amor do que aquele que dá a sua própria vida, para que isso sirva de exemplo vivo para que os homens sintam em si a extensão do amor de Deus pelos seus filhos.

No Sermão ele proclamou ainda que não foram os apóstolos que o escolheram, mas ele quem os escolheu para servirem de assessores no desempenho do seu sublime Messiado.

Afirmando que a sua missão estava consumada, e terminado o Sermão do Cenáculo, segundo a descrição do evangelista João, o Mestre e seus discípulos dirigiram-se para o Jardim de Getsemani, situado no outro lado do riacho de Cedron, onde teve lugar o ato de traição, perpetrado por Judas Escariotes.

Os Evangelhos de Marcos e de Lucas discorrem sobre o episódio dos três apóstolos que caíram em profundo sono, apesar de terem sido solicitados pelo Mestre, para que orassem e vigiassem naquela hora tão angustiosa. Essa passagem destina-se a nos ensinar que temos que vencer sozinhos os transe de amargura que são deparados em nossa vida. Jesus não poderia dividir, com seus companheiros, aquilo que somente ele teria que passar.

Os evangelistas Mateus e João silenciam sobre essa passagem evangélica, apesar de João ter sido um dos que adormeceram.

A lógica nos diz que o testemunho de João é o que tem maior parentesco com a verdade, entretanto, segundo alguns exegetas, tanto a “tentação” de Jesus no deserto, por parte do utópico Satanás, como a passagem dos apóstolos que adormeceram no horto de Getsemani, tiveram única e exclusivamente o objetivo de alertar os apóstolos e toda a Humanidade sobre a necessidade de constante oração e vigilância. É bem provável que os evangelistas Lucas e Marcos tivessem incluído essas narrativas em seus Evangelhos, a fim de propiciarem um ensinamento no tocante à necessidade de demonstrar aos homens que os apóstolos que adormeceram foram vítimas de Espíritos trevosos, interessados no fracasso da missão redentora de Jesus Cristo. Por outro lado, é também provável que João e Mateus deixassem de registrá-la por considerar o fato irrelevante ou porque ele não tenha acontecido nos moldes descritos por Lucas e Marcos que, como dissemos acima, não foram discípulos imediatos de Jesus Cristo.

O MEIGO NAZARENO

“Bem-aventurados os que são brandos e pacíficos. porque possuirão a Terra.”

(Mateus, 5:5)

Foi Jesus Cristo um moço arrebatado, impulsivo e vibrante? Algumas obras afirmam que ele foi um rebelde e uma delas chegou a apregoar que ele foi “o maior dos anarquistas”.

Há pouco tempo escrevemos num prefácio de livro que ele foi o Meigo Nazareno, e conhecido escritor nos refutou, afirmando: “A marca do sectarismo está bem clara na referência a Jesus como sendo o Meigo Nazareno, uma forma estereotipada de alusão a Jesus, que se vulgarizou entre espíritas excessivamente místicos, em geral de origem e formação igrejeira. Os adeptos do Meigo Nazareno

não podem admitir que o jovem e ardente carpinteiro empregasse palavras fortes e precisas nas suas pregações”.

Alguns escritores se empolgaram com a obra “Vida de Jesus”, escrita por Ernest Renan — um pesquisador que no século passado andou pelas terras onde Jesus e os Apóstolos viveram. No entanto, apesar de a obra conter muitas verdades históricas, não deixa de apresentar um perfil desfigurado da personalidade do Mestre, moldado ao gosto do autor.

Renan chegou a afirmar, por exemplo, que *“Jesus não é um espiritualista, desde que tudo para ele conduz a uma realização palpável, ele não tem a menor noção de uma alma separada do corpo”*, acrescentando mais adiante que *“Jesus e os apóstolos eram vivedores que não desdenhavam as boas mesas”*, que *“a religião por ele instaurada era um movimento de mulheres e crianças”*, rematando com a afirmação seguinte: *“Toda a história do Cristianismo nascente tornou-se assim uma deliciosa pastoral. Um Messias em repasto de bodas, a cortesã e o bom Zaqueu chamados a seus festins, os fundadores do reino do céu, como um cortejo de paraninfos, eis o que a Galiléia ousou e fez aceitar”*.

O próprio Allan Kardec, na “Revista Espírita”, edição de junho de 1864, criticando a obra de Ernest Renan, sustenta: *“Tudo se materializa no pensamento do Sr. Renan; em todas as palavras de Jesus não vê além do terra-a-terra, porque ele próprio nada vê além da vida material”*, acrescentando o Codificador: *“Eis o que o Sr. Renan intitula Origens do Cristianismo. Quem jamais teria acreditado que um bando de gozadores, uma multidão de mulheres, de cortesãs e de crianças, tendo à frente um idealista que não tinha a menor noção da alma, pudessem, auxiliados por uma utopia, a quimera de um reino celeste, mudar a face do mundo religioso, social e político?”*

Uma outra obra, desta vez de origem mediúnica, denominada “A Vida de Jesus ditada por Ele mesmo”, também é bem aceita em alguns setores espíritas, notadamente nos países de fala castelhana.

Nela a personalidade do Cristo é apresentada de forma completamente distorcida: um homem eivado de fraquezas e propensões humanas, inclusive alimentando ciúmes contra seus próprios irmãos, negando a maior parte dos fatos evangélicos e até refutando que tenha sido o autor da “Oração Dominical”. Essa obra, de aberração em aberração, chega a afirmar que Jesus amava sua mãe e Maria Madalena mais do que tudo neste mundo.

A personalidade de Jesus Cristo, que deveria permanecer inatacável e inconfundível, tem sido objeto de controvérsias. Qualquer um se anima a traçar-lhe o perfil segundo a sua vontade, principalmente nos tempos atuais, quando a confusão anda solta em todos os setores de atividade humana.

Os homens se preocupam mais em descrever o Mestre, atribuir-lhe tendências que ele não possuía, deixando para segundo plano os seus ensinamentos e as suas palavras de vida eterna.

No Sermão da Montanha, Jesus fez a apologia da brandura, do pacifismo e da mansuetude, ao proclamar que bem-aventurados seriam os que fossem dotados dessas qualidades.

Em outras partes do Evangelho, destacou a necessidade imperiosa de se conquistar tudo através de persuasão:

“Ao que te obrigar a caminhar com passos, caminha com ele mais cem;

“Ao que quiser tirar-te a túnica, dá-lhe também a capa;

“Ao que te bater na face direita, oferece-lhe também a esquerda”.

Na realidade, Jesus Cristo era austero e severo, pronto para proferir palavras fortes e incisivas quando se dirigia a hipócritas e a pessoas que colocavam seus interesses acima das coisas de Deus, como foi o caso específico dos mercadores do templo, dos escribas e fariseus, dos pretensos sacerdotes; entretanto, ele era brando e suave no trato com os humildes, os pequeninos e os desprotegidos da sorte.

Tendo o Mestre sido um missionário na verdadeira acepção do vocábulo, apregoava a paciência, o amor, a resignação, chegando a recomendar que perdoássemos os nossos inimigos; não vemos razão por que não possamos atribuir-lhe o adjetivo de Meigo Nazareno.

Vejam os que Léon Denis escreveu sobre o Messias: “Jesus é um desses divinos missionários e é de todos o maior. Destituído da falsa auréola da divindade, mais imponente nos parece ele. Seus sofrimentos, seus desfalecimentos, sua resignação, deixam-nos quase insensíveis, se oriundos de um Deus, mas tocam-nos, comovem-nos profundamente em um irmão. Jesus é, de todos os filhos dos homens, o mais digno de admiração. É extraordinário no Sermão da Montanha, em meio à turba dos humildes. É maior ainda no Calvário, quando a sombra da cruz se estende sobre o mundo, na tarde do suplício”.

AINDA NÃO TENDES FÉ?

“E levantou-se grande temporal de vento, e subiam as ondas por cima do barco, de maneira que já se enchia. E ele estava na popa dormindo sobre uma almofada, e despertaram-no, dizendo: Mestre, não se te dá que pereçamos? E ele, despertando, repreendeu o vento, e disse ao mar: aquieta-te. E o vento se aquietou e houve grande bonança. E disse-lhes: Por que sois tímidos? Ainda não tendes fé?”

(Marcos. 4:37-40)

Haveria necessidade de o Mestre fazer interromper o processo de um fenômeno da Natureza, a fim de demonstrar a sua autoridade ou revelar o poder de que se achava investido.

Jesus sempre foi partidário da fé espontânea e durante todo o seu Messiado nunca se preocupou com a produção de fatos retumbantes. Quando os seus discípulos pediram-lhe que fizesse descer fogo sobre uma aldeia da Samaria, que não os havia recebido, admoestou: “Não sabeis o espírito da vossa vocação”.

Quando alguns gregos e judeus proeminentes pediram-lhe que produzisse um fato sobrenatural, para que vissem e acreditassem, negou-se a dar qualquer espécie de sinal.

Pelo contrário, a sua alegria foi das mais intensas quando um centurião acreditou que bastavam algumas palavras suas, à distância, para que seu servo ficasse curado, e quando uma mulher curou-se apenas pelo leve toque em sua túnica, segundo a sua crença.

O significado da passagem evangélica narrada por Marcos é de nos ensinar que, qualquer que seja a tempestade que assolar nosso coração, bastará um apelo ao Cristo para que ela se amenize.

Por mais impetuosa que seja a tempestade que ruge dentro da nossa alma, encontraremos na vivência dos ensinamentos evangélicos o meio de fazer com que ela se aquiete.

Quem estiver prestes a sucumbir no mar encapelado da vida, ou sentir suas forças periclitar devido ao vendaval da adversidade, bastará clamar ao Mestre, e o socorro virá prontamente.

Nas pautas dos Evangelhos deparamos com promessas vivas como as que se seguem:

— *Vinde a mim vós que estais sobrecarregados e eu vos aliviarei.*

— *Buscai antes o reino dos Céus e sua justiça, e tudo vos será dado por acréscimo.*

— *Bem-aventurado aquele que sofre porque será consolado.*

Somos devedores relapsos da Justiça Divina e reiteradamente fazemos uso do nosso livre arbítrio, escolhendo determinado gênero de vida. Muito freqüentemente tornamo-nos veículos transmissores em lamentável processo de falência, e, por isso, solicitamos a Deus nos propicie meios que nos impulsionem na trajetória evolutiva, objetivo comum de todas as almas.

Se solicitamos esses favores e Deus, devido aos imperativos das nossas provações e expiações terrenas previamente escolhidas, não no-os concede, é óbvio que uma vez açoitados pela tempestade da adversidade devemos nos lembrar da palavra do Mestre: *“Por que sois tão tímidos? Ainda não tendes fé?”*

Se estivermos munidos da fé racional que não consiste meramente em acreditar, mas em discernir, em ter bom ânimo e disposição firme para enfrentar a luta, estaremos em condições de receber de Jesus a ajuda e orientação necessária para que a tempestade que nos assola seja amainada.

Devemos fazer com que o Mestre esteja sempre atuante, imponente, vivo dentro dos nossos corações. Assim como os apóstolos acordaram-no num momento cruciante, devemos tê-lo presente todas as vezes que carecemos de sustentação.

“Pedi, e dar-se-vos-á., buscai e encontrareis; batei, e abrir-se-vos-á. Porque aquele que pede, recebe., e o que busca, encontra, e, ao que bate, se abre” (Mateus, 7-8). Ensinando-nos desse modo, o Mestre nos faz compreender que a Justiça Divina não é surda aos que pedem, que buscam, que batem pedindo amparo, desde que o que assim faz, seja digno de receber essas dádivas.

Nicodemos sentiu dentro de si a dúvida em tomo do renascimento do Espírito em novo corpo, e foi, altas horas da noite, solicitar a Jesus que, através do esclarecimento, amainasse aquela tempestade que ameaçava tão seriamente a sua fé.

O publicano Zaqueu, cujo coração vivia atormentado pelo sopro do remorso oriundo de usurpações cometidas, também procurou o Cristo, durante uma visita que

ele fez à sua cidade, tendo o ensejo de recebê-lo em sua casa, onde, numa explosão de júbilo, prontificou-se a repartir metade dos seus bens com os pobres, amainando assim aquela tempestade que ameaçava retardar o processo evolutivo de sua alma. Maria Madalena, assolada pela tempestade das paixões terrenas, demandou o concurso do Mestre, que serenou seu coração e soergueu seu Espírito, predispondo-a para a reforma íntima.

Paulo de Tarso, envolvido pela tempestade do ódio e do fanatismo, recebeu na Estrada de Damasco o convite generoso de Jesus, transmutando-se de perseguidor implacável em defensor incondicional da Boa Nova.

Simão Pedro, atormentado pela tempestade da dúvida, defrontou-se com o episódio da negação (João, 18:25), chorando amargamente e transformando-se num dos mais lídimos paladinos do Evangelho.

BEM-AVENTURADOS OS AFLITOS

“Bem-aventurados os que choram, pois que serão consolados. Bem-aventurados os famintos e os sequiosos de justiça, pois que serão saciados. Bem-aventurados os que sofrem perseguição pela justiça, pois que deles é o reino dos céus.”

(Mateus, 5:5-10)

O Sermão da Montanha é inegavelmente um dos mais grandiosos ensinamentos do Mestre, podendo-se mesmo dizer que é a *Alma do Evangelho*. Um notável pensador chegou a dizer que “ainda que fosse possível se destruir tudo aquilo que Jesus Cristo ensinou, e deixassem o Sermão da Montanha, a Humanidade continuaria a ter um repositório dos ensinamentos mais edificantes”.

As promessas vivas contidas no Sermão da Montanha representam a mais formal corroboração feita por Jesus Cristo sobre a vida futura, na qual podem efetivar-se as compensações prometidas aos aflitos da Terra. Sem se crer na vida futura, as máximas enunciadas pelo Mestre não teriam a sua razão de ser. Deste modo, o Sermão da Montanha desfere profundo golpe no materialismo avassalador, pois, capacitando-se de que a vida não se extingue com a desencarnação, e que a alma imortal subsiste ao túmulo, o homem passa a encarar o porvir com maior segurança, sabendo o terreno onde palmilha e animando-se de uma fé robusta e consciente, compreendendo então que as vicissitudes da vida derivam de uma causa e que, sendo Deus soberanamente justo, justa há de ser essa causa.

A cada trecho do Sermão da Montanha, sentimos as nossas almas extasiarem-se, adquirindo o potencial necessário para vencer as tribulações, ainda que elas sejam das mais agudas. Adquirimos uma fé sadia e inabalável, portentosa alavanca que nos ajudará a vencer todos os óbices que se nos antepuserem.

Ao proferir a exortação do Sermão da Montanha, Jesus nos tranqüilizou no tocante à nossa destinação espiritual, uma vez que nas entrelinhas das suas palavras

se nota claramente que, após um estágio de aflição, surge um de consolação; após uma tempestade, surge a bonança; após uma noite de trevas, o sol passará a brilhar.

O objetivo primário do Mestre, ao pronunciar o Sermão da Montanha, foi de abrandar os nossos receios no tocante à problemática do nosso futuro espiritual, uma vez que somos almas em contínuo processo evolutivo. Dias melhores nos aguardam no porvir, se soubermos suportar todas as tribulações com estoicismo e espírito de resignação. Assim agindo, estaremos propiciando ao nosso Espírito as armas necessárias para vencer qualquer situação angustiante que se nos depare.

A promessa de um porvir mais feliz e a antevisão de um futuro espiritual grandioso, num mundo onde se passará a gozar de maior felicidade, representa perene barreira contra a intemperança e o desespero, que muito freqüentemente leva a criatura humana à nefasta solução do suicídio.

Por outro lado, as promessas de consolação, emanadas da boca de Jesus Cristo, são um libelo eloqüente contra determinadas teorias prevalecentes na Terra, dentre elas a das penas eternas, da condenação irremissível e coisas que tais.

Allan Kardec, ao esclarecer as causas atuais das aflições humanas, ponderou: “De duas espécies são as vicissitudes da vida, ou, se o preferirem, promanam de duas fontes bem diferentes, que importa distinguir: umas têm sua causa na vida presente; outras fora desta vida. Quantos se arruinam por falta de ordem, de perseverança, pelo mau proceder, ou por não terem sabido limitar seus desejos! Quantas uniões desgraçadas, porque resultaram de um cálculo de interesse ou de vaidade e nas quais o coração não tomou parte alguma! Quantas dissensões e funestas disputas se teriam evitado com um pouco de moderação e menos suscetibilidade! Quantas doenças e enfermidades decorrem da intemperança e dos excessos de todo gênero! Interroguem friamente suas consciências todos os que são feridos no coração pelas vicissitudes e as decepções da vida; remontem passo a passo à origem dos males que os torturam e verifiquem se, as mais das vezes, não poderão dizer: “Se eu houvesse feito, ou deixado de fazer tal coisa, não estaria em semelhante condição”.

O Espírito de Delphine de Girardin, por sua vez, em comunicação dada a Kardec, afirma: “Toda gente fala da desgraça, toda gente já a sentiu e julga conhecê-la o caráter múltiplo. Venho eu dizer-vos que quase toda gente se engana e que a desgraça real não é, absolutamente, o que os homens, isto é, os que se julgam desgraçados o supõem. Eles a vêem na miséria, no fogão sem lume, no credor que ameaça, no berço que o anjo sorridente desertou, nas lágrimas, no féretro que se acompanha de cabeça descoberta e com o coração despedaçado, na angústia da traição, na desnudação do orgulho que desejava envolver-se em púrpura e mal oculta a sua nudez sob os andrajos da vaidade. A tudo isso e a muitas outras coisas mais se dá o nome de desgraça, na linguagem humana. Sim, é desgraça para os que só vêem o presente. Vou relatar-vos a infelicidade sob uma nova forma, sob a forma bela e florida, que acolheis e desejais com todas as veras de vossas almas iludidas. A infelicidade é o prazer, é o tumulto, é a vã agitação, é a satisfação louca da vaidade, que fazem calar a consciência, que comprimem a ação do pensamento, que atordoam o homem com relação ao seu futuro”.

Jesus Cristo é o nosso incomparável mentor, luz que brilha de modo perene nas trevas da nossa incompreensão, e, como tal, devemos nele depositar as nossas mais

caras esperanças, porque ele sabe, antes de lhe pedirmos, quais as nossas necessidades reais e qual o melhor e mais eficiente caminho para o desempenho da trajetória que nos foi delineada para ser vivida na Terra. Devemos nos conscientizar de que a nossa alma imortal subsiste ao túmulo e que as agruras de uma vida corpórea não passam de uma diminuta etapa no aprendizado edificante e moralizador, representando tão-somente uma forma de burilamento das nossas almas.

O Sermão da Montanha é, pois, um misto de singeleza e grandiosidade, representando um hino de glorificação ao amor incomensurável de Deus para com suas criaturas.

A CABEÇA DO PROFETA

“E trouxeram-lhe, numa bandeja,
a cabeça de João Batista.”
(Mateus, 14:11)

Herodias, pretendendo vingar-se de João Batista, pelo fato de ele ter, de público, verberado o seu procedimento imoral, instigou sua filha Salomé a solicitar a sua cabeça numa bandeja. O rei Herodes, não querendo voltar atrás em sua promessa, ordenou que assim fosse feito.

Esta passagem evangélica nos propicia uma eloqüente prova de reencarnação, de ajuste com a justiça divina, e tudo leva a crer que nessa ocorrência também houve a consumação de um juramento de vingança.

A reencarnação do Espírito de Elias, na pessoa de João Batista, foi sobejamente confirmada pelo próprio Jesus Cristo (Mateus, 11:13-14 e 17:11-13): “E se quereis dar crédito, este é o Elias que havia de vir. E então os discípulos entenderam que falava de João Batista”.

A narração contida no I livro dos Reis (I Reis, capítulos 18 e 19), afirma que Elias, após fazer uma demonstração patética e convincente de que o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó era o Deus verdadeiro, ordenou a decapitação de 450 sacerdotes de Baal. O rei Acab, de Israel, comunicou o fato à rainha Jezabel, sua esposa, filha do rei dos sidônios, a qual não era israelita e adorava também o deus Baal.

Jezabel, face àquele fato consumado, jurou solenemente: “Assim me matem também os deuses, e façam comigo coisas piores, se até amanhã, a estas horas, não liquidar a vida de Elias, do mesmo modo como ele fez com os profetas”.

Elias fugiu para Betseba, onde não foi encontrado pelos emissários da rainha. Com o desenrolar dos tempos, ambos desencarnaram, sem que o juramento de vingança fosse cumprido.

Quando nascido na pessoa de João Batista, embora Jesus tivesse afirmado que “ele era mais do que profeta” e que “era o maior dentre os nascidos de mulher”, ele não pôde subtrair-se às conseqüências da lei de causa e efeito, tendo que quitar-se com a Justiça Divina.

Inspirada por Herodias, Salomé pediu sua cabeça numa bandeja. Isso ocorreu nove séculos após Elias ter ordenado a decapitação dos sacerdotes de Baal. É bem provável que Herodias também tenha sido a reencarnação de Jezabel, pois são

pródigos os ensinamentos dos Espíritos em tomo de sentimentos de vingança que perduram séculos e acompanham os Espíritos no decurso de muitas reencarnações. Provável que, não tendo ela se vingado de Elias, vinte e quatro horas após, conforme pretendia, o tenha feito 900 anos após, na pessoa de João Batista, que era o Elias reencarnado.

Muitos poderão achar que este período de tempo é demasiado longo. No entanto os benfeitores espirituais nos revelam, principalmente através dos livros recebidos pela psicografia de Chico Xavier, que muitos Espíritos, animados de sentimentos inferiores, permanecem séculos e séculos na erraticidade ou em planos menos evoluídos. Nove séculos não são exagerados no ciclo evolutivo de um Espírito, e isso não significa que o Espírito de Jezabel não tenha tido outras reencarnações intermediárias, nas quais não conseguiu apagar do seu coração os sentimentos de desforra.

Ninguém tem o direito de tirar a vida do seu semelhante. O profeta Elias poderia ter demonstrado a excelência do seu Deus, sem contudo ordenar a matança dos sacerdotes politeístas de Baal.

O fato de ter João Batista sido o precursor de Jesus Cristo, desempenhando, portanto, importante papel no seu Messiado, seria o suficiente para ter anulado aquele delito; no entanto, vemos que o seu Espírito teve necessidade de se ajustar com a Lei Divina, por isso sua cabeça rolou, a pedido de Herodias. É a aplicação pura e simples da lei de Causa e Efeito. É o *“quem com ferro fere, com ferro será ferido”*, do ensinamento evangélico.

UM VERDADEIRO ISRAELITA

“Filipe achou Natanael, e disse-lhe: Havemos achado aquele de quem Moisés escreveu na lei e os profetas: Jesus de Nazaré, filho de José. Disse-lhe Natanael: Pode vir alguma coisa boa de Nazaré? Disse-lhe Filipe: Vem e vê. Jesus viu Natanael vir ter com ele e disse dele: Eis aqui um verdadeiro israelita, em quem não há dolo.”

(João, 1:45-49)

Num dos versículos acima Jesus fez franco elogio a um homem: “Eis um verdadeiro israelita em quem não há mácula”.

Nos Evangelhos existem raras ocorrências dessa natureza e podem ser contadas. A apologia da personalidade de Natanael foi uma das poucas.

Não iremos, entretanto, nos aprofundar no mérito desse elogio, passando a discorrer sobre outros ensinamentos ensejados pelo trecho evangélico acima.

Afirma Mateus, em seu Evangelho, que Herodes indagou, dos príncipes dos sacerdotes e dos escribas do povo, onde haveria de nascer o Cristo. E eles disseram: Em Belém da Judéia, porque assim está escrito pelo profeta: “E tu, Belém, terra de Judá, de modo algum és a menor entre as capitais de Judá; porque de ti sairá o guia que há de apascentar o meu povo de Israel” (Mateus, 2:4-6).

Mais adiante sustenta o mesmo apóstolo: “Ouvindo José que Arquelau reinava na Judéia em lugar de Herodes, receou ir para lá, mas, avisado por meio de revelação espiritual, foi para a Galiléia, decidindo-se a habitar numa cidade chamada Nazaré, para que se cumprisse o que fora predito pelos profetas: “Ele será chamado Nazareno” (Mateus, 2:22-23).

A Galiléia era província bastante atrasada e Nazaré uma de suas principais cidades. Pelo fato de ser a região infestada de salteadores, sua reputação não era das melhores, sendo esse o motivo que levou Natanael a se surpreender com a afirmação de Filipe, de que o Cristo procedia de Nazaré, ou que Nazaré pudesse produzir alguma coisa boa.

João afirma nos versículos 41, 42 e 52, do capítulo 7, do seu Evangelho, que havia controvérsia entre os judeus em torno da procedência do Cristo: “Vem, pois o Cristo da Galiléia? Não diz a escritura que o Cristo vem da descendência de Davi, e de Belém, da aldeia donde era Davi? Examina, e verás que da Galiléia nenhum profeta surgiu”.

Essa idéia havia contaminado Natanael, e foi o que o levou a exclamar: “Pode vir alguma coisa boa de Nazaré?”

Era questão pacífica entre os judeus que o Messias seria um profeta maior que Moisés e viria da linhagem de Davi. Um grande rei era então esperado. Um guerreiro indômito era ansiosamente aguardado para, com sua espada, submeter todos os povos circunvizinhos e subtrair Israel do jugo romano. O Messias deveria ter o gênio expansionista de Moisés e viver como Davi, no fastígio da glória humana, impondo uma autoridade ímpar e abatendo com sua funda quantos Golias aparecessem.

O esperado Messias surgiu, entretanto, de modo a contrariar todas as expectativas alimentadas pelos orgulhosos escribas e fariseus.

— Nasceu numa cidade sem expressão e viveu numa província de reputação pouco invejável;

— Era filho de humilde carpinteiro;

— Seus companheiros de tarefa foram obscuros pescadores convocados às margens do Mar da Galiléia;

— Procurava, de preferência, os pequeninos e os humildes;

— Frequentava a casa de publicanos e visitava outros pecadores;

— Apregoava a paz e a tolerância em vez da guerra e do ódio;

— Prometia a bem-aventurança aos pacificadores e aos mansos;

— Não cogitava ser o rei de Israel, na acepção humana;

— Apresentava um Pai de misericórdia, de justiça e de amor, em contraposição ao parcialíssimo Jeová, senhor dos exércitos;

— Não se preocupava muito com a conversão dos grandes e potentados, mas caminhava léguas e léguas em demanda de um pecador que estivesse predisposto a aceitar a sua mensagem;

— Não se submetia às tradições inócuas e combatia os dogmas e os ritos exteriores;

— Apologava os simples e limpos de coração e verberava a atuação dos escribas e fariseus hipócritas.

Tal situação jamais poderia vir de encontro aos anseios nacionalistas e religiosos dos hebreus, e nem poderia encher as medidas daqueles que anulavam os preceitos da Lei de Deus por causa de suas tradições.

Como decorrência, o ódio transbordou e a crucificação do tão esperado Messias foi exigida em altos brados.

O Ungido de Deus pagou com a vida a “ousadia” de trazer ao mundo uma mensagem de luz e de amor.

A PROFECIA DE JOEL

“Mas isto é o que foi dito pelo profeta Joel. E nos últimos dias acontecerá, diz Deus, que do meu Espírito derramarei sobre toda a carne; e os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, os vossos mancebos terão visões, e os vossos velhos sonharão sonhos,”

(Atos, 2:16-17)

O livro dos “Atos dos Apóstolos” narra que, cumprindo-se o dia de Pentecostes, os apóstolos de Jesus, ainda sob o impacto doloroso do drama do Calvário, reuniram-se, em determinado lugar, na cidade de Jerusalém.

A dado instante ocorreram estrondosos fenômenos de natureza mediúnica: um vento impetuoso encheu toda a casa onde eles estavam assentados e logo a seguir surgiram chamas de fogo, que, tomando a forma de línguas repartidas, pousaram sobre as cabeças dos apóstolos, fazendo com que passassem a falar línguas diferentes um autêntico fenômeno de mediunidade poliglota.

A cidade estava repleta de forasteiros vindos de várias regiões do mundo conhecido e os apóstolos, dirigindo-se a cada um deles, falavam em seus próprios idiomas. Romanos, egípcios, persas, cretenses, árabes e partos não tiveram mais necessidade de intérpretes, pois cada um deles ouvia os ensinamentos evangélicos em suas línguas de origem, o que os deixou maravilhados.

Alguns judeus ortodoxos, entretanto, não conseguindo explicar a origem dos fenômenos, sem atribuí-los a poderes supranormais, acharam uma explicação mais cômoda; passaram a proclamar que os discípulos do Nazareno estavam embriagados.

Insurgindo-se contra essa zombaria, Pedro adiantou-se e exclamou: “*Estes homens não estão embriagados como vós pensais, sendo ainda as primeiras horas do dia*”, acrescentando que naquele momento era propiciada a todos uma pequena demonstração do vaticínio do profeta Joel, contida no Livro de Joel (2:28-32). Pequena porque deveria ocorrer em maior intensidade nos tempos preditos, quando a Humanidade estivesse mais adequada para suportar a eclosão dos fenômenos mediúnicos na proporção com que são produzidos nos tempos atuais, principalmente após a revelação espírita.

Qualquer estudioso da história religiosa dos povos perceberá que o fenômeno ocorrido no dia de Pentecostes, há quase vinte séculos, era confinado apenas aos apóstolos de Jesus Cristo. Embora as revelações espirituais sejam permanentes, ou melhor, sem solução de continuidade, elas aplicam-se de acordo com as circunstâncias, em maior ou menor intensidade.

Há vinte séculos, somente os apóstolos do Mestre estavam aptos a receber manifestações espirituais daquele gênero. Aquilo que o vulgo passou a denominar “Dom do Espírito Santo”, nada mais era que o desabrochamento intensivo das mediunidades dos apóstolos. Desenvolvidas essas faculdades, após o episódio do dia de Pentecostes, passaram eles a proferir discursos e a difundir os Evangelhos sem quaisquer limitações.

Na Idade Média, embora houvesse muitos médiuns, era “heresia” uma pessoa prestar-se a essa espécie de manifestação espiritual e a fogueira aguardava, invariavelmente, aqueles que fossem portadores desses dons. Na atualidade o número de pessoas capacitadas a servirem de instrumentos para fenômenos dessa natureza é bastante avultado.

Uma coisa deve ser esclarecida, Muitas religiões sustentam que o acontecimento do dia de Pentecostes representou o cumprimento da promessa do Cristo sobre o advento do Consolador, do Espírito de Verdade, conforme está exarado em João, 14:16-17,

Essa teoria é inconsistente. Se naqueles dias o Senhor havia afirmado que o mundo não estava preparado para receber o Consolador, como poderia o mesmo estar adequado poucos dias após a crucificação daquele que fizera a promessa? O Espírito de Verdade viria em época própria, a fim de restabelecer todos os ensinamentos evangélicos. “Eu o enviarei quando estiverdes preparados, pois por agora, não podereis suportar”. Se, devido à incompreensão dos homens, o Mestre teve que ensinar muitas coisas por parábolas, como explicar que, decorridos apenas alguns dias, esses mesmos homens estivessem em condições de assimilar ensinamentos mais profundos, ou de compreenderem os ensinamentos evangélicos em toda a sua plenitude?

Cumpra aqui esclarecer que, naquela época, apenas os apóstolos estavam em condições de receber ensinamentos de mais profundidade, consoante o que afirmou o Messias, em João, 14:17: “o mundo não o pode receber (o Consolador), porque não o vê nem o conhece; quanto a vós, conhecê-lo-eis, porque ficará convosco, e estará em vós”. De fato, os Espíritos do Senhor passaram a atuar sobre os apóstolos nas tarefas de difusão dos Evangelhos.

Decorridos vinte séculos, a Humanidade está agora apta a receber esses ensinamentos; eis por que o Espiritismo representa o advento do Consolador prometido, do Paracleto. Está, pois, em franco desenvolvimento a profecia de Joel: “O Espírito está sendo derramado sobre toda a carne”.

A CRENÇA

“Não se turbe o vosso coração;
crede em Deus, crede também em mim.”

A questão da crença é bastante relativa, por isso Jesus Cristo recomendou aos seus apóstolos que evitassem penetrar nas cidades dos gentios, porque estes não estavam adequadamente preparados para crer numa nova mensagem. Os seus apóstolos deveriam antes visitar as cidades dos judeus, procurando ali as “ovelhas desgarradas da casa de Israel”, porque estas estavam mais bem aparelhadas para assimilar a Boa Nova. A tarefa da conversão dos gentios ficaria para uma segunda etapa, a cargo de Paulo de Tarso, Barnabé e outros missionários.

O Mestre não fazia questão nenhuma de convencer pessoas que não estavam suficientemente preparadas para receber os seus ensinamentos. Certa vez, procurado por algumas pessoas de renome, dentre elas alguns romanos e gregos, estas pediram-lhe “um sinal do céu para que vissem e acreditassem”. A resposta do Senhor foi uma incisiva negativa: “nenhum sinal será dado a esta geração adúltera e infiel”. Se, por um lado, Jesus não procurava e nem mandava procurar as pessoas que não estivessem amadurecidas para assimilar a sua mensagem, por outro lado já sequeioso em busca de criaturas aptas para a vivência dos seus ensinamentos. Vários exemplos dessa natureza foram registrados nos Evangelhos.

O Espírito de Jesus, verberando a descrença do apóstolo Tomé, disse-lhe: “Porque me viste, Tomé, creste; bem-aventurados os que não viram e creram”. É óbvio que, empregando essa linguagem para com um dos seus discípulos, o Senhor não teve a intenção de recomendar que se devesse aceitar tudo cegamente, o que seria a consagração da fé cega. A fé verdadeira e inabalável, conforme preceituou Kardec, é aquela que pode enfrentar a razão face a face em todas as etapas da Humanidade.

O apóstolo Tomé conviveu com o Mestre, presenciou todos os seus ensinamentos, assistiu a fenômenos supranormais operados por seu intermédio e, sobretudo, ouviu os seus vaticínios sobre o cumprimento da sua missão, inclusive o quadro apoteótico que foi a demonstração do “túmulo vazio” com o seu conseqüente reaparecimento, em Espírito, alguns dias após a crucificação. No entanto, tendo o Espírito de Jesus aparecido aos demais apóstolos num momento quando Tomé não estava entre eles, quando este voltou, informado pelos dez apóstolos sobre o fato, não acreditou, afirmando: “se não vir o sinal dos cravos em suas mãos e não puser o dedo no lugar dos cravos, e a mão no seu lado, de maneira nenhuma o creerei”.

Crer apenas não é o bastante, é preciso, sobretudo, viver os ensinamentos evangélicos. Na Terra deparamos com exemplos vivos de homens que acreditaram em Deus e, no entanto, foram verdadeiros verdugos, que jamais praticaram as recomendações de Jesus, insurgindo-se mesmo contra elas de modo violento.

No passado acreditava-se poder converter os homens pela força e, como decorrência, surgiram as grandes perseguições e guerras religiosas da Idade Média, responsáveis pelo massacre de milhões de pessoas e pela destruição de centenas de cidades. Hoje a Humanidade compreende que a violência, em vez de conduzir a criatura para determinada crença, gera o ódio e a rebeldia, produzindo resultados completamente diferentes.

Jesus sempre usou de persuasão e brandura. Certa vez, quando ele e seus discípulos não foram recebidos numa aldeia de samaritanos, instado para que fizesse

descer fogo do céu para consumir os seus habitantes, replicou: “não sabeis de que espírito sois. Porque o Filho do homem não veio para destruir as almas dos homens, mas para salvá-las”, recomendando em seguida que procurassem outra aldeia, onde pudessem hospedar-se.

Exemplos como estes raras vezes foram seguidos pelos homens. Os seus pósteros destruíram populações inteiras apenas porque elas relutaram em aceitar as idéias cristãs.

Os Evangelhos são pródigos na descrição de casos de: criaturas que se converteram mediante um simples sinal:

— Natanael se converteu apenas porque Jesus afirmou que um dia antes o vira debaixo de uma figueira;

— Zaqueu converteu-se porque Jesus, sem o conhecer, chamou-o pelo nome;

— Maria Madalena passou a seguir o Mestre após ouvir suas palavras de paz e persuasão, convertendo-se e tornando-se a mais dedicada das suas assessoras;

— O centurião romano acreditou em Jesus porque tinha a certeza plena de que a sua autoridade inquestionável era suficiente para curar o seu servo, que estava doente numa outra cidade.

Quando os apóstolos não conseguiram curar um jovem lunático, dirigiram-se a Jesus e lhe perguntaram: “Por que não pudemos nós expulsar aquele mau Espírito?” O Senhor lhes respondeu: “por causa da vossa incredulidade”. Aditando ainda que, se eles tivessem plena convicção, diriam a um monte: passa-te daqui para acolá, e ele passaria.

ATAI-O DE PÉS MÃOS

“Atai-o de pés e mãos e lançai-o nas trevas exteriores; aí haverá choro e ranger de dentes. Porque são muitos os chamados e poucos os escolhidos.”

(Mateus. 22:13-14)

A Parábola do Festim das Bodas é bastante explícita. Ela esclarece que as primeiras pessoas convidadas para a festividade recusaram-se a comparecer, alegando uma série de razões. Posteriormente o convite tornou-se extensivo a todas as coletividades; entretanto, no final da Parábola, deparamos com a afirmação de Jesus de que um homem foi encontrado, no festim, sem as vestes nupciais, o qual, por ordem do Senhor, foi “atado de pés e mãos” e atirado “onde há choros e ranger de dentes”.

Embora ao enunciar o ensinamento sobre o “atai-o de pés e mãos” o Mestre o tenha feito sob a forma de Parábola, a violência de expressão contida no texto atenta frontalmente contra a mansuetude e a brandura invariavelmente empregadas por Jesus Cristo na revelação da sua Doutrina.

A linguagem usada é uma consequência do espírito violento do judeu da época, ainda vinculado às formas fortes empregadas por Moisés vinte séculos antes. Muitos judeus, contemporâneos do Mestre Nazareno, ainda não compreendiam outra

maneira de comunicação senão a violência. O direito da força prevalecia sobre a força do direito.

No decorrer dos séculos os Evangelhos de Jesus sofreram várias traduções e é indubitável que também tenham sofrido inúmeras deformações, dado que ainda há bem pouco tempo prevaleciam no campo religioso os interesses de grupos e de pessoas, e a violência era o apanágio até das religiões do ramo cristão, as quais alimentavam o odioso sistema de imposição da crença pela força, e prevalência da lei do “crê ou morre”.

A consagração da violência era assim considerada normal entre os nossos antepassados e o fato do contexto evangélico encerrar narrações desse teor era encarado sem qualquer relutância.

Na atualidade a leitura de uma passagem evangélica dessa natureza conflita com a linguagem empregada nas mensagens que os nossos benfeitores espirituais nos trazem, embora se deduza das entrelinhas da parábola que ela faz alusão aos obstinados e recalcitrantes que deverão abandonar a Terra, um dia, quando ela se converter num mundo feliz que não mais comporte Espíritos que geram desequilíbrios e que são fatores da infelicidade do gênero humano.

Após se esgotarem todos os recursos de persuasão, após terem os chamados Espíritos maus malbaratado todas as oportunidades de redenção concedidas por Deus, eles serão afastados deste mundo, “com os pés e mãos atados”, isto é, sem possibilidade de continuarem a agir como vinham fazendo, renascendo num planeta de elevação mais rudimentar, onde ainda impera o “choro e o ranger de dentes”, onde merecerão, por excesso de misericórdia de Deus, a graça de continuarem a palmilhar, através da lei da reencarnação, a senda do progresso, embora em condições iniciais aflitivas, para, no convívio com outras humanidades, aprenderem o “amar ao próximo como a si mesmos”, caminhando para Deus, sem outro prejuízo senão aquele de não terem tirado o devido proveito dos benefícios das reencarnações que desfrutaram.

A Justiça Divina é extremamente tolerante e propicia ao Espírito em evolução todas as oportunidades possíveis de soerguimento. Como todas as coisas têm um limite, é óbvio que a obstinação de um Espírito na prática do mal também tenha uma limitação.

O Mestre afirmou que “os tempos eram chegados”, e acrescentou ainda “a hora vem e agora é”, em que os homens devem assumir um papel adequado no seio da Humanidade enquadrando-se nas leis eternas do Criador. Aqueles que persistirem no erro não terão outra alternativa diante de si, senão aquela de serem afastados da Terra e relegados para lugares de evolução primitiva, onde possam reiniciar a tarefa sob o império de sofrimentos depuradores mais agudos e o guante de novas tribulações.

“Atai-o de pés e mãos” é, pois, uma sentença que deve ser devidamente interpretada, pois, embora preferíssemos não atribuí-la a Jesus Cristo, ela está contida no texto evangélico e deve ser aceita com todas as suas conseqüências, aplicando-se àqueles que, nos tempos que se avizinham, ou melhor, no terceiro milênio, quando se espera a implantação do Reinado do Espírito na Terra, não se tenham reformado interiormente, ao ponto de merecerem permanência na Terra, que será então um planeta feliz.

SÓ DEUS É BOM

“Ninguém há bom, senão um, que é Deus.”

(Lucas, 18:19)

Acercando-se de Jesus, um moço indagou: “Bom Mestre, que bem farei para conseguir a vida eterna?” O Senhor, entretanto, não acolheu bem o tratamento e retrucou: “Por que me chamas de bom? Não há bom senão um só, que é Deus”.

Certa vez o Mestre, passando por um lugar onde estavam dois irmãos brigando por causa de uma herança, um dos moços formulou veemente apelo: “Senhor, faça com que o meu irmão reparta comigo aquilo que ele herdou”. Face a esta solicitação o Cristo redarguiu: “Quem me constituiu juiz ou partidador entre vós?”

Depara-se dessas duas passagens evangélicas que Jesus Cristo não aceitou o adjetivo “bom” nem concordou em exercer o papel de juiz. Situando-se numa posição de subalternidade a Deus, negando desta maneira a teoria esposada por algumas religiões que atribuem ao Pai um aspecto trino, o Mestre afirmou que somente Deus é bom.

Ainda mais, certa vez o Senhor tomou de uma bacia e uma toalha e passou a lavar os pés de todos os seus apóstolos, fazendo-o num supremo gesto de humildade. Em seguida aditou: “Vós me chamais Mestre, e eu realmente o sou. Desta forma, se eu sendo Mestre vos lavo os pés, assim também deveis proceder com relação uns aos outros”.

O Centurião Cornélio, após enviar os seus emissários à casa de Pedro, em Jope, aguardou com verdadeira alegria a visita do apóstolo. Ao ser informado que ele caminhava em direção à sua casa, saiu ao seu encontro e, vendo-o, quis ajoelhar-se a seus pés e beijar as suas mãos. O velho apóstolo, no entanto, não o permitiu, dizendo: “Eu também sou homem”.

Em todas essas narrativas dos Evangelhos deparamos com exemplificações magistrais. O maior Espírito que já baixou à Terra e que possui as prerrogativas para aceitar os títulos mais relevantes, repeliu-os de modo veemente. Simão Pedro, por sua vez, não permitiu que Cornélio o adorasse, afirmando ser homem igual a ele, repelindo uma qualidade que o Centurião pretendia conferir-lhe e que ele, homem encarnado e sujeito às vicissitudes humanas, não julgava possuí-la.

Que enorme diferença existe entre as exemplificações contidas nessas passagens evangélicas e a ação de muitos homens que se rejubilam com os aplausos e elogios terrenos, muitos deles permitindo que seres tão pecadores como eles próprios se ajoelhem a seus pés e beijem as suas mãos.

Devemos aqui lembrar a famosa advertência de Jesus: “aqueles que receberem as homenagens e os aplausos dos homens, nada mais terão a receber nos planos espirituais ou na vida futura”, pois os últimos serão os primeiros e os primeiros serão os últimos.

A humildade tem sido o apanágio dos grandes enviados que têm descido à Terra, pois estes geralmente relutam em reconhecer que realmente são missionários.

Quando alguém se compraz no orgulho e na vaidade, pode ser tudo, menos um missionário destinado a disseminar as palavras de vida eterna.

João Batista Vianney, o célebre Cura de Ars, certa vez foi chamado “ignorante que foi ordenado por comiseração, por caridade, que não sabe três palavras de latim, nem uma migalha de teologia, que se atreve a confessar multidões, a tratar, freqüentemente, de casos complexos e perigosos”. Posteriormente recebeu uma carta do abade Borjon, onde se lia: “Senhor Cura: Quando se tem pouca teologia como é o seu caso, deveria haver relutância de sua parte em entrar num confessionário”.

Recebendo essa carta o virtuoso Cura de Ars prorrompe em choro e exclama: “É verdade! É verdade!”

E em resposta a essa crítica ponderou: “Meu querido e venerado irmão: Quanta razão tenho para amá-lo! Unicamente vós me haveis conhecido bem. Ajude-me a obter a graça que venho pedindo há tanto tempo, no sentido de que, sendo substituído neste cargo, para cujo exercício não me considero digno, devido à minha ignorância, possa retirar-me a um pequeno lugarejo, onde possa chorar sobre minha pobre vida”.

Enquanto os seus inimigos viam nos conhecimentos teológicos a razão toda do seu sacerdócio, o humilde pároco, que “não tinha onde reclinar a cabeça” e que tantos benefícios prestou às camadas mais humildes da população da sua aldeia, que com sua mediunidade contribuiu para iluminar tantas almas, norтеou o seu apostolado pela senda do desapego, da singeleza e da humildade. Enquanto um preferia falar ao cérebro, o outro achou mais lógico buscar iluminar os homens pela parte do coração.

(Mendoza, Argentina, Maio de 1976.)

VEIO PARA SERVIR

“O Filho do homem veio para servir e não para ser servido.”

(Mateus, 20:28)

A magistral sentença proferida por Jesus Cristo: “O Filho do homem veio para servir e não ser servido”, encerra um dos mais grandiosos ensinamentos dos Evangelhos.

O maior Espírito que desceu à Terra e que aqui poderia ter desempenhado as posições mais proeminentes no que tange às honrarias e poderes terrenos, e que poderia enfeixar em suas mãos o domínio de todos os impérios, foi quem proferiu esse ensinamento tão transcendental.

E a confirmação tácita dessa sentença de Jesus nos é propiciada pelos próprios Evangelhos.

Nascendo na humilde aldeia de Belém de Judá, não tendo por berço senão uma manjedoura, começou servindo à Humanidade, ensinando que não se deve dar apreço às tradições e que na humildade o homem se dignifica e se eleva espiritualmente.

Na disposição de servir, o Mestre conclamou para assessorá-lo, no desempenho do seu Messiado, humildes pescadores, homens de pouca erudição, porém animados dos mais firmes propósitos de contribuírem para a ascense espiritual do gênero humano.

Preferindo antes servir a ser servido, Jesus não ficou em Jerusalém aguardando os sofredores e desesperançados, mas preferiu ir buscá-los em suas próprias cidades. Maria Madalena, o Publicano Zaqueu e Maria de Betânia receberam desta forma a visita fraternal de Jesus, que lhes abriu as portas do coração para que iniciassem o laborioso processo de reforma íntima.

No propósito de suscitar um missionário para esclarecer os gentios, o Espírito do Mestre não esperou que Paulo de Tarso se arrependesse dos seus atos atribulados e buscasse a sua orientação. Foi buscá-lo na Estrada de Damasco através de convincente e retumbante manifestação espiritual.

Quando o Centurião de Cafarnaum lhe rogou que curasse o seu servo, o Senhor não lhe ordenou que o trouxessem até ele, mas prontificou-se a ir à sua cidade, só não o fazendo face à explosão de fé do solicitante, que acreditou bastar uma simples ordem do Mestre proferida à distância, para que o doente se restabelecesse.

Na disposição de servir, Jesus Cristo:

— Serviu de ponte entre o velho mundo do paganismo aberrante e o mundo novo do Deus uno e misericordioso;

— Serve de sustentáculo para os humildes de coração e para os sofredores de todos os matizes;

— Serve de luz para iluminar os horizontes do mundo e para clarear os caminhos dos desesperançados e marginalizados;

— Serve de baliza para nortear os rumos dos indecisos e daqueles que estacionam na senda evolutiva;

— Serve de promessa viva para os que enveredam pelo caminho do crime, acenando-lhes com as possibilidades de volta ao aprisco, e de redenção espiritual;

— Serve de juiz generoso para os que carecem de justiça;

— Serve de pastor amoroso para todas as ovelhas desgarradas e que desejam voltar ao rebanho;

— Sendo Caminho, Verdade e Vida, serve de diretriz para todos quantos se acham mergulhados na revolta, na intemperança e nos vícios.

No Evangelho de Lucas deparamos com o seguinte ensinamento: “Qual é o maior: quem está à mesa, ou quem serve? Porventura não é quem está à mesa? Eu, porém, entre vós sou como aquele que serve” (Lc, 22:27).

Que sublimidade ímpar encerram estas palavras de Jesus, que refletem de modo preciso a finalidade primária do seu advento entre nós, servir à Humanidade por todos os modos possíveis.

“E qualquer que entre vós quiser ser o primeiro, seja vosso servo.” Com este ensino Jesus ditou por terra o espírito de hegemonia que geralmente norteia os rumos dos homens orgulhosos e falazes, que na aparência são humildes como ovelhas, mas que interiormente são verdadeiros lobos devoradores, segundo o judicioso dizer dos Evangelhos.

HÁ DOZE HORAS NO DIA

“Não há doze horas no dia? Se alguém andar de dia, não tropeça,

porque vê a luz deste mundo. Mas se andar de noite, tropeça, porque nele não há luz.”

(João, 11:9)

Jesus passeava no alpendre de Salomão no templo de Jerusalém, quando foi cercado pelos judeus, que lhe disseram: “Até quando terás a nossa alma suspensa? Se tu és o Cristo, dize-no-lo abertamente”.

O Mestre passou então a discorrer sobre o alcance da sua missão redentora e a sua afinidade com Deus, chegando mesmo a afirmar que era uno com o Pai. Em face dessas e de outras afirmações, os judeus pretenderam apedrejá-lo ou prendê-lo, porém o Senhor conseguiu escapar de suas mãos, retirando-se para uma região situada além do Rio Jordão.

Decorrido algum tempo, foi ali procurado por emissários de Marta e Maria, irmãs de Lázaro, os quais deram-lhe a informação de que Lázaro estava gravemente enfermo. O Mestre não se preocupou muito com a notícia, aditando: “Esta enfermidade não é para morte, mas para glória de Deus, para que o Filho do homem seja glorificado por ela”.

Passaram-se mais dois dias, e o Mestre disse aos apóstolos: “Vamos outra vez para a Judéia”. Os discípulos repugnaram a idéia, dizendo: “Rabi, ainda agora os judeus procuravam apedrejar-te, e tomas para lá?”, ao que o Senhor respondeu: “Não há doze horas no dia? Se alguém andar de dia não tropeça, porque vê a luz deste mundo; mas, se andar de noite, tropeça, porque nele não há luz”.

Os judeus, face às obras realizadas por Jesus, estavam divididos, uns a seu favor e outros contra, tanto que, conforme se depara no capítulo 10, do Evangelho de João, “havia divisão entre os judeus por causa de sua palavra”.

O Senhor havia vindo entre as “ovelhas desgarradas da casa de Israel”, para que muitos dentre aqueles a quem viera apregoar a sua palavra, se dispusessem a segui-lo ou pelo menos se converter, e não seria o fato de ter sido ameaçado de apedrejamento que iria evitar que os seus ensinamentos continuassem a ser disseminados.

Ele havia se retirado da Judéia, mas tinha certeza plena de que a semente que ali havia sido lançada, haveria de brotar em muitos corações, germinando e produzindo frutos.

Quando procurado pelos enviados de Marta e Maria, o Mestre não se preocupou, pois sabia de antemão que a enfermidade de Lázaro não era para morte, pois aquele seu amigo apenas passaria por uma morte aparente, por um estado de catalepsia e que, regressando à Judéia, e fazendo com que Lázaro saísse do túmulo, produziria um impacto entre os judeus e o fato seria uma demonstração apoteótica da autoridade efetiva de que se achava investido da parte de Deus.

Os seus apóstolos repudiaram a idéia da volta para a Judéia face às violências ali sofridas, entretanto o Mestre não tinha as suas vistas restritas por qualquer limitação, o seu amor pelos seus irmãos era imenso e tomava-se imperioso um novo chamamento. Após isso “algumas ovelhas mais deveriam voltar ao aprisco”.

Por isso disse o Senhor: “Não tem o dia doze horas?” Como querendo dizer: Não se passaram vários dias: Não serviu esse tempo para que muitas idéias fossem amadurecidas? Muitos pretenderam apedrejá-lo, mas, por outro lado, muitos guardaram as suas palavras. Alguns daqueles que desejavam matá-lo ou prendê-lo, talvez tivessem refletido melhor, mudado de opinião.

Não havia ele afirmado que, se alguém nos obrigasse a caminhar cem metros, deveríamos caminhar com ele mais cem? Nesses segundos cem metros não poderia porventura surgir o diálogo, a reflexão, o remorso, a conversão, a reforma íntima?

Os judeus haviam obrigado o Mestre a caminhar vários quilômetros, indo de Jerusalém ao além-Jordão. Era bem provável que, fazendo a caminhada de volta, percorrendo outros tantos quilômetros, talvez ele conseguisse a reforma interior de muitos.

Jesus Cristo é a luz deste mundo. Sob o reflexo dessa luz os homens jamais tropeçarão. Era imperioso tentar o trabalho de conversão dos judeus enquanto ele estava no mundo, pois, após a sua partida, o mundo entraria novamente em trevas, e os homens tomariam novamente a tropeçar, pois foi com relação a essa assertiva que João proclamou em seu Evangelho: “A luz resplandeceu nas trevas, mas as trevas não a compreenderam”; “Jesus veio para o que era seu, mas os seus não o receberam”.

O Mestre deu assim patente demonstração de tolerância aos seus apóstolos. Não se deveria jamais perder a oportunidade de propiciar a alguém ser iluminado pela “luz deste mundo”, enquanto ela estivesse no mundo. Após isso, as trevas do obscurantismo passariam a predominar e os homens começariam novamente a tropeçar nos encolhos das superstições, das vãs tradições e do apego às coisas deste mundo.

Por isso, disse o Evangelista João, referindo-se a Jesus: “após ter feito com que Lázaro saísse do túmulo, muitos passaram a crer nele”.

O dia tem doze horas. Jesus ficaria muito pouco tempo no mundo. Ele é a luz do mundo. O tempo deveria, pois, ser aproveitado; enquanto ele aqui estava os homens não tropeçariam. Ele é o Caminho, a Verdade e a Vida.

Agora que a sua palavra está sendo difundida no mundo através da revelação do Espírito de Verdade, do Espiritismo, caminharemos sob a sua luz, evitando os tropeços e os obstáculos. Devemos, portanto, aproveitar a dádiva generosa das reencarnações terrenas, para que a nossa redenção espiritual se processe mais eficientemente e o Reinado do Espírito possa ser definitivamente implantado na face da Terra.

UM MÉDIUM CHAMADO ÁGABO

“E chegou da Judéia um profeta por nome Ágabo. E vindo ter conosco, tomou a cinta de Paulo, e, ligando-se os seus próprios pés e mãos, disse: Isto diz o Espírito: Assim ligarão os judeus em Jerusalém o varão de quem é esta cinta, e o entregarão nas mãos dos gentios.”

Esta narrativa dos Atos dos Apóstolos confirma, uma vez mais, que os primitivos cristãos se escudavam na orientação dos Espíritos, quando tinham necessidade de tomar determinadas atitudes.

Paulo, com alguns dos seus companheiros, hospedou-se na casa de Filipe, o evangelista, pai de quatro moças que possuíam faculdades mediúnicas e que, obviamente, serviam de instrumento para que seu pai e os cristãos que costumeiramente se abrigavam em sua casa, entrassem em comunicação com o plano espiritual.

Chegou também ali um médium chamado Ágabo, o mesmo que, segundo os Atos dos Apóstolos (11: 28), havia vaticinado que haveria grande fome na face da Terra: “E levantando-se um deles de nome Ágabo, dava a entender, pelo Espírito, que haveria uma grande fome em todo o mundo, e isso aconteceu no tempo de Cláudio César”. Ágabo, sem conhecer Paulo, fez uso da sua mediunidade de psicometria; “tomou o cinto do apóstolo e profetizou tudo aquilo que lhe iria acontecer, inclusive a sua prisão por meio de correias e subsequente entrega a um governador gentio”.

Em seguida a essa profecia, os amigos de Paulo intercederam para que ele não subisse a Jerusalém, porém o Converso de Damasco repeliu a idéia, dizendo peremptório: “Que fazeis vós, chorando e magoando-me o coração? Porque eu estou pronto, não só a ser ligado, mas ainda a morrer em Jerusalém, pelo nome do Senhor Jesus”.

Os Atos dos Apóstolos narram que Paulo subiu a Jerusalém e ali, pregando no templo, foi reconhecido por alguns judeus da Ásia, os quais deram início a surda rebelião contra os seus ensinamentos, agitando assim todo o povo. O tribuno Cláudio Lysias, vendo que a população estava em pânico, mandou que Paulo fosse atado com correntes e levado à Fortaleza. Na escadaria da prisão o apóstolo tentou um discurso em sua defesa, porém foi veementemente repellido pela turba fanática. O tribuno ordenou, posteriormente, que ele fosse conduzido ao Sinédrio, onde foi inquirido.

Nessa altura dos acontecimentos, Paulo foi avisado, por um seu sobrinho, que cerca de quarenta judeus planejavam uma conspiração e juraram que não comeriam nem beberiam, enquanto não o matassem, tudo isso sob os olhares complacentes do Sinédrio, pois os conjurados pediram aos membros do Conselho que solicitassem ao tribuno que lhes enviasse novamente o apóstolo para maiores inquirições. O plano consistia em abatê-lo no trajeto entre a fortaleza e o templo.

O tribuno, sendo informado dessa conspiração, mandou preparar uma tropa composta de duzentos soldados, duzentos arqueiros e sessenta cavaleiros e deu ordens para que Paulo fosse levado a Cesaréia antes da madrugada, onde o apóstolo foi entregue ao governador Felix. Após interrogatório levado a efeito pelo governador, Paulo foi atado com correias, cumprindo-se assim a profecia de Ágabo.

Paulo esteve detido pelo governador gentio por mais de dois anos, até que, no governo de Pórcio Festo, apelou para ser julgado por um tribunal romano: “Apelaste para César, para César irás”, asseverou o governador.

No seio das primitivas comunidades cristãs, o intercâmbio com o plano espiritual servia de bússola para todas as decisões, por isso vemos que, logo após a

primeira profecia de Ágabo em torno da fome que assolaria a Terra, os apóstolos se reuniram e resolveram mandar provisões e socorro para os irmãos que habitavam a Judéia; na segunda profecia, intercederam junto a Paulo para que não subisse a Jerusalém, no que não foram atendidos, pois o Apóstolo dos Gentios desejava, ardentemente, dar testemunho de Jesus em todo o mundo, a todos os povos.

A comunicação com o mundo espiritual era prática comum entre os seguidores de Jesus Cristo, prática essa que se prolongou por muitos séculos, até que, com a oficialização da religião pelo imperador Constantino, teve início o milenar processo de degenerescência da Doutrina Cristã, as comunicações passaram a ser coibidas, pois elas vinham prejudicar os planos adredemente preparados pelas trevas, de consolidar o conluio entre os poderes temporais e espirituais, pois só assim poderiam fazer com que a singela e meiga Doutrina, legada pelo Rabi da Galiléia, sofresse o impacto dos interesses mundanos, deixando de consolar os pequeninos e sofredores, para servir de esteio para os interesses mundanos dos grandes e potentados.

Ágabo era um autêntico médium, por isso Paulo aceitou plenamente o seu vaticínio e não trepidou em considerá-lo como verdadeiro, pois em Atos (20:23) vemo-lo proclamar: “E agora, eis que ligado eu pelo Espírito vou para Jerusalém, não sabendo o que lá me há de acontecer, senão o que o Espírito, de cidade em cidade, me revela, dizendo: que me esperam prisões e tribulações”.

A PAZ? NÃO, ESPADA

“Não penseis que eu tenha vindo trazer a paz à Terra; não vim trazer a paz, mas a espada; porquanto, vim separar de seu pai o homem, de sua mãe a filha, de sua sogra a nora; e o homem terá por inimigos os de sua própria casa.”

(Mateus, cap. X, v. 34 a 36)

Habitados a ler nas páginas fulgurantes dos Evangelhos apenas palavras de brandura e de tolerância, estranhamos quando Jesus muda de diapásão para proclamar que não veio trazer a paz à Terra, mas, sim, a espada.

Jesus Cristo, modelo vivo da docilidade, da bondade e da misericórdia, que apenas proferia palavras de fé, de incentivo, de esperança e de brandura, de um momento para outro passa a externar palavras de sentido revolucionário.

Essa mudança de um pólo a outro parece paradoxal, se não abandonarmos a letra que mata para divisar apenas o espírito que vivifica.

Emmanuel, consultado sobre o sentido daquelas palavras do Nazareno, pontificou: *“Todos os símbolos do Evangelho, dado o meio em que desabrocharam, são, quase sempre, fortes e incisivos. Jesus não vinha trazer ao mundo a palavra de temporização com as fraquezas do homem, mas a centelha de luz para que a criatura humana se iluminasse para os planos divinos. E a lição sublime do Cristo, ainda e sempre, pode ser reconhecida como a “espada” renovadora, com a qual*

deve o homem lutar consigo mesmo, extirpando os velhos inimigos do seu coração sempre capitaneado pela ignorância e pela vaidade, pelo egoísmo e pelo orgulho”.

Deriva-se dessas palavras do grande mentor espiritual que a espada significa o instrumento renovador que não tergiversa com os erros humanos e nem contemporiza com as falhas voluntárias daqueles que desejam manter o mundo acorrentado a inócuas tradições, vivendo sob a égide da superstição, do medo e do fanatismo.

Se o Messias viesse contemporizar com as nossas falhas descuidaríamos da nossa própria evolução, e passaríamos a aguardar, ansiosamente, que Ele voltasse de novo à Terra, fosse novamente crucificado e “arcasse outra vez com os nossos pecados”, no dizer dos antigos teólogos.

O Mestre não veio para nos livrar das nossas faltas, mas ensinar-nos o caminho para nos livrar delas. Não veio tomar sobre seus ombros os encargos das nossas transgressões, mas indicar-nos, através das palavras edificantes dos Evangelhos, como aprimorar nossas qualidades e nos aproximarmos da perfeição.

Jesus usava de palavras meigas e tolerantes para com os pequeninos e os pobres de espírito, mas também sabia empregar palavras cortantes e incisivas quando se dirigia aos escribas e fariseus hipócritas. A mesma boca que havia prometido a bem-aventurança aos aflitos, aos famintos e aos sequiosos de justiça, verberava acerbamente o procedimento dos fariseus que mantinham o povo na ignorância e no fanatismo. O Mestre que prometia a recompensa aos pacificadores, aos mansos e aos pobres de espírito, também acenava com os rigores dos sofrimentos expiatórios aos falsos mentores religiosos da época “que nem entravam no Reino dos Céus e nem deixavam que os outros entrassem” e que “colocavam pesados fardos nos ombros dos seus discípulos, mas que não ousavam sequer tocá-los com os dedos”.

Deduz-se ainda das palavras do Nazareno que não haverá trégua definitiva para os Espíritos ociosos, tornando-se um imperativo a procura, pelos meios que nos são facultados, da fórmula ideal para levarmos as nossas cruces, sem os inconvenientes das quedas sucessivas que retardam a nossa ascensão para Deus.

O fogo foi trazido à Terra pelo Meigo Rabi da Galiléia para que os homens se capacitem de que, somente pela luta interior em prol do aprimoramento moral e espiritual, a Humanidade poderá equacionar seus milenares problemas e sair do estado caótico em que se encontra.

Para isso o Evangelho é a solução.

A PARÁBOLA DE NATAN

“Por isso diz também a sabedoria de Deus: Profetas e apóstolos lhes mandarei; e eles matarão uns, e perseguirão outros. Para que desta geração seja requerido o sangue de todos os profetas que, desde a fundação do mundo, foi derramado.”

(Lucas, 11:49-50)

No II Livro de Samuel, Cap. 11 e 12, deparamos com um fato interessante: o rei Davi apaixonou-se por Bath-Seba, esposa de Urias, o heteo. Como desejasse tomá-la por esposa, escreveu a Joab, comandante do seu exército, pedindo que Urias fosse colocado na frente da tropa, num lugar extremamente perigoso, onde pudesse ser ferido e morto.

Tão logo Joab fez a sua vontade e Urias foi abatido pelas espadas dos filhos d'Amon, Davi tomou Bath-Seba por esposa, tendo ela sido posteriormente a mãe de Salomão.

Essa atitude imoral de Davi, obviamente, refletiu mal no plano espiritual, tendo o médium Natan, que naquela época exercia o seu mediunato na Terra, sido enviado a Davi a fim de formular-lhe severa reprimenda.

O médium Natan, aproximando-se de Davi, propôs-lhe a seguinte parábola:

Havia numa cidade dois homens, um rico e outro pobre.

O rico possuía muitas ovelhas e vacas, que formavam imenso rebanho.

O pobre nada possuía, a não ser uma pequena ovelha, que havia crescido junto a seus filhos, dormia dentro de casa e era estimada por todos.

Tendo o homem rico recebido uma visita, em vez de sacrificar uma das ovelhas do seu enorme rebanho, mandou pegar a única ovelha que o homem pobre possuía, matando-a e preparando-a para o seu visitante.

Quando Natan terminou a narração da parábola, o rei Davi ficou furioso, dizendo ao médium: “Vive o Senhor, digno de morte é o homem que fez isso. E pela ovelha roubada terá que dar o quadruplicado ao homem pobre, conforme estabelece a lei”.

Natan, adiantando-se, disse ao rei: “Tu és esse homem. Deus concedeu-te tanta riqueza, fazendo-te rei e senhor de todas as coisas do reino e de todas as mulheres das casas de Israel e Judá, e, no entanto, desprezaste a palavra do Senhor, tomando possível a morte de Urias, que apenas possuía uma esposa, que ele amava de todo o coração”.

O objetivo primário desse ensinamento é a demonstração de que todos os atos, bons ou maus, dos homens, têm a sua ressonância nos planos espirituais e, quando maus, jamais faltam as advertências dos Espíritos, influenciando em nossas próprias consciências ou através de avisos propiciados por terceiros.

No passado muitos profetas (médiums) foram enviados aos reis e ao povo de Israel, e, segundo o próprio dizer de Jesus Cristo, muitos deles foram perseguidos, apedrejados e mortos, simplesmente pelo fato de apregoarem a verdade.

Realmente, se perlustrarmos as páginas do Velho e Novo Testamentos, veremos ali o interesse do Alto pela reforma íntima das criaturas, enviando Espíritos que, através de vários médiums, alertavam os governantes e o próprio povo em tomo dos seus desregramentos.

O Mestre adiantou ainda que “as leis e os profetas duraram até João Batista”. Como não houve a devida receptibilidade àquilo que os profetas ensinaram, chegara a hora do ajuste de contas e aquela geração, contemporâneo de Jesus, cujos componentes fizeram parte das gerações anteriores pela lei das vidas sucessivas, e a qual não era mais acessível que as anteriores, chegando mesmo a decapitar o maior dos profetas (João Batista) e a crucificar o Ungido de Deus, teria que prestar contas

do sangue derramado por todos os enviados dos Céus, desde as épocas mais imemoriais.

Uma das peculiaridades interessantes da advertência do médium Natan a Davi é aquela de nos demonstrar que Deus, através dos seus prepostos e pelo caminho da Mediunidade, adverte os homens sobre os seus erros, sempre que ocorre um desvio de rota. Não são poucos os casos dessa natureza registrados tanto no Velho como no Novo Testamento.

— O profeta Daniel interpreta, através da sua mediunidade, as palavras de advertência escritas por um Espírito durante o festim de Baltazar;

— O Espírito de Samuel, através da médium de Endor, adverte o rei Saul em tomo dos seus erros e prediz a sua morte em combate;

— Amasias, rei de Judá, é advertido por um médium, por causa da sua idolatria (II Crônicas, 25);

— O médium Semaias adverte o rei Roboão, filho de Salomão, também por causa de idolatria;

— O médium Jeremias vaticina a destruição de Jerusalém e o cativeiro do povo de Israel, devido aos múltiplos desregramentos cometidos;

— Jesus, a seu tempo, predisse a queda e destruição de Jerusalém e a dispersão do povo israelita;

— Pedro é advertido através de manifestação espiritual, no sentido de não sustentar discriminação contra os estrangeiros e receber aos emissários do Centurião Cornélio (Atos, 10);

— Paulo recebe na Estrada de Damasco, através de efusiva manifestação espiritual, generoso convite para abandonar o fanatismo e o ódio e se transformar no “vaso escolhido”, tornando-se o instrumento para levar a palavra do Cristo a todas as nações.

Fim.

Acervo